



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

REJANE SOUSA DOS ANJOS

***LA HERIDA QUE ES RECORDAR:*
HISTÓRIA E MEMÓRIA NO ROMANCE *FE EN DIZFRAZ* DE MAYRA
SANTOS-FEBRES**

Salvador

2017

REJANE SOUSA DOS ANJOS

LA HERIDA QUE ES RECORDAR:
HISTÓRIA E MEMÓRIA NO ROMANCE *FE EN DIZFRAZ* DE MAYRA
SANTOS-FEBRES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA,
como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Florentina da Silva Souza

Salvador

2017

AGRADECIMENTOS

Esta é uma das minhas últimas ações no ciclo formativo que vem se encerrando: agradecer. No entanto, sem aqueles a quem dirigirei meus agradecimentos, este processo nem teria começado, fato que torna ainda mais aflitivo este ato solene de prestar honras aos que colaboraram direta ou indiretamente com meu trabalho.

A alegria de lembrar das contribuições das mais diversas prestadas por pessoas queridas vem acompanhada do receio de esquecer alguém importante. Contudo, não há como fugir desta dialética, a lembrança sempre trará consigo o esquecimento; resta-me, antecipadamente, pedir desculpas por algum eventual lapso de memória.

Sem mais, gostaria de iniciar agradecendo a Deus, pelo sopro de vida, por ter me dado força além do normal para enfrentar essa agriçoce vida acadêmica e coragem para continuar mesmo com todos os intempéries.

Meus sinceros agradecimentos também à minha mãe Rita – meu maior exemplo, minha inspiração, minha razão de ser – pelo amor, cuidado e apoio incondicionais.

A meu pai Rafael por ser um soldado a mais na luta pelos meus objetivos.

Aos meus irmãos Rafael Neto, Robson, Rialbert (*in memoriam*), Rosângela, Ronaldo e Rômulo por acreditarem e investirem nos meus sonhos e por estarem ao meu lado sempre que precisei.

Ao meu esposo Danilo pelo afeto, pela paciência e pelo cuidado de sempre.

Aos meus/minhas tios/as, primos/as, subrinhos/as, demais parentes e amigos por darem sentido e alegria a minha existência e por me proporcionarem momentos que tornaram este percurso mais leve e aprazível.

Ao GAPECC que me inseriu nos debates sobre as questões etnicorracias e de gênero, importantes para minha vida pessoal e acadêmica. Ao Conexões de Saberes que impulsionou minha caminhada no universo da pesquisa, apontando a importância das demandas do meu grupo, historicamente marginalizado em vários aspectos. Ao EtniCidades que possibilitou que eu conjugasse os temas mencionados à Literatura – que sempre fez meu coração bater mais forte. Agradeço especialmente a Andrezza e Catiene com quem compartilhei boas e memoráveis aventuras acadêmicas durante a Iniciação Científica e a Cristiane com quem partilhei as dores e as delícias do Mestrado.

Meu agradecimento especial à minha orientadora, Prof^a Dr^a Florentina Souza, carinhosamente chamada de Flora, pela generosidade ao compartilhar o conhecimento que possuí com todos aqueles que desejam, pelas orientações valiosas e pela amizade.

Agradeço também a Banca pela disponibilidade em participar desse momento tão importante e decisivo da minha trajetória acadêmica.

A FAPESB pela bolsa a qual possibilitou que eu desenvolvesse meu trabalho com mais tranquilidade.

*Tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto,
memória, mas já história (Pierre Nora).*

*Fe en disfraz es muchas cosas, pero, también, es una novela
acerca de la memoria, de la herida que es recordar (Mayra Santos-Febres).*

RESUMO

A dissertação intitulada *La herida que es recordar: história e memória no romance Fe en disfraz*, de Mayra Santos-Febres propõe uma leitura do romance referenciado no título de autoria da porto-riquenha Mayra Santos-Febres, focalizando-se as propostas interpretativas da escritora para categorias como memória e história, e o modo como articula ficcionalmente as histórias-memórias agenciadas no texto. Memória e história são temas muito explorados atualmente, entretanto, na pesquisa desenvolvida, o tema será abordado considerando os contextos de Brasil e Porto Rico referenciados no *corpus* da pesquisa. Contemporaneamente, tem-se produzido inúmeras releituras de versões apresentadas pela historiografia tradicional no que tange a memória da colonização e da escravização, é justamente esse movimento que se observa no romance ora estudado, assim, esta pesquisa objetiva visibilizar a produção intelectual e artística de autoria feminina e negra que, no contexto da América Latina, se propõe a reler criticamente memórias ancestrais, como é o caso de Santos-Febres. Para tanto dialogamos com referenciais teóricos advindos dos Estudos Culturais, da Teoria da Literatura, dos Estudos Feministas, dentre os quais estão os autores Stuart Hall (2003), Tomás Tadeu (2014); bell hooks (1995), Chimamanda Adieche (2014), Florentina Souza (2006), Lélia Gonzáles (1998), Angela Davis (2013) Home Bhabha (1998), Lélia Gonzáles (1998), Euridice Figueiredo (2010), Pollack (1986), Ricouer (2007), Nora (1996), Benjamin (2012), dentre outros. Em diálogo com esse referencial, a memória é aqui trabalhada como produção, isto é, no romance *Fe en disfraz*, a memória não é individual, mas coletiva, assim como não é espontânea, mas produzida, em função de questões como o dever de memória e a política da memória. Assim, Mayra Santos-Febres pode ser inserida dentro de um grupo de intelectuais insurgentes, por se comprometer em fazer uma leitura a contra pelo das histórias-memórias das mulheres de que trata a narrativa literária aqui estudado.

Palavras-Chave: Literatura Afrolatina; *Fe en disfraz*; Mayra Santos-Febres; História; Memória.

ABSTRACT

The dissertation entitled *La herida, que es recordar: história and memória in Mayra Santos-Febres's novel Fe en disfraz*, proposes a reading of the novel referenced in the Puerto Rican author Mayra Santos-Febres, focusing on the author's interpretative proposals for categories such as memory and history, and the way in which fictionally articulates the story-stories that are engaged in the text. Memory and history are currently much explored, however, in the research developed, the subject will be approached considering the contexts of Brazil and Puerto Rico referenced in the corpus of the research. Contemporaneously, there have been numerous re-readings of versions presented by traditional historiography regarding the memory of colonization and enslavement, it is precisely this movement that is observed in the novel studied here, so this research aims to make visible the intellectual and artistic production of authorship Feminine and black that, in the context of Latin America, proposes to critically re-read ancestral memories, as is the case of Santos-Febres. In order to do so, we have dialogues with theoretical references from Cultural Studies, Literature Theory, Feminist Studies, among which are authors Stuart Hall (2003), Tomás Tadeu (2014); (1998), Lélia González (1998), Euridice Figueiredo (2010), Pollack (1986)), Ricouer (2007), Nora (1996), Benjamin (2012), among others. In dialogue with this referential, memory is here worked as production, that is, in the novel *Fe en disfraz*, the memory is not individual, but collective, as it is not spontaneous, but produced, due to issues such as memory duty And the politics of memory. Thus, Mayra Santos-Febres can be inserted within a group of insurgent intellectuals, for committing to make a counter-reading of the women's stories-memories of which the literary narrative here studied deals with.

Keywords: Afrolatin Literature; *Fe en disfraz*; Mayra Santos-Febres; History; Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MAYRA SANTOS-FEBRES: UMA INTELLECTUAL INSURGENTE.....	18
1. 1 MAYRA SANTOS-FEBRES: DE CAROLINA PARA O MUNDO.....	18
1. 2 ENTRE FIOS TEÓRICOS E FICCIONAIS: ARTICULANDO A PRODUÇÃO CRÍTICA E FICCIONAL DA AUTORA.....	21
1. 3 A INSURGÊNCIA INTELLECTUAL.....	53
2 FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS EM NARRATIVAS LITERÁRIAS DE MAYRA SANTOS-FEBRES.....	59
2. 1 MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS: INVISIBILIDADE E OCULTAÇÃO DA DIFERENÇA NA AMÉRICA LATINA.....	62
2. 2 MAYRA SANTOS-FEBRES: VISIBILIZANDO MEMÓRIAS NEGRAS.....	67
2. 3 <i>FE EN DISFRAZ</i> : UMA NARRATIVA SOBRE <i>LA HERIDA QUE ES RECORDAR</i>	71
3 <i>FE EN DISFRAZ</i>: MEMÓRIAS DA ESCRAVIZAÇÃO.....	79
3. 1 O CORPO COMO SUPERFÍCIE DE INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA.....	81
3. 2 O SOPRO DAS ANCESTRAIS.....	83
3. 3 <i>FE EN DISFRAZ</i> E A PROBLEMÁTICA DO LUGAR: MEMÓRIA COMO PRODUÇÃO.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

A dissertação intitulada *La herida que es recordar: história e memória no romance Fe en disfraz de Mayra Santos-Febres* objetiva analisar o romance *Fe en disfraz* da escritora porto-riquenha Mayra Santos-Febres e identificar as propostas interpretativas da autora para categorias como memória e história, bem como verificar como ela articula ficcionalmente as histórias-memórias agenciadas no texto. Contemporaneamente, tem-se produzido inúmeras releituras de versões apresentadas pela historiografia tradicional no que tange a memória da colonização e da escravização. Pretendo com o este trabalho dar continuidade às pesquisas desenvolvidas no Grupo *EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afrolatinas/os*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Florentina da Silva Souza (UFBA), que pretende visibilizar a produção intelectual e artística de escritoras/es negras/os da América Latina.

Memória e história são temas muito explorados atualmente, entretanto, na pesquisa desenvolvida, o tema será abordado considerando os contextos de Brasil e Porto Rico referenciados no romance *Fe en disfraz*. Este livro inclusive possibilita pensar uma série de outras questões, tais como identidade, cultura, gênero, sexualidade, entretanto, me deterei à análise dos modos como a escritora Mayra Santos-Febres articula ficcionalmente memória e história.

O romance estudado transita entre os espaços que experimentaram a colonização europeia, Brasil, Porto Rico, Costa Rica, Venezuela. Considerando o contexto referenciado na narrativa este projeto visa analisar as estratégias utilizadas pela autora para tratar de certos elementos históricos relativos à colonização e escravização. A leitura aqui proposta é que a autora se apropria criticamente destes fatos e reelabora positivamente a identidade, história e cultura dos negros escravizados.

Este trabalho tem origem em diversas preocupações, umas científicas, outras político-ideológicas e outras, finalmente, sócio pedagógicas. No que se refere à questão científica, acredito que esta pesquisa apresente contribuições para o campo dos estudos literários por se debruçar em uma literatura de autoria feminina, negra e latino-americana, esses três recortes inserem o romance *Fe en disfraz* em um campo que precisa ser, apesar dos incontestáveis avanços, alargado¹.

¹ Essa preocupação em alargar o cânone literário, de modo a abarcar a produção de escritores e intelectuais negros/as tem ocupado estudiosos do grupo de pesquisa *EtniCidades* que desde 2000 tem objetivado visibilizar essas produções. A título de exemplo, dou destaque para a tese da Prof^a Dr^a Florentina Souza, coordenadora do projeto *EtniCidades*, publicada como livro em 2006 pela editora Autêntica, sob o título *Afro-descendencia em Cadernos Negros e Jornal do MNU*, o principal objetivo da autora era analisar os discursos produzidos por

A literatura produzida por mulheres, historicamente, foi colocada pela crítica tradicional à sombra da produção dos grandes escritores, somado-se a isso entra o critério racial e geográfico, o preconceito se intensifica ainda mais. Em pesquisa recente, Regina Dalcastagnè, tratando do contexto brasileiro, mostra, inclusive quantitativamente, que em se tratando de literatura contemporânea a maioria das publicações é assinada por homens. Consequentemente, os romances publicados pelas grandes editoras, não avançaram no que tange às representações de mulheres, que geralmente ocupam os papéis secundários, dentro do estereótipo do corpo de uso, confinada ao espaço doméstico e passivo.

Se na literatura o espaço da mulher e homem negros continua limitado e regulado, no âmbito dos estudos acadêmicos a situação não é diferente. O estudo da produção teórica, literária e artística de negras/os latino-americanos, especialmente, na parte hispânica, apesar dos inegáveis avanços, precisa continuar a ser analisada dentro e fora da academia. Por isso, proponho o estudo da produção literária de autoria de uma escritora negra, latino-americana, que discute crítica e literariamente categorias como identidade e cultura negra, bem como questões de gênero e sexualidade, propondo outras interpretações e sentidos, dispares dos discursos limitadores divulgados por outros objetos literários e por uma crítica mais conservadora.

A relevância científica deste trabalho está relacionada também ao fato de o *corpus* desta pesquisa apresentar uma releitura crítica de documentos da história de espaços onde agiu a empresa colonial. Considerando os inúmeros processos de ocultação do que há de mais tenebroso na escravização, concomitante às tentativas de suavização das violências deste terrível período da história humana, acredito que seja de extrema relevância a produção de discursos – sejam de cunho literário, acadêmico ou outros – que visem mostrar este lado ainda abstruso. *Fe en disfraz* se insere duplamente neste movimento: primeiro por ser uma obra literária contemporânea que lança um olhar (crítico) sobre temas históricos; segundo, por apresentar no contexto da narrativa uma personagem – mulher, negra, intelectual e preocupada em tratar de questões negligenciadas pela Academia. A historiadora e museóloga Fe Verdejo, personagem principal do romance de Santos-Febres, representa justamente uma

autores negros a partir dos periódicos referidos no título do seu trabalho. Outra pesquisa de doutorado que pode ser citada tem como título *Vozes Literárias de Escritoras Negras* e é de autoria da Profª Drª Ana Rita Santiago, sendo orientada pela professora Florentina Souza e publicada pela Editora UFRB em 2012, tendo como objetivo principal a análise da produção literária de escritoras negras baianas. Cito ainda a tese de autoria da Profª Drª Francineide Santos Palmeira intitulada *Vozes Afro-femininas na América Latina*, defendida em 2014, também orientada pela professora Florentina Souza, que analisa como são construídas as representações de afrodescendência na produção literária de escritoras latino-americanas.

gama de intelectuais afrodescendentes que buscam interferir nos esquemas de representação hegemônicos.

Outra preocupação que este trabalho apresenta é o teor político-ideológica: visibilizar, estudar, fazer circular romances do gênero de *Fe en disfraz* contribui para a desnaturalização de uma série de estereótipos acerca de negras/os que a muito tem sido reiterada pela tradição. Negras e negros em vários espaços nos quais agiu a empresa colonial não são comumente representados como sujeitos ativos e pensantes, ao contrário, são geralmente retratados como corpos sem alma, sem capacidades intelectuais, fadados a desempenhar funções braçais e pouco valorizadas. Estes esquemas tradicionais de representação fazem com que muitos indivíduos tenham dificuldade de enxergar os afrodescendentes fora de determinados estereótipos.

Sobre isto discute Florentina Souza no livro *Afro descendência em Cadernos Negros e Jornais do MNU* (2006). A referida autora trata do contexto brasileiro, mas, considerando as devidas diferenças, muitas das suas considerações ajudam a compreender a realidade de muitos espaços diaspóricos.

A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se, ainda, na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade. Em determinados papéis, a presença do afrodescendente é ‘naturalizada’; na maioria das cidades brasileiras vê-se como ‘normal’, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobres no exercício de tais funções, situações em que quase não são notados como pessoas, fazem parte do cenário – são invisíveis (SOUZA, 2006, p. 35).

Fica bem evidente com este trecho, que a experiência da escravização repercuti na distribuição dos lugares a serem ocupados pelos sujeitos na estrutura social, conforme evidencia SOUZA (2006), além disso, é fato que muitas políticas de representação reforçam estruturas que naturalizam certos papéis sociais de subalternização. Conseqüentemente, é de se esperar que as pessoas se admirem quando os afrodescendentes ocupem posições de destaque.

É notória a contribuição da sociedade escravagista para o aprisionamento das mulheres negras em determinados lugares sociais. No caso, muitas de nós, sempre é representadas como corpo de uso, sem nenhuma capacidade intelectual. Enquanto se verifica em diversos contextos, inclusive na Literatura, a reiteração deste e outros estereótipos, Mayra Santos-Febres – no romance em foco – não só dá visibilidade, como apresenta de forma positiva identidade e a cultura negras, sobretudo, às mulheres negras. A pertinência deste trabalho está

também no fato de investigar uma obra literária que pretende alterar, modificar os esquemas de representação hegemônicos na tradição ocidental.

Atrelada à visão político-ideológico, está o olhar sóciopedagógico. Desenvolver uma prática pedagógica democrática envolve desnaturalizar todo tipo de estigma social em sala de aula, criando um ambiente de respeito às diferenças e combate a todas as formas de discriminações. Esse trabalho visa discutir crítica e literariamente esses temas, por isso acredito que pode contribuir significativamente para a área educacional, mais especificamente, para o ensino de língua e literatura de língua espanhola. Inclusive colaborando com o trabalho de professores que desejem dialogar com os objetivos da Lei 10.639/05, que estabelece o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as áreas do saber. Este romance apresenta um conceito positivo sobre os negros e sua cultura, podendo assim, ser um importante recurso pedagógico para os professores de espanhol.

Para desenvolvimento desta proposta de pesquisa, percorri os seguintes passos metodológicos:

Considerando que o lugar de enunciação interfere na produção discursiva, iniciei esse percurso levantando informações sobre o contexto sócio histórico, político e cultural de Porto Rico, na tentativa de identificar diálogos tecidos entre a narrativa literária de Santos-Febres e o contexto de produção.

Fiz também um levantamento de informações da biobibliografia da autora para identificar possíveis biografemas no romance em estudo, já que esta narrativa contemporânea põe em diálogos uma série de elementos reais e imaginados, sem o estabelecimento de hierarquias.

Foi necessária uma releitura do romance com vistas à elaboração de uma análise crítica-interpretativa dos modos como são representadas as identidades e culturas negras; como são construídas as imagens de mulheres negras. Esse será um elemento importante devido ao meu interesse em demonstrar se a autora reitera os discursos correntes na literatura em relação a esses sujeitos ou propõe uma outra maneira de ler as identidades, culturas, histórias-memórias de negras/os.

Muito me interessa realizar um estudo de noções suscitadas pelo romance, como identidade, cultura, diáspora, sexualidade, história, memória, ficção a partir do qual poderei investigar as interpretações propostas pela autora para essas categorias. Isto é, verificar como tais questões se operam no texto de Santos-Febres e em que medida podem ser interpretadas como proposições/interpretações de cunho teórico.

Esses temas são amplos e bastante explorados, por isso dialoguei com referências advindas dos mais variados campos do saber, sobretudo, dos Estudos Culturais, da Teoria da Literatura, dos Estudos Étnicos e de Afro descendência.

A abordagem que propus foi realizada numa perspectiva comparada já que o romance em estudo é ambientado em mais de um contexto da América Latina, sendo aqui privilegiados a situação do Brasil e de Porto Rico, este último por ser o local de produção da narrativa e o primeiro por ser o meu lugar de fala. Essa articulação visa evidenciar as semelhanças entre os processos históricos de violação e expropriação aos quais foram submetidas essas sociedades, bem como o legado de invisibilização das histórias-memórias de negras/os escravizados, de Racismo e discriminações raciais e de gênero compartilhados por esses países.

Assim, no que se refere à produção de uma análise interpretativa do romance, decidi organizar as etapas desta pesquisa da seguinte maneira: Inicialmente, demonstrei que a performance de Mayra Santos-Febres permite inseri-la dentro de um grupo de intelectuais insurgentes, por se comprometer em fazer uma leitura a contra pelo das histórias-memórias do povo negro, especialmente, das mulheres negras; também mostrei alguns pontos da produção crítica da autora que se articula com a narrativa literária em foco; fechando, tracei um percurso analítico que demonstre como ao reler aspectos de um passado inventado para negras/os, a autora produz e ressignifica o presente, no contexto da narrativa, mas, sobretudo, fora dele. Para abordar este tema me vali das proposições de Said (2005), Foucault (2013), Cornel West (1999), bell hooks (1995), Neusa Santos (1983).

Realizei também uma leitura do romance *Fe en disfraz*, com vistas a apresentar uma proposta interpretativa da obra em questão, nesse sentido, foi interessante a contextualização do romance na cena da escritura latino-americana, de modo que para discutir sobre esse espaço denominado América Latina recorri a Anibal Quijano (2005), Stuart Hall (2013); considerando os aspectos ressaltados acerca desse contexto de produção (que é também ficcional), analisei o jogo de identidades (apresentadas como disfarces) operado pela autora no romance – para essa discussão dialoguei com Stuart Hall (2003), Tomás Tadeu (2014); para esta proposta interpretativa objetivo também era interpretar as facetas do protagonismo feminino propostas por Santos-Febres, valendo-me das discussões de autoras como bell hooks (1995), Chimamanda Adieche (2014), Florentina Souza (2006), Lélia González (1998), Angela Davis (2013); destaquei também o elemento da cultura: como a autora visibiliza e revitaliza uma série de ritos e mitos que foram suplantados pelo sistema colonial, para tanto recorri mais uma vez a Stuart Hall (2013), Home Bhabha (1998), Lélia González (1998).

Por fim, foquei naquela que constitui a questão central deste trabalho: a articulação história/memória. Assim tentei entender como a autora entrou no jogo da história, isso envolveu a apropriação dos esquemas de representação pelos grupos ditos subalternos, ou melhor, subalternizados – vale lembrar que Mayra Santos-Febres é mulher, negra, latino-americana, oriunda de um país que pode ser entendida como uma colônia moderna – assim, pretendo dialogar com Foucault (1996, 2013), Spivak (2014), Florentina Souza (2006); Nesta etapa também tratarei do modo como a autora releu a história de mulheres escravizadas, ressignificando suas identidades e propondo outras interpretações para suas histórias/memórias, Hall (2013), Euridice Figueiredo (2010), Pollack (1986), Ricouer (2007), Nora (1996); Foucault (2013); um aspecto da memória que me interessou analisar foi sua relação com o corpo, ou seja, partindo do contexto da narrativa, busquei compreender as estratégias utilizadas pela autora para apresentar o corpo como superfície de inscrição de uma memória ancestral, para pensar esta questão dialogarei com Benjamin (2012),

As próximas leituras do meu objeto e o diálogo com os autores aqui citados e os outros autores que certamente atravessaram minha jornada, conduziram-me a outros bosques. Assim sendo, o que se apresenta aqui em nada lembra uma camisa de forças, e sim uma malha bem maleável que até tem uma forma primeira, porém, vai se adaptando aos corpos que vão surgindo.

No primeiro capítulo, seleciono e analiso alguns ensaios da coletânea *Sobre piel y papel*, uma das obras que compõe a produção teórico-crítica da autora, apontando pontos de intersecção com sua produção literária, especificamente, com o romance *Fe en disfraz*. Assim faço uma discussão sobre inserção da autora na cena intelectual contemporânea, demonstrando que sua postura frente às demandas contemporâneas permite inseri-la dentro de um grupo de intelectuais insurgentes, por se comprometer em fazer uma leitura a contrapelo das histórias-memórias da escravização, especialmente, das mulheres negras. Também tentei mostrar que alguns pontos da produção de Santos-Febres, sugerem um interesse por reverter esquemas representacionais redutores e estereotipantes tanto no contexto ficcional quanto fora dele.

Analiso como figura a temática da memória em narrativas literárias de Mayra Santos-Febres, com vistas a identificar as estratégias utilizadas pela autora para visibilizar as histórias memórias de atores sociais historicamente relegados ao esquecimento em espaços que compõe a chamada América Latina em sua ampla acepção. Para tanto, fiz inicialmente uma contextualização a partir do eixo sócio-político e literário da América Latina no século XXI, com foco no caso de Porto-Rico, apontando as tentativas de apagamento das contribuições

culturais que os negros/as e também indígenas, legaram para essas sociedades. Posteriormente, propus uma apresentação do romance-foco principal deste trabalho, a partir do qual analiso as configurações de memórias, focalizando-se às memórias de mulheres escravizadas – tópico principal deste trabalho. Apresentei também uma breve consideração de outras narrativas da autora, a saber, os romances *Sirena Selena vestida de pena* (2000) e *Nuestra señora de la noche* (2006), aos quais recorrerí a fim de demonstrar o projeto da autora que visa tirar da subterraneidade, trazer à cena literária as histórias-memórias dos ditos grupos subalternos, no caso, de *Sirena Selena* temos como figura central uma travesti, em *Nuestra señora de la noche* o protagonismo é de uma prostituta.

No último capítulo deste trabalho destaco e analiso os eventos históricos representados no romance; bem como averiguo as representações de negras/os e suas histórias/memórias na obra; examino as imagens de mulheres negras forjadas na narrativa; e analiso as estratégias de articulações entre história, memória e ficção na trama ficcional. Assim, tento demonstrar que a autora se apropria dos esquemas de representação para (re)ler as histórias-memórias de mulheres escravizadas, ressignificando suas identidades e propondo outras interpretações para suas histórias/memórias. Destaco um aspecto que julgo interessante em torna da temática da memória que é sua relação com o corpo, ou seja, partindo do contexto da narrativa, busco compreender se/como a autora trabalha o corpo como superfície de inscrição de uma memória ancestral. Além disso, proponho uma leitura de que a memória no romance em foco pode ser entendida como produção, isto é, a memória apresenta um outro sentido para além daquele associado à lembrança, de rememoração, aquilo que chamamos *anamnesis*, geralmente individual. Em *Fe en disfraz*, a memória não é individual, mas coletiva, assim como não é espontânea, mas produzida, em função de questões como o dever de memória e a política da memória.

1 MAYRA SANTOS-FEBRES: UM ESCRITORA E INTELLECTUAL INSURGENTE

Nesta seção apresentarei uma breve biobibliografia da autora em estudo, bem como farei uma exposição panorâmica do contexto sócio-cultural e político do seu país de origem. Posteriormente analisarei algumas de suas narrativas com vistas a apontar a recorrência da temática da memória em seus romances.

1. 1 DE CAROLINA PARA O MUNDO

A escritora Mayra Santos-Febres nasceu em Carolina, Porto Rico, no ano de 1966. Devido a um problema de saúde muitas atividades infantis não lhe eram recomendadas e por isso, desde cedo, a escrita fez parte de sua vida, talvez fosse sua única forma de diversão e evasão. Aos quinze anos, conheceu uma professora pela qual passou a nutrir uma grande admiração e, segundo a própria autora, foi ela quem observou que lidar com as palavras era uma enorme potencialidade que possuía/possui, potencial este que certamente foi aperfeiçoado no curso de Letras, realizado na Universidade de Porto Rico.

Com a maestra Ivonne Sanavitis aprendeu a escrever com disciplina e como consequência deste aprendizado Mayra Santos-Febres, ainda na licenciatura, já publicava em revistas e jornais internacionais, como: o *Casa de las Américas* de Cuba; *Página Doce* da Argentina; *Revue Noir*, França; *Review: Latin American Literature and Arts*, Nova Iorque.

Sua produção literária pela alta qualidade é reconhecida e premiada em muitos países, além disso, algumas de suas obras foram traduzidas para o francês, inglês, alemão, italiano e português². Entre os títulos publicados, temos as obras poéticas: *El orden escapado* (1991); *Anamú y manigua* (1991); *Mal(h)ablar: Antología de nueva literatura porto-riquenha* (1997); *Tercer Mundo* (2000). Entre os livros de contos estão: *Pez de vidrio* (1994); *Oso blanco* (1996); *El cuerpo correcto* (1997). Santos-Febres publicou também os romances *Sirena Selena vestida de pena* (2000); *Cualquier miércoles soy tuya* (2002); *Nuestra señora de la noche* (2006); *Fe en Disfraz* (2009). Sua produção crítica encontra-se reunida no livros *Sobre piel y papel* (2005). Em 2011, lançou ainda o considerado livro de autoajuda *Tratado de Medicina Natural para Hombres Melancólicos*.

Anamú y manigua foi considerado um dos melhores livros publicados em Porto Rico no ano de seu lançamento, pela editora *La iguana dorada* de San Juan. *El orden escapado* lhe

² O conto *Resinas para Aurelia*, publicado na obra *El cuerpo correcto* foi traduzido para o português por Fernanda Felisberto e publicado no livro *Terras de Palavras* (Pallas, 2004), organizado pela mesma autora.

rendeu o prêmio de poesia da editora Tríptico Revisão, também de San Juan. A coleção de contos *Pez de vidrio* rendeu um dos prêmios mais importantes da carreira de Mayra Santos-Febres, o *Letras de Oro*. Também livro de contos *Oso Blanco* recebeu o importante prêmio internacional Juan Rulfo. Seus romances também foram bastante premiados: *Sirena Selena vestida de pena* foi finalista do prêmio *Rómulo Gallero* (2011) e ganhou o prêmio *PEN Clube* de Porto Rico, sendo traduzido para o inglês e italiano; *Cualquier miércoles soy tuya* foi muito bem aceito pela crítica e pelo público mais geral, tendo a primeira e segunda edições rapidamente esgotadas, esta obra foi traduzida para o inglês. *Nuestra señora de la noche* foi finalista do *Premio Primavera*, e ganhou o *Premio Nacional de Literatura de Porto Rico*.

Mayra Santos-Febres publica desde muito jovem possui muitas produções e premiações. Além disso, não deixa de dialogar com a lógica de uma sociedade globalizada e informatizada, estando extremamente conectada e afinada com as novas tecnologias de divulgação e difusão da informação. Algumas de suas obras, além de disponíveis na forma canônica (impressa), encontram-se também disponíveis para download na internet. Entrevistas a autora³ são facilmente encontradas na rede e textos seus⁴ (resenhas de livros, dentre outros) também estão disponibilizados em sites e blogs, incluindo o da própria autora que também tem páginas em redes sociais, como o *facebook*.

A fortuna crítica da autora também é bastante ampla. Cito primordialmente a instigante coletânea de ensaios intitulada *Lección Errante: Mayra Santos-Febres y el Caribe Flutuante*, organizada por Nadia Celis e Juan Pablo Rivera, publicada em 2011 pela editora Isla Negra (San Juan, Porto Rico), a qual contém estudos desenvolvidos por vários autores⁵ acerca da produção crítica e literária de Mayra Santos-Febres.

³ Cito como exemplo a entrevista “Literatura para curar el asma”, disponível no site: <http://www.barcelonareview.com/17/s_ent_msf.htm>, cedida ao Barcelona Review na pessoa de Marcia Morgado em 2000. Nesta oportunidade, Mayra fala sobre sua inserção no mundo da escrita, sobre o romance *Sirena Selena vestida de pena* e também sobre a recorrência da temática da sexualidade em sua produção literária. Mayra participou de algumas edições do *ConversanDos* um programa do Centro Virtual Isaacs da Faculdade de Humanidades da Universidad del Valle (Colômbia). Em uma de suas participações abordou o tema “O criolismo na literatura porto-riquenha” fazendo também alguns comentários acerca do romance *Fe en disfraz*. Esta entrevista encontra-se disponível no canal do programa no site youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=43y-rJPgLao>>. Acesso em: 16/10/2016. Em outra oportunidade, no mesmo programa, Mayra falou sobre a cultura negra na narrativa latino-americana, em especial em seus romances. Mayra comenta sobre seus esforços para escrever sobre os negros com uma visão que mescla o erotismo e a história. Esta entrevista esta disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uRZjWFZnlXE>>. Acesso em: 13/10/2016. Muitas outras entrevistas da autora em formato de texto e em vídeo estão disponíveis na internet.

⁴ O blog de Mayra se intitulado *Lugarmanigua* e pode ser acessado no endereço: <<http://mayrasantosfebres.blogspot.com.br/>>. A autora posta uma série de textos, comentários sobre questões contemporâneas, resenhas de livros, dentre outros. Esta plataforma foi inclusive analisada por Annette Passapera que apresenta texto publicado *Lección Errante*, organizada por Nadia Celis e Juan Pablo Rivera.

⁵ O referido livro conta com a participação de intelectuais que abordam aspectos diversos a partir de variados textos, literários e críticos de Mayra Santos-Febres, dos quais podemos Debra Castillo, Carmen Oquendo Villar, Annette Passapera,

Em resenha publicada na internet, Nancy Bird-Soto da University of Wisconsin-Milwaukee (EUA), afirma que

Lección errante es un libro de indiscutible relevancia para los estudiosos de la obra de Santos Febres, la literatura puertorriqueña, caribeña y latinoamericana, como también para los de la multifacética relación entre los escritores y el mundo mediático, los autores — en este caso, la autora — y el público. Es evidente el cuidado, rigor y lucidez de los colaboradores y editores, lo que a su vez es reflejo del refrescante impacto cultural y literario de lo que representa Mayra Santos Febres en la trayectoria de las letras puertorriqueñas (BIRD-SOTO, 2011?, s.p.).

A partir disto fica evidente a contribuição desta publicação, não apenas para proposição de uma leitura acerca da obra de um dos nomes mais influentes da literatura porto-riquenha contemporânea, mas para compreensão de *las letras puertorriqueñas*. Além desta publicação, o livro *Erotismo, pornografía o perversión* (Isla Negra, 2015) de Jeandelize González Rivera, originalmente uma tese defendida na Universidade de Massachusetts/Amherst, EUA, em 2006, apresenta uma leitura do livro de contos *El cuerpo correcto* (1998) e contribuiu para ampliar produção crítica acerca da literatura escrita por Santos-Febres.

É possível também encontrar na internet algumas teses e dissertações sobre a obra de Santos-Febres, a exemplo da tese apresentada por Lise Sauriol ao Departamento de Literaturas e Línguas Modernas da Universidade de Montreal (Canadá, 2015), sob o título *Auto-reflexividad, erografía y leitmotivs liminales en la producción narrativa de Mayra Santos-Febres (1995-2009)*. Além desta cujo foco é a produção de Santos-Febres, cito também a tese *Oshun Okantonú!, la imagen literaria de la mujer negra en las escritoras caribenhas* de Aymée Rivera Pérez apresentada ao Programa de Doutorado de Edição e Interpretação de Textos do Departamento de Filologia da Universidade de Alcalá (Madrid, 2012). Em um dos capítulos intitulado *Reconstrucción de la Representación de la Mujer Negra en na obra de Negras Escritoras Caribeñas de habla hispana*, Pérez propõe uma seção chamada *Mayra Santos-Febres, negritud y sexualidad puertorriqueña* em que analisa alguns textos da autora em questão, em especial, *Sirena Selena vestida de pena*, *Fe en disfraz* e *Sobre piel e papel* para abordar as questões sugeridas no título.

No Brasil, Liliam Ramos da Silva apresentou a tese *Recordar para (re)contar: representações da protagonista negra em três novelas históricas hispano-americanas* ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2015. Em um dos capítulos desta tese, a autora vai traçar um panorama da obra de

Santos-Febres, debaixo do subtítulo *Vozes Negras no romance hispano-americano*. A autora trabalha com a representação das personagens negras no romance hispano-americano, uma das propostas é justamente fazer o levantamento desses textos. Por privilegiar personagens negras em suas obras, Santos-Febres entra na pesquisa de Liliam Ramos da Silva, no entanto, não há uma análise aprofundada na tese de Silva, essa verticalização é feita a partir dos romances *La isla bjo el mal* (2009) de Isabel Allende, *Las esclavas de rincón* (2001) de Susana Cabrera e *Jonatás e Manuela* (1994) Argentina Chiriboga, mas para tornar conhecida produções nas quais negras/os figuram como protagonista a autora menciona outros romances, como o da própria Mayra Santos-Febres, além de outras/os ficcionistas, a exemplo de Tereza Cárdenas, Quince Duncan, Manuel Zapata Olivella, dentre outros. No nosso caso, a análise é mais centrada na temática da memória focalizando-se o romance *Fe en disfraz*, no qual é possível notar um investimento na reversão de discursos cristalizados acerca da mulher negra.

1. 2 ENTRE FIOS TEÓRICOS E FICCIONAIS: ARTICULANDO A PRODUÇÃO CRÍTICA E FICCIONAL DA AUTORA

*Sobre las pieles de la gente se ha escrito mucho.
El carimbo de los esclavos es un tipo de escritura sobre la piel muy común.
Piel y papel son superficies llenas de historia y de signos.
Me resulta fascinante leerlas (Mayra Santos-Febres).*

Além de atuar no âmbito literário, como poetisa, contista e romancista, Santos-Febres é ensaísta, crítica literária, revisora, professora e pesquisadora. Fez mestrado e doutorado nos Estados Unidos na Universidade de Cornell onde foi professora visitante, como também em outras universidades deste país, incluindo a de Havard e Cambridge. Atuou também em outras instituições na América Latina como a Univerisdad Autónoma de Yucatán, no México. Atualmente vive em San Juan e é catedrática na divisão de Ciências Humanas da Universidade de Porto Rico, unidade de Rio das Pedras. Sua trajetória na pesquisa possibilitou que Mayra se especializasse em estudos africanos, literatura caribenha e literatura feminina. Este repertório adquirido na academia não deixa de atravessar sua produção literária e vice-versa.

O romance *Fe en disfraz*, foco das minhas reflexões, por exemplo, é uma novela histórica na qual pude encontrar reflexões sobre a história e cultura dos escravizados, o

protagonismo feminino negro, bem como a problematização os relacionamentos inter-raciais passados e contemporâneos, temas abordados de modo em que há uma articulação entre teoria e criação. Esses atravessamentos entre ficção e teoria, literatura e história, dentre outros, marcam significativamente a produção da autora. Posso dizer ainda que Santos-Febres não faz distinção rigorosa entre o artístico e o acadêmico, trazendo assim contribuições para os debates em torno das questões etnicorraciais e de gênero em todas as suas frentes de atuação.

Margareth Shrimton, em artigo publicado no livro *Lección errante* (2011), sugere que a leitura da obra de Santos-Febres deve se dar de maneira transversal, pois, ensaios, poemas e narrativas se tocam e se suplementam: “oponiéndose a la verticalidade, la obra de Santos Febres se lee como una travesía por mares y manglares. Detrás de la colección de ensayos yacen preguntas semi-ocultas que se responden sumando los argumentos de los ensayos, poemas y novelas [...]” (Shrimton, 2011, p. 162). A leitura dos textos citados pelo viés comparatista confirmam essa proposição de Shrimton, muitas questões apontadas nos ensaios de Santos-Febres ganham corpo na narrativa literária que dialoga, amplia e suplementa as hipóteses da autora e vice-versa.

Assim, pretendo nesta seção traçar alguns paralelos aproximativos entre o romance *Fe en disfraz* e alguns ensaios da coletânea *Sobre Piel y Papel* (2005)⁶. Elegi para esta oportunidade alguns pontos nos quais me centrei para desenvolver a proposta. Inicialmente, desenvolvi uma discussão sobre *Intelectuais diaspóricas*. Assim como a protagonista de *Fe en disfraz*, Mayra Santos-Febres é uma intelectual que percorreu vários espaços divulgando seus estudos acerca dos temas raça, gênero e cultura negra e caribenha.

A já citada Margareth Shrimton insere Santos-Febres numa geração ciente “de su propia diversidad, y que construye su identidad precisamente en base a lo instable, lo negociado y lo contradictorio entre el espacio y el sujeto” (2011, p. 155). Mayra Santos-Febres é de Carolina (Porto Rico), estudou muitos anos nos EUA onde também permaneceu como professora visitante, além de ter percorrido vários países divulgando sua obra. Por outro lado, a protagonista de *Fe en disfraz* é uma venezuelana que encontra raros documentos na Universidade de Chicago onde trabalha, este achado resulta em uma pesquisa a ser desenvolvida no Brasil, na Costa Rica e em outros países da América Latina. Considerando que tanto a intelectual da ficção quanto da “vida real” tem seu processo identitário configurado a partir trajetória baseada na errância, pretendo explorar essa relação. O pensamento da errância é aqui apresentado a partir de Edouard Glissant (2011) que aponta

⁶Todos os ensaios que aqui forem referendados compõe essa coletânea. O ensaio *Mais mulher que todas*, originalmente publicado nesse livro, encontra-se disponível em português na edição online da Revista ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) de 2010. A tradução é de Fernanda Felisberto.

essa maneira diferenciada de compreender as histórias do Ocidente, primando pelo desenraizamento, reconhecendo que a “identidade não está na raiz, mas na relação” (GLISSANT, 2011, p. 28). Tanto na produção literária, quanto crítica, Santos-Febres se expõe ao diálogo com outro para repensar sua própria identidade e produção.

O segundo ponto a ser desenvolvido parte da noção *Escrevivência*, termo cunhado pela escritora e intelectual negra Conceição Evaristo, para então apontar na produção de Mayra aqui recortada, como a autora navega por sua história pessoal e intelectual para compor seus textos. Para Evaristo as escritoras negras, como ela, revelam sua insubmissão ao se apropriar da pena para escrever, a partir de uma condição e uma vivência que lhes são muito particulares:

[...] o que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se **o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida.** (...) Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, 20-21, grifos nossos).

Mayra se posiciona como mulher, negra, escritora e caribenha, lugares a partir dos quais fala e defende suas ideias, seja no âmbito da crítica ou literário, sempre demonstrando essa multiplicidade dessas vozes, estrategicamente marcadas, que coexistem em sua fala. Nesses espaços múltiplos e variados Mayra tem a possibilidade realizar **Questionamentos aos paradigmas hegemônicos**. O que se torna possível, pois a leitura *oferece a apreensão do mundo*, e a escrita *ultrapassa os limites de uma percepção de vida*, possibilitando ao sujeito mobilizar seu conhecimento, seu repertório de leituras e oferecer outras possibilidades de interpretação do mundo e dos discursos nele vigentes.

Intelectuais Diaspóricas

Como já mencionado Santos-Febres é pesquisadora e intelectual, assim como a personagem principal do romance em estudo. A posição intelectual e social da historiadora e museóloga Fe Verdejo suscita admiração de Martín Tiralo, narrador-personagem e de nós leitores, pois em um mundo marcado pelo racismo e pelo sexismo, as mulheres negras não são focalizadas a partir de suas capacidades intelectuais.

No abundan mujeres como Fe en esta disciplina; mujeres preparadas en Florencia, en México; con internados en el Museo de Historia Natural o en el Instituto Schomburg de Nueva York. No son muchas las estrellas académicas con su preparación y que, como Fe, sean, a su vez, mujeres negras. Historiadores como Figurado Ortiz o como Márquez hay cientos de miles. Somos hombres de extensa preparación libresca, tan blancos como los pergaminhos con los que nos rodeamos para sobrevivir nuestra inadecuada pertenencia al mundo de los vivos. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 16-17)

No excerto acima, pude verificar como a narrativa de Mayra Santos-Febres interfere no sistema de representações hegemônico, ao repensar o papel da mulher negra na narrativa literária e propor outro modo de representar. bell hooks⁷, destacada intelectual e feminista afro americana, afirma que para garantir a perpetuação da supremacia branca houve um investimento na produção e divulgação de uma iconografia negativa acerca da identidade negra, em especial das mulheres.

Para justificar a exploração masculina branca durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a nos informar a maneira como as negras são encaradas (hooks, 1985, p. 469).

Este trecho traz à atenção o fato de que a desvalorização da identidade negra atendeu ao propósito de garantir a manutenção do discurso e do projeto colonial, baseado na escravização. hooks ressalta que as mulheres negras foram/são geralmente representadas como “corpos sem mente”, ou seja, um ser sem nenhuma capacidade intelectual e que serviria apenas para atender aos anseios sexuais dos homens brancos ou servirem de amas aos filhos da casa grande. Nessa mesma linha de pensamento, a escritora e intelectual Conceição Evaristo, no texto *Da representação à auto representação da mulher negra na literatura brasileira* (2005), afirma que:

[...] literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (p 52).

⁷ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma escritora norte-americana nascida no ano de 1952, no Kentucky – EUA. O pseudônimo é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó e é grafado em minúscula por opção política da autora que deseja assinalar que *ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função dele*.

Conceição Evaristo trata do contexto brasileiro, mas sua discussão aponta para um fato incontornável: a representação de negras/os esteve e permanece atrelada a estereótipos difundidos desde o período colonial. Em pesquisa recente, Regina Dalcastagnè, tratando do contexto brasileiro, mostra, inclusive quantitativamente, que a maioria dos romances publicados entre 1990 a 2014 é assinada por homens. Consequentemente, a personagem da literatura contemporânea, segundo essa pesquisa de Dalcastagnè é branca. Vejamos mais atentamente alguns dados informados pela autora:

Entre todos os 555 romances publicados pelas principais editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record, Rocco e Objetiva/Alfaguara) no período de 1990 a 2014, **as autoras não chegam a 30% do total de escritores publicados. O que se reflete também na sub-representação** das mulheres como personagens em nossa ficção – as mesmas pesquisas mostram que **menos de 40% das personagens são do sexo feminino**. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à “voz”, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias. [...]

Por fim, é preciso dizer que esses dados se referem às personagens femininas brancas, cor que corresponde a quase 80% do total das personagens (masculinas e femininas) dos romances analisados e a mais de 90% dos/as escritores/as publicados/as pelas grandes editoras nacionais. **Quando as personagens são negras, ou mestiças**, as marcas de distinção são bastante reforçadas, mesmo entre as escritoras. Suas mulheres, nesse caso, **perdem variedade e complexidade**, tornando-se muito parecidas com aquelas construídas pelos homens – ou seja, são mais jovens, mais sexualizadas, mais dependentes e mais satisfeitas com os filhos, com os homens e com a situação em geral. (DALCASTAGNÈ, 2015, s.p).

Os dados apresentados neste excerto demonstram o acesso limitado de escritoras/es negras/os aos espaços editoriais e uma sub-representação das mulheres como personagens em nossa ficção, quando se trata de personagens negras à invisibilidade é acrescida de uma representação negativa e redutora. Toda essa discussão endossa a ideia de que é muito significativo o papel desempenhado pela personagem Fe Verdejo, na narrativa de Santos-Febres, afinal historiadores homens e brancos “hay cientos de miles”, porém “no abundan mujeres como Fe”, isto é, são poucas as representações literárias de mulheres negras intelectuais e com prestígio. Ao investir no protagonismo da mulher negra, duplamente discriminada pela sua condição etnicorracial e de gênero, Santos-Febres inova e ao mesmo tempo subverte uma ordem discursiva estabelecida e reiterada pela tradição ocidental. Protagonismo aqui entendido em sentido amplo, relacionando-se com a colocação da mulher negra em papel de destaque na narrativa e também com a apresentação dessa mulher como um

sujeito que atua de forma ativa e construtiva na defesa da dignidade humana e da equidade social.

Além do universo literário, é importante destacar que Santos-Febres também desenvolve pesquisas relacionadas à história e cultura de negras, dando foco especial a situação da mulher, sobretudo, no contexto caribenho. O livro *Sobre piel y papel* (2005), por exemplo, reúne uma série de ensaios apresentados pela autora em conferências ao longo de dez anos em países como Holanda, Espanha, Bélgica, Cuba, Argentina, República Dominicana, Martinica; os temas de interesse eram sempre os mesmos: gênero, raça, literatura, cultura caribenha. Mais especificamente, Mayra trata da questão da negritude e outros temas de relevância social, pertinentes à mulher negra e seus enfrentamentos numa sociedade excludente como as que busca retratar.

No texto *Itinerario: Mayra Santos Febres, Figura Y Obra*, texto inaugural da coletânea de estudos acadêmicos acerca da obra de Santos-Febres intitulada *Lección errante: Mayra Santos Febres y el Caribe contemporáneo* (2011), os organizadores deste livro Nadia Celis e Juan Pablo Rivera declaram:

La crítica de Santos Febres ha reconocido entre sus aciertos una singular capacidad para indagar en el interior de los otros y, desde allí, contar historias otras: las de travestis, prostitutas, esclavas y toda suerte de parias cuyas perspectivas le permiten refutar las dicotomías y jerarquías vigentes en el tejido social, la historia y el canon literario (2011, p. 20).

Como é possível notar no trecho acima, uma das potencialidades da produção de Santos-Febres, tanto crítica quanto literária, é a capacidade de falar desde (não falar por) as minorias políticas, o que, sem essencialismos, possibilita uma mirada diferenciada, permite “contar histórias outras” e promove a agenciamento de atores sociais que historicamente foram fixados atrás das cortinas do teatro literária e acadêmico. Os autores destacam também que, na coletânea de ensaios intitulada *Sobre piel e papel* (2005), Santos-Febres se posiciona como “mujer, negra, escritora y caribeña,”⁸ (p. 26). Essa afirmação inscreve a autora em um grupo de autores que, de posse dos aparelhos de representação, buscam rasurar projetos nacionais e identitários homogeneizantes e excludentes.

A tradição ocidental inventou e fixou uma identidade acerca dos orientais, assim também fez com as/os negras/os. De posse dos mecanismos de representação, criou e reiterou

⁸ Podemos compreender melhor a dimensão que possuem essas quatro margens a partir da noção de Escrivivência, proposta pela escritora e intelectual brasileira Conceição Evaristo, já mencionada. Mais adiante desdobraremos essa questão a partir de textos da autora em estudo.

insistentemente o *mito negro*⁹ de que nos fala Neusa Souza cuja produção intelectual ajuda a entender que saber-se negra/o é viver essa “experiência de ter sido massacrada/o em sua identidade”, mas envolve também um trabalho de luta para reverter esse quadro, reescrevendo histórias e positivando identidades, o que sem dúvida perpassa pelo trabalho intelectual.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 17-18).

Esta afirmação de Souza evidencia quão “massacrada” foi a subjetividade negra ao longo da história, um cruel processo que não é exclusividade do Brasil, mas de todos os países nos quais agiu a empresa colonial. No entanto, isso não acontece sem resistência, muitos foram os sujeitos que assumiram o compromisso em “resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” de si e de seus semelhantes. Esse é o caso da autora em estudo, que se afirma enquanto escritora – alguém que apresenta certo instrumental para (re)criar realidades e identidades a partir de seus textos – além de se colocar como mulher, negra que propõe suas reflexões a partir desse lugar que pode ser lido como expressão exemplar de multiplicidade que é o Caribe.

A própria autora afirma em entrevista que apesar da experiência do Caribe estar marcada por eventos históricos a partir dos quais surgem as identidades e culturas híbridas que lhe caracteriza, pouco se fala – por um viés historiográfico – desses encontros, embates, alianças e afetos entre os grupos etnicorraciais diferentes, obrigados a conviver e se refazer nesta comunidade imaginada. Este mar de não ditos fomenta o senso de responsabilidade por repensar os processos a partir dos quais essa identidade é construída, o que pode ser lido, inclusive, como uma forma de afirmação da identidade caribenha, por parte da autora, assim

En la experiencia propia de la caribeñidad, en su historia personal e intelectual, fundamenta Santos Febres su esfuerzo de develar, explicar y confrontar el significado del ser puertorriqueño y caribeño, la articulación de nación y región de cara a dos problemáticas fundamentales: raza y colonialismo (CELIS; RIVERA, 2011, p. 26).

Recorrer à história e a memória acaba sendo indicativo, na minha leitura, de um desejo de retomada e recriação desses discursos criados e reiterados pela tradição ocidental. Enquanto intelectual negra e caribenha, Mayra “busca las claves para un cambio epistemológico y ontológico que redefinirá los ejes vertebrales – individuo, familia y nación –

⁹ Na próxima seção, desdobrarei esta noção, proposta por Neusa Souza.

del sistema impuesto por Occidente, al romper con sus expectativas de orden, linealidad, unicidad y simetria” (CELIS; RIVERA, 2011, p. 27).

Na entrevista intitulada *A formação de um intelectual diaspórico* – cedida por Stuart Hall a Kuan-Hsing Chen e publicada no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2013), Hall menciona que sua história pessoal (e intelectual) perpassa por certas tensões relacionadas às bases discursivas coloniais perpetuadas e incorporadas por muitos, como verdades incontestáveis. Na ocasião o autor afirma:

Minha formação e identidade foram construídas a partir de uma espécie de recusa dos modelos dominantes de construção pessoal aos quais fui exposto. Eu não quis pedir licença, como fez meu pai, para obter a aceitação da comunidade negra da comunidade de negociantes expatriados, americanos e ingleses. Não conseguia me identificar com aquele mundo antigo do engenho e suas raízes escravocratas, a que minha mãe se referia como uma ‘época de ouro’ (HALL, 2013, p. 463).

De um lado a busca pela inserção em uma sociedade de ideais brancos que sempre excluiu e desqualificou negras/os, do outro a exaltação de um sistema que tratou serem humanos como objetos. Esse é o cenário da primeira arena de conflitos enfrentados por muitos: a família.

A força do discurso colonial resulta, sobretudo, da sua difusão no seio familiar, como também, através de outros meios: igreja, escola, literatura, mídias etc. Difusão tão eficaz que esses tipos de discurso chegam aos nossos dias quase que intactos, sendo sua assimilação quase que certa. Mas, existe um caminho do meio, o caminho da recusa. Quando pensamos em formação do intelectual um dos aspectos principais é este.

Sendo formado em sociedade racista, classista e sexista, o intelectual diaspórico tem que lidar com essa problemática que também é reproduzida nos bancos acadêmicos. Assim precisa em primeiro lugar recusar os mesmos modelos a partir dos quais é formado, sejam os reproduzidos pela família ou pela academia; é necessário que o sujeito se aproprie deles, mas para questioná-los de dentro.

A experiência de Hall narrada ao longo do texto citado é de um intelectual que vivenciou a diáspora, por ter saído da Jamaica para estudar na Inglaterra. Essa era a opção que os jovens interessados em continuar os estudos tinham, considerando que não havia universidades no país, em função disso, eles iam estudar no Canadá, EUA e Inglaterra. Este processo significativa relevância na sua produção acadêmica, uma vez que falar temas relacionados à diáspora, para intelectuais como Hall, é falar a partir de um lugar que lhe é próprio. Este lugar permite uma dupla mirada, coloca o sujeito num entre-lugar, na sua

relação tanto com a Jamaica quanto com a Inglaterra. Stuart Hall se coloca como “um estrangeiro familiar” pois, ao mesmo tempo em que conhece os dois lugares de dentro, não pertence “completamente” a nenhum dos dois, estando justamente na encruzilhada, no entre-lugar (HALL, 2013, p. 460). Acredito que é justamente essa posição que permite ao autor questionar as mesmas bases epistemológicas a partir da formação que obteve e propor novas interpretações, novas leituras, sobretudo, em relação a temas pertinentes a sua identidade e cultura.

O caso de Mayra Santos-Febres não é diferente do de Hall, no sentido que também viveu uma diáspora. Caribenha de Porto-Rico, que apresenta uma relação de dependência com os EUA, para onde a autora foi quando país de origem para estudar. E como demonstrado acima, a autora como intelectual diáporica também se propõe a questionar uma série de paradigmas que imperam a muito na sociedade ocidental, tanto na sua produção crítica, quanto literária.

Ao desestabilizar a ordem discursiva imposta pelo ocidente, Santos-Febres contribuiu para um “equilíbrio de histórias” de que nos fala Chimamanda Adiche, no texto: *O perigo de uma única história*. Nesta oportunidade a autora aponta alguns riscos da focalização de apenas uma versão para uma dada história o que favorece a criação de estereótipos, muitos dos quais povoam nosso imaginário sem que nos atentemos para o fato do quão nocivos são. Nesse processo, a literatura tem um papel preponderante uma vez que é uma importante divulgadora de histórias e também memórias e como salienta a autora:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (ADICHE, 2016, s.p.).

A literatura, a história exercem um poder enorme sobre os indivíduos, as representações podem ser utilizadas para o “bem” e/ou para “mal”, como aponta este excerto. Elas podem expropriar ou capacitar, tornar maligno ou humanizar, assim os escritores tem a possibilidade de escolher promover um equilíbrio da história, criar espaços onde ninguém é totalmente bom ou ruim, desviar de qualquer inclinação aos estereótipos redutores. Frente a isso, avalio positivamente o intento de Mayra Santos-Febres e tantas outros/as autores/as que oferecem para seu público leitor narrativas nas quais há um agenciamento das personagens negras.

Escrevivência

Em seu *Sobre piel y papel*, Santos-Febres explora a tendência de as sociedades ocidentais relacionarem a dimensão sexual ao componente raça, como se essa relação fosse natural:

Carne de tentación... Muchas son las historias en las que el signo de la seducción y del deseo va de mano de una oscurísima mujer. Josephine Baker, Matahari, Isabel la Negra. **Mientras fui creciendo, fue creciendo de mi madre y mis tías por monitorear mi manera de andar, de vestir.** En el entrevero les notava el empeño en convertirme en una negra fina, decorosa. Que en mí no se cumpliera el estereotipo de la negra promiscua, la gran seductora, la devoradora de hombres.

Ya sé que la sobresexualización de la mujer es un peligro que nos ronda a muchas, desde muy niñas. Pero tal parece un peligro selectivo. **Según el imaginario popular eurocéntrico, existen algunas mujeres más ‘calientes’ que otras.** La temperatura sexual sube mientras baja la latitud geográfica. Es decir, que **mientras más se aparta una mujer en la apariencia física y en cercanía geográfica de Europa más ‘deseable’,** seductora y tentadora resulta para el hombre blanco.

Alguns pontos chamam atenção nesta passagem do ensaio *El color de la seducción* que integra a coletânea de ensaios *Sobre piel y papel* os quais podem ser relacionados com o romance *Fe en disfraz*, publicação posterior à coletânea de ensaios. O primeiro aspecto que salta aos olhos na citação é que a autora menciona a preocupação de sua família em tentar controlar sua postura e comportamento, todo esse controle, sobretudo, das mulheres certamente negras, visava transformá-la em uma negra fina e recatada, mas também se relacionava com o desejo de evitar que se confirmasse nela a imagem cristalizada no imaginário popular da negra como promiscua, sedutora, devoradora de homens.

O mais interessante dessa discussão é que a autora escreve, discute teoricamente a partir de uma vivência, uma experiência que é pessoal, mas também é coletiva na medida que diz da realidade de muitas mulheres e meninas. Como a própria autora chama atenção, o perigo da hipersexualização ronda mulheres desde bem jovens, principalmente as negras, já que *según el imaginario popular eurocéntrico, existen algunas mujeres más ‘calientes’ que otras*. De acordo com esse imaginário quanto mais distante geograficamente da Europa e do perfil da mulher europeia, mais próxima ao estereótipo da mulher sedutora, promíscua, imoral, daí o título do ensaio.

A autora, portanto, problematiza uma questão pela qual é afetada em função da sua condição de gênero, racial e geográfico-cultural, pois visa entender como esse estereótipo funciona no Caribe. Em função disso, passo a ler suas proposições a partir da noção de

Escrevivência proposta por Conceição Evaristo, já mencionada, uma vez que a Santos-Febres se apropria do discurso e do espaço acadêmico para propor uma leitura de mundo desde uma vivência e um lugar diferenciado e que, por conseguinte, possibilita questionar certos paradigmas. No romance, o movimento é o mesmo. Abaixo transcrevo um diálogo entre a personagem Fe e Martín, este último insiste que precisava de mais fotos que melhor retratassem aquelas mulheres as quais os documentos da pesquisa de Fe Verdejo se referiam; diante da insistência a museóloga aponta para a raridade deste tipo de registro, conforme verificamos no diálogo abaixo:

—Solo se retrataban esclavas para propósitos de venta o cuando cometían algún crimen. También, se sacaban algunas fotos pornográficas. Pero eso empezó a hacerse a partir del siglo XIX. Todos mis documentos son anteriores. Solo tengo algunos *intaglios* que retratan costumbres de la época. También, te envié fotografías del traje de la exposición.

—Esas ya la vi. Pero, insisto, sería un éxito si se pudiera encontrar algún dibujo de las mujeres, algún grabado, algo que las retrate en detalle.

—Esas imágenes no existen. Te puedo enviar testimonios que describen a alguna que otra esclava. Los encuentro poco convincentes. [...]

—De todas formas, quiero ver. Los conferenciantes de Salzburgo también querrán.

—No creo que sea difícil ilustrar el portal.

—¿A quiénes se habrían parecido esas mujeres?

—¿No es obvio, Martín? Se parecían a mí (SANTOS-FEBRES, 2009, P 52-53)

Neste trecho notamos, por um lado, a incapacidade de Martín que criar uma imagem mental de como seriam fisicamente as mulheres escravizadas, por outro, Fe, além de conseguir fazer esse quadro, identifica aproximações entre ela e as escravizadas, apesar dos séculos que as separam e da situação bem diferente. Essa diferença no olhar se deve certamente ao lugar de onde falam, de suas vivências, histórias e memórias pessoais, mas também as que os conectam a outros sujeitos. A pesquisa que visa recontar a trajetória de escravizadas em tempos coloniais conta com a contribuição dos dois personagens – de um lado uma mulher e negra, do outro lado um homem e branco –, cada qual se empenha com um aspecto do trabalho, no entanto, as características citadas sobre Fe e Martín, bem como o trecho acima deixam evidente que o modo como cada um se relaciona com ele é diferente. O trabalho desenvolvido por Fe tem muito da *Escrevivência* de que fala Conceição Evaristo, já que ao recontar a história daquelas mulheres, Fe Verdejo reverbera e refaz sua própria história. A

pergunta “com quem deveriam se parecer essas mulheres?” feita por Martin, pode até soar um tanto quanto ingênua, mas revela a incapacidade, especialmente, do homem branco de se vê como participe de um terrível processo de desumanização de negras e negros. A resposta irônica de Fe produz um efeito interessante na personagem Martin:

Me quedé mirando a Fe, en silencio. Curiosamente, nunca antes me había detenido a pensar que sus esclavas se le parecieran. Que ella, presente y ante mí, tuviera la misma tez, el mismo cuerpo que una esclava agredida hace más de doscientos años. Que el objeto de su estudio estuviera tan cerca de su piel. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 52-53)

Silêncio, reflexão. Martin se dá conta (tardiamente, diga-se de passagem) de que aquela mulher inteligente, intelectual renomada, poderosa etc. se parecia com as escravizadas. Isto parece significar que (na mente de Martin) não há uma correlação imediata entre a mulher que Fe Verdejo é, considerando-se sua importância intelectual, posicionamento enquanto mulher e comandante, e uma escravizada violentada de todas as formas como mostram os relatos com os quais eles trabalham. Mas, um ponto interessante neste último trecho ratifica a questão da escrevivência em relação ao trabalho desenvolvido pela personagem Fe Verdejo cujo objeto de estudo sempre esteve muito perto de sua pele.

Voltando ao texto *El color de la seducción*, Mayra menciona que a mulher negra é sobremaneira alvo do desejo do homem (branco), todavia, apesar disso ser colocado como algo positivo na verdade destaca-se negativamente, pois:

Sin embargo, el deseo ‘ilegal’, un deseo jamás sancionada socialmente, pocas veces conducente al amor público, ese amor espiritual, alto, consagrado por la unión matrimonial. No, este es un deseo impuro, bajo, enfermizo, animal, el que atrapa al hombre en garras de una oscura devoradora.

Muchas veces me pregunté como había nacido el estereotipo, qué configuró el imaginário de una sociedad entera para convencerla de que lo negro era sinónimo de potencia sexual, de perdición. ¿Por qué en el mundo entero existe un deseo que conecta lo sexual con lo racial? ¿Como funciona esse estereotipo en el Caribe? [...] **Existen ciertos elementos históricos que pueden explicar por qué las culturas de occidente sexualizan la negritud.** Definitivamente la esclavitud fue fundamental em darle de tierra fértil al estereotipo para que creciera. (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 118-119, grifos nossos).

Diante disto, fica evidente que este desejo só se manifesta, em geral, na esfera do privado por ser considerado impuro, patológico, figurando como um calcanhar de Aquiles do homem que se deixa enredar pelos encantos da negra devoradora de homens, como está posto no imaginário popular. Nesse sentido, a mulher negra, em especial a “mulata” por mais se aproximar do estereótipo do branco, é muitas vezes enaltecida pela sua beleza exuberante

tanto no discurso comum quanto nos discursos da mídia e da literatura, no entanto, essas mulheres continuam sendo vistas como ideais para relacionamentos furtivos, episódicos e esporádicos.

Outra questão importante que a autora lança luz diz respeito às bases de sustentação desse estereótipo, Santos-Febres aponta a escravização como terreno fértil para seu crescimento, considerando que as culturas ocidentais tenderam a sexualizar a negritude como uma das estratégias de garantir a suposta superioridade do branco, bem como justificar a dominação masculina.

A partir destes pontos mencionados, a saber, o diálogo com a noção de escrevivência, a problematização do que subjaz ao discurso da negra de beleza exuberante e sensual, a discussão sobre as bases de sustentação deste estereótipo, pretendo atar os primeiros fios teóricos aos ficcionais. Ou seja, optei por fazer algumas aproximações entre as discussões propostas no referido ensaio e *Fe en disfraz*, sob a égide do discurso literário.

A ideia de escrevivência pode ser notada também na narrativa literária de Santos-Febres. Há uma problematização do imaginário forjado acerca da mulher negra que leva muitas mães e avós a assumirem uma postura superprotetora, talvez comparável à postura de um carcereiro cujo objeto da vigilância é o corpo da menina-moça negra. Essa foi a situação vivida pela personagem Fe Verdejo quando jovem, o relato diz:

Mi madre estudió en un internado. Mi abuela la ingresó en un colegio de monjas dominicas a la edad de doce años. De outro modo, terminaría como ella, de amante de algún señoritingo del litoral. Así que, de mala gana, entregó a las monjas a su única hija.

A los trece años, María, mi madre, le anunció a Raquel Verdejo, la suya, que quería hacerse novicia. A los catorce cumplidos, las monjas llamaron a mi abuela. Tuvo que lanzarse a toda prisa a sacar a su hija del monasterio en medio de las miradas torvas de la abadesa. Su hija estaba preñada. Nadie sabía de quién.

Después de arduos trabajos, Mamá Raquel logró casarla con un primo distante de la familia que le llevaba veinte años. La pareja se mudó a Caracas. Nací yo, y mi abuela se hizo cargo de mi crianza.

Vivimos en muchas partes, pero terminamos en Maracaibo al filo de mis trece años. Mi abuela decidió, entonces, apuntarme en un colegio para internas.

— María Fernanda, no me falles. No traigas otra desgracia a esta casa — me dijo cuando se despidió.

Nunca antes me había llamado por mi verdadero nombre, el nombre entero de mi madre.

Pasé los siguientes dos años obedeciendo el mandato de mi abuela. Cada vez que se celebraban bailes o que un seminarista nuevo comenzaba a visitar el colegio, yo me escondía en las habitaciones de las monjas. Allí, jugaba con sus hábitos, con los velos, las cuelleras y las sogas de cinturón. Los tocaba y me entraba una extraña sensación en el cuerpo, como un picor profundo que me encharcaba de sudor y de otros humores más complejos. Me daba miedo tocar los hábitos, pero no podía parar de hacerlo. Lo que nunca me atreví fue a probarme uno. Sabía que aquello hubiera sido mi perdición.

Otras veces, para escapar de tentaciones, me recluía en la biblioteca del colegio. Allí, prefería leer biografías de santos o libros de Historia. Eran mis lecturas favoritas. Aquellos libros contaban las vidas de princesas y reinas recluidas en monasterios, para purgar sus atribuladas almas; para escapar (o caer presas) en las redes del poder. Juana la Loca, Ana de Austria, Margarita de Escocia, Ana de Borgoña, Santa Águeda, Santa Teresa de Jesús, Sor Juana. Mujeres sabias, mujeres pías, mujeres sacrificadas. (SANTOS-FEBRES, 2009, 87-88).

Neste trecho é narrada a história em especial da juventude de Fe Verdejo, nossa protagonista e intelectual do romance que leva seu nome. A maior preocupação de sua avó era que ela ficasse grávida, repetindo a história dela própria e da filha, a mãe de Fe. Embora não seja mencionado o contexto indica que Rachel Verdejo monitorava os modos de María Fernanda – Fe, para que ela não passasse a imagem de mulher fácil e voluptuosa. Um dos indicativos disto é o próprio fato de ter colocado a neta, assim como fez com a filha, em um internato administrado por freiras. A educação oferecida era pautada em princípios cristãos (católicos), com vista o desenvolvimento de autodomínio e aquisição de valores morais, integridade e fé em Deus. Essas qualidades afastariam, em tese, o risco de desenvolver um comportamento luxurioso, que figuravam no imaginário coletivo como típicos das mulheres negras.

Ao deixar a neta no internato Raquel Verdejo deu uma orientação cabal a neta: de não falhar, como as outras mulheres da família e ceder aos desejos da carne, além disso, acrescenta: *no traigas otra desgracia a esta casa*. Esta fala indica o receio de ser “desmoralizada” mais uma vez por ter uma das suas grávida sem estar casada, servindo de mote para perpetuação dos discursos aqui já apresentados. O noviciado aparece como forma de expurgar do corpo das mulheres negras essas tendências ditas naturais à hipersexualização.

Fe seguiu a risca a orientação de sua avó, vivia se escondendo, fugindo dos rapazes e dos seus desejos interiores, buscando manter o ideal de pureza atribuído às mulheres brancas. Para não ceder a tentação, Fe lia, lia sobre *Juana la Loca, Ana de Austria, Margarita de Escocia, Ana de Borgoña, Santa Águeda, Santa Teresa de Jesús, Sor Juana. Mujeres sabias, mujeres pías, mujeres sacrificadas*. As referências de mulheres sábias, piedosas, religiosas

(puras), altruístas eram referências de mulheres brancas, pode-se dizer que o completo oposto era atribuído às mulheres negras, como Fe. A lógica que estava em voga apresentava duas possibilidades para Fe: de um lado tentar se comportar como uma garota pura, do outro encarnar o estereótipo da lasciva. Para não ser identificada desta última forma, Fe lutava contra os desejos próprios da sua idade. No ensaio *Más mujer que nadie* (2005), Santos-Febres afirma:

Las mujeres y el cuerpo siempre hemos tenido una relación problemática. Tantas veces vivimos encerradas en su parcela, sin poder salir del cuerpo; tantas veces nos vimos a nosotras mismas como ofertas para la demanda de hombres, tanto quisimos convertirnos en las doncellas puras, honradas, hermosas y amantísimas. O en las seductoras hambrientas y poderosas. (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 50).

Este trecho discute que a relação entre mulher e corpo é apresentada de modo problemático nesse paradigma imposto pela nossa sociedade sexista e racista. As mulheres veem-se obrigadas a assumir um lado, a aprisionar seu corpo em nome do título de mulher donzela, pura, honrada, caso contrário, corre o risco de ser convertida na sedutora volúvel; nessa esteira uma escolha ou outra estaria relacionada com as demandas do homem.

É interessante notar que, como apontado por Santos-Febres, o discurso da mulata erótica, exuberante, boa de cama é muitas vezes apresentado como positivo. Sendo assim, está ideia subjacente de que a mulher negra em não sendo a donzela, pura e honrada não pode ser a escolha prioritária para estabelecer um relacionamento duradouro, um laço matrimonial, sendo escolhidas, comumente enquanto amantes, concubinas. A autora aponta isso no texto crítico, mas retoma no contexto literário, o caso da avó aponta isso quando na citação mencionada se lê: *Mi madre estudió en un internado. Mi abuela la ingresó en un colegio de monjas dominicas a la edad de doce años. De outro modo, terminaría como ella, de amante de algún señoritingo del litoral. Así que, de mala gana, entregó a las monjas a su única hija.* A avó de Fe viveu um relacionamento sem ser casada e não queria o mesmo nem para sua filha nem para a neta, muito por conta disto mesmo relutante colocou ambas em um colégio interno.

Outro aspecto que Mayra trata em seus ensaios e que também aparece nos textos críticos diz respeito às bases de sustentação deste estereótipo, a autora atribui a alguns eventos históricos, mais especificamente ao cruel processo de escravização. No finalzinho do trecho de *El color de la seducción* citado mais acima, a autora aponta justamente isso ao defender que *existen ciertos elementos históricos que pueden explicar por qué las culturas de occidente sexualizan la negritud. Definitivamente la esclavitud fue fundamental em darle de*

tierra fértil al estereotipo para que creciera. Isso significa que o projeto escravocrata não se valeu apenas de medidas práticas, objetivas, como exploração do trabalho escravo e violência física para evitar revoltas e motins. Ela se utilizou também de um amplo trabalho no nível do discurso que daria sustentação a suposta inferioridade dos negros e que por isso poderiam ser explorados e violentados. Essa discussão também ganha corpo na literatura de Mayra, em especial no seu *Fe en disfraz*. No trecho a seguir são descritos os maus tratos aos quais era submetida a escravizada Diamantina, uma das histórias de escravizadas apresentada no romance *Fe en disfraz*:

En la aldea de Tejuco era conocido el trato cruel que Diamantina recibía de su dueña, doña Antonia de la Granda y Balbín. Constaban estos excesos de injurias públicas en la plaza, a la salida de las misas; azotes, empujones, sobre todo, cuando la esclava Diamantina estaba con hijo. Diamantina declaró haber venido anteriormente a pedir protección real ante el gobernador Alonso Pires, por los excesos cometidos por su ama.

[...]

Doña Antonia, de cuarenta y cinco años de edad, infértil, explicó que sabía de los usos que su esposo le daba a la esclava. Que los oía refocilándose por todas partes, su esposo bufando sobre el cuerpo de la esclava y que, más de una vez, los había visto ‘en el acto’, él pinchándole la carne, mordándole los pechos y ella gritando como las “callejeras de la calle, como acostumbran las que son de su clase [...] las negras, personas sujetas a servidumbre, viles, de baja suerte, atrevidas y desvergonzadas [...] las criadas [...] corruptas como callejeras pues en realidad lo son, que así son estas mujeres todas y como tal se comportan”. Que por las rendijas del cuarto del lavado, de los establos de las mulas, el cuarto donde hierve la melaza, ella los ha espiado, los ha visto hacer sus asquerosidades, pues no se aguantaban y, en donde quiera, su señor le brincaba encima a la esclava, poseyéndola en cualquier posición y hora del día o de la noche; a veces, dos y tres veces al día, vestidos o desnudos, en el campo, trepándosele él encima y ella aullando como una loba. Doña Antonia declara que poco le ha hecho a esta endemoniada vil, que, por ello, la ataca sin piedad, aun cuando está con hijos, y que así seguirá haciendo con la venia del Santísimo, mientras le quede fuerza en su pobre cuerpo enfermo, por los sinsabores con los que esta perra malagradecida le ha pagado el techo, la comida y el intento de llevarla por los caminos de la fe y la moral (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 27-29).

Neste trecho é denunciado um dos tantos casos de violência contra mulher escravizada. O caso de Diamantina é emblemático, pois sua algoz é uma outra mulher, Antonia, uma jovem senhora de 45 anos: uma mulher branca, herdeira da casa grande, beneficiária do mesmo sistema que lhe oprime. Deixemos essa prosa para mais adiante. Por hora quero me ater ao discurso de Antonia. Tomada pelo ciúme, revoltada com a traição do marido que mantinha relações e tinha filhos com Diamantina, já que não podia fazer nada

com o marido, projetava toda sua raiva contra escravizada, agredindo física e verbalmente, sobretudo, quando estava grávida, pois ela própria, por ser infértil.

Todo discurso dela se apresenta no sentido de colocar a escravizada no nível do animal, do selvagem comparando-a com uma cachorra e com uma loba. No entanto, ela não fica no nível do pessoal e estende seus comentários a todas as mulheres negras, ao chamar Diamantina de cachorra de rua ela completa: *como acostumbran las que son de su classe*. Ou seja, mulheres como Diamantina, segundo o pensamento de mulheres como Antonia, habitualmente se comportariam como vagabundas, vadias. Mas ela não fica por aí, mas desdobra as características implícitas na forma pejorativa de cachorra ao afirmar que as negras são vis, atrevidas, sem-vergonha e ainda corruptas, chegando a reafirmar que na realidade todas as mulheres negras são assim e se comportam como tal.

Estão presentes nesse discurso todos os estereótipos que hipersexualizam a mulher negra os quais tanto combatemos desde há muito. As identidades, valores e culturas de negras/os, mulheres, homossexuais, latinos são pensados em seus textos não a partir de esquemas estereotípicos.

De acordo com Neusa Souza¹⁰, “[a] sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (1893, p. 19). Ou seja, interessava ao projeto colonial não só escravizar os negros, como criar um discurso que repetido sistematicamente fosse capaz de fixá-lo nos papéis de subalternidade. Este pensamento reverbera ainda hoje no imaginário coletivo contemporâneo, ou nas palavras de bell hooks *continua a nos informar a maneira como as negras são encaradas*. Mayra Santos-Febres traz para o contexto da ficção a discussão acerca da escravização e seus legados. Como discutido, interessou ao sistema colonial escravocrata a disseminação destes estereótipos, que apresentavam negras/os como seres de segunda categoria e que por esse motivo poderiam ser explorados, violentados, agredidos. Baseada também nessas imagens negativas acerca das negras, Antonia tratava com tamanha ferocidade suas criadas.

Homi Bhabha, no texto *A outra questão: o estereotipo, a discriminação e o discurso do colonialismo*, afirma:

¹⁰ Neusa Santos Souza é uma psicanalista de orientação lacaniana e escritora, nascida na Bahia que militou desde a década de 1980 contra o preconceito racial no país. Os trabalhos desta autora continuam embasando inúmeros estudos sobre a temática racial dentro da área da psicologia, dentre os quais destacam-se *Tornar-se Negro* (1983), *O Objeto da Angustia* (1995) *A Psicose: um estudo lacaniano* (1999).

Um importante aspecto do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na constituição ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultura/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar” já, conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano (BHABHA, 2013, p, 105).

Esta citação de Bhabha contribui para endossar a ideia de que para justificar o projeto colonial foram criados e veiculados discursos com base em estereótipos inferiorizantes acerca de negros, ameríndios e asiáticos os quais asseguram o mito da supremacia branca. Todas as subjetividades envolvidas no processo são atingidas por esse discurso, alguns têm, contudo, suas subjetividades por ele fortalecidas, enquanto outros têm suas subjetividades por ele enfraquecidas, devido às referências negativas.

Como afirma Félix Guattari (1992, p. 11) “a subjetividade [é] produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais”, como já sugerido, isso significa que nos constituímos enquanto sujeitos a partir do contato com o outro e com os discursos que nos rodeiam pelos quais somos afetados, o que é afirmado por Stuart Hall quando diz que “a forma como as coisas são representadas e as maquinarias de representação numa cultura [...] Exercem um papel *constitutivo* e não apenas reflexivo, posterior-ao-evento” (1988, p. 307). Diante disso, não posso/não podemos deixar de pensar as representações como um importante elemento no processo de produção de subjetividades. Isso aparece no romance uma vez que a personagem Fe, diante das representações negativas acerca das mulheres negras, reproduzidas inclusive pela sua avó, busca, para não decepcioná-la, se distanciar ao máximo dessas imagens; por outro lado, as representações positivas das mulheres brancas sobre as quais ela lia fomentavam na jovem o desejo de ser parecida com elas. Isto não está na narrativa textualmente, mas podemos inferir que do mesmo modo Fe enquanto jovem talvez, tivesse rejeitado sua identidade, por estar sob influência de determinado sistema de representação. Ocorre que se essas representações difundirem estereótipos redutores e negativos sobre as/os negras/os, por exemplo, esses sujeitos, caso assimilem esses valores poderão incorporar um autoconceito negativo de si, ter sua autoestima abalada e suas perspectivas confundidas.

Em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, Edward W. Said nos mostra como a ideia que temos do Oriente e dos orientais resulta de uma construção empreendida pela tradição ocidental:

O conhecimento do Oriente, posto que gerado da força, em um certo sentido cria Oriente, o oriental e seu mundo. Na linguagem de Cromer e Balfour, o oriental é apresentado como algo que se julga (como em um tribunal), algo que se estuda e se descreve (como em um currículo), algo que se disciplina (como em uma escola ou prisão), algo que se ilustra (como em um manual zoológico). A questão é que em cada um desses casos o oriental é contido e representado por estruturas dominantes. (SAID, 1990, p. 50-51).

Desse modo, ratifico a leitura de que existem “estruturas dominantes” interessadas em divulgar imagens do outro (subalternizado) – no caso, dos orientais – que favoreçam a concretização e/ou manutenção dos objetivos do hegemônico. Assim todo conhecimento produzido acerca do oriente pelo ocidente, como evidencia a citação, cria o oriente, o que aponta a íntima relação entre saber e poder, haja vista que conhecer uma coisa implica também dominá-la, ter autoridade sobre ela. O mesmo pode ser pensado em relação às representações das pessoas negras divulgadas pela cultura ocidental.

Como salienta Tomaz Tadeu da Silva, no texto *A produção social da identidade e da diferença*, representar significa produzir uma leitura sobre algo, atribuir um sentido, não fornecer uma verdade única e absoluta acerca da coisa representada:

A representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Em uma perspectiva pós-estruturalista, o conceito de representação incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. Isto significa questionar quaisquer das pretensões miméticas, especulares ou reflexivas atribuídas à representação pela perspectiva clássica. **Aqui, a representação não aloja a presença do "real" ou do significado.** A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. **Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido.** Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e **estritamente ligado a relações de poder.** [...] É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. (SILVA, 2014. s.p.)

Neste trecho Tomaz Tadeu da Silva deixa evidente que sua interpretação da noção em voga não está relacionada a uma certa tradição filosófica que associa a representação à imitação, desaconselhável, pois ninguém imita com perfeição, resultando em produção de cópias imperfeitas da realidades, os simulacros (DELEUZE, 2000, s.p.). De acordo com esse pensamento, a representação possui algo que remete a uma essência, ainda que falsa, pois, ao representar o sujeito estaria atribuindo à coisa um valor de verdade e fixando um ideal a ser divulgado e incorporado ao sistema de ideias das pessoas. Por isso, a produção de simulacros deveria ser evitada e estando os poetas produzindo estas imitações mal fundadas, inúteis e

desnecessárias deveriam ser expulsos da República. O poder de representar deveria se limitar a alguns iluminados, no caso, os filósofos, não a todos irrestritamente. Somente esses últimos apresentariam faculdades intelectuais e discernimento para estabelecer um sistema de pensamento capaz de distinguir “as boas e as más cópias”, ou seja, as cópias bem fundadas e os simulacros, mas principalmente “assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros”, e assim garantir a distinção o mundo das essências e o mundo das aparências e todas as dicotomias derivadas (DELEUZE, 2000, s.p.)

Para Silva (2014), o que está em jogo não é criar imagens sob *presença do ‘real’*, mas criar e/ou atribuir sentidos a partir dele. Por estar intimamente relacionada com o poder, a representação propicia, inclusive, a definição, ou invenção de identidades. Ou seja, há fortes ligações entre representação, poder e identidade, haja visto que as representações fornecem leituras sobre as identidades, estabelecem e fixam um regime de verdade sobre elas e revelam as políticas de representação com as quais os autores se comprometem. Como chama atenção o próprio Tomaz Tadeu da Silva: “Questionar a identidade e a diferença significa [...] questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2014, s.p.). Assim escritoras/es e intelectuais negras, dentre os quais se inclui Mayra Santos-Febres, se empenham no sentido de atribuir novos sentidos para as identidades e culturas negras, bem como das mulheres negras, rasurando os sistemas de representação hegemônicos.

Questionamentos aos paradigmas hegemônicos

Como mencionado, a partir da sua condição etnicorracial, de gênero, bem como a partir da sua posição enquanto intelectual, Mayra Santos-Febres produz discursos que terminam por rasurar uma série de paradigmas estabelecidos na tradição ocidental – o que, como tenho discutido, ocorre tanto no âmbito da crítica quanto literário. No ensaio *Confesiones de una mujer lúcía* (2005), Santos-Febres, valendo-se da ironia e do humor, mostra uma mulher que rompe com os esquemas estabelecidos pela nossa sociedade pautada no patriarcado e no machismo. A autora sugere que uma mulher lúcida é uma mulher atenta para as camadas mais profundas da estrutura social, uma mulher que não se preocupa com a moral e os bons costumes, nem em se comportar como uma dama, delicada, recatada. Além disso, não estaria dentre as preocupações de uma mulher lúcida zelar para não ser confundida com “uma mulher de rua”, uma mulher vadia, pois ela estaria muito mais preocupada em gozar sua liberdade e gerir seu próprio corpo.

Certamente, a liberdade e a gerência de corpo de que goza a mulher lúcida, mencionada por Mayra, causa estranhamento e desestabiliza os papéis sociais construídos pela sociedade, como aponta a autora no trecho abaixo transcrito:

La presencia de una mujer desestabiliza los roles sexuales asignados por la sociedad. De repente el macho proveedor de tragos e servicios no tiene más remedio que convertirse en pana, pajera, y payaso con una mujer lúcida, eso si se atreve, si le importa menos estarse en su lugar que pasarla bien. Lo mismo pasa con las otras mujeres que comparten espacios con la mujer lúcida. Ocurre que de repente ellas también enseñan muslos, piden *shots* de tequila, se sacan a bailar las unas a las otras sin miedo, le agarran las nalgas a la gente, se ríen alto y se despeinan. Algunas hasta llegan al extremo de sudar. Eso si les interesa más estar vivas que mantenerse decentemente sentadas en su mesita de esquina (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 10)

Nesse contexto o macho alfa, provedor deixa de ocupar uma posição de superioridade e de destaque que lhe fora destinada socialmente e é obrigado a se colocar no mesmo nível da mulher lúcida. Esta lucidez da mulher contemporânea não permite que ela se enquadre nos modelos pré-concebidos os quais estabelecem um modo único de comportamento. Ao contrário, possibilita que ela saia sozinha ou acompanhada para beber, dançar, rir ou mesmo suar, mais ainda, libera a mulher para gerir o seu corpo como bem entender, se relacionar com quem quiser sem ter que se preocupar com o que os outros vão falar. Além disso, que já não é pouco, mulheres lúcidas ocupam posições historicamente atribuídas aos homens, ocupam altos cargos, posição de chefia, são intelectuais e afins. Assim, seguem mostrando para a sociedade que nada as impedem de desenvolverem suas funções com competência, nem a condição de gênero, nem a racial, tampouco a origem geográfica, o que incomoda bastante, sobretudo no mundo intelectual. No trecho abaixo, Santos-Febres aponta alguns pretextos que são utilizados para deslegitimar a produção de uma mulher lúcida e intelectual:

En el mundo intelectual, una mujer lúcida es un insulto a la capacidad teórica de vanguardia. Si la tacha superficial (porque no tiene el look lánguido de los que adoecen entre los textos filosóficos), banal (porque bebe, fuma y baila sin citar a Verlaine), apolítica (porque se la ve irse a menudo a la rumba) y..., como decirlo..., bruta. Como compartir con la gente de la calle no tiene el mismo valor intelectual que teorizar sobre ello, la mujer lúcida se convierte en otra manifestación chata de la mujer alienada, la mujer dominada por su rol social, que tan sólo se interesa en lo cosmético. Contra ella se erige la profesional, mujer que rige su conducta según las más estrictas normas del recato, la propiedad, la elegancia, la igualdad de oportunidades, ahora combinadas con la agresividad competitiva de las sociedades industrializadas. (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 11-12).

Uma mulher lúcida é apresentada como um insulto para o mundo intelectual. Isso dialoga muito com a diz bell hooks quando afirma que a mulher, em especial as negras, não

pensadas como dotadas de capacidades intelectuais, ao contrário são vistas como *um corpo sem mente*. Assim, quando ocupam uma posição fora dos papéis de subalternidade, distante da esfera doméstica figuram como uma afronta a lógica machista, branca. Quando já não é possível limitar radicalmente o acesso aos espaços de poder à mulher lúcida inicia-se um processo de detração, ao considerá-la superficial, banal, apolítica, bruta. Esses epítetos na verdade são atribuídos por elas se distanciarem das normas de comportamento e de moral hegemônicas, por criar e seguir suas próprias normas onde recato, elegância não prescindem de igualdade de oportunidades e competitividade.

No romance *Fe en disfraz*, esse paradigma machista e racista que limita a participação das mulheres negras no meio intelectual é também rasurado. Coube ao narrador-personagem Martín Tiralo – também historiador, mas sem prestígio – o papel de digitalizar e catalogar os documentos frutos da pesquisa desenvolvida pela protagonista Fe Verdejo, sua chefe. Eis que temos um homem branco subordinado a uma mulher negra, intelectual renomada que possui um cargo de prestígio. Esta inversão causa estranhamento especial à personagem Martín: “Fe me atraía y me intimidaba. Su prestigio como jefa de división y museógrafa se me presentaba como un reto, como un ‘detente’ en el camino; también, como un señuelo. Ella era mi jefa. Era una mujer negra.” (SANTOS-FEBRES, 2011, p. 34). Nas narrativas literárias do ocidente, em geral, foi imposta às mulheres negras a posição de objeto sempre à disposição do homem branco, por isso Mayra Santos-Febres inova ao colocar para os leitores uma personagem negra fora destes papéis de subalternidade.

Em outro momento da narrativa literária de Santos-Febres, temos uma personagem chamada Baéz que insinua o trabalho intelectual de Fe Verdejo *le mató el espíritu*:

Además, Fe Verdejo era inescrutable. Nadie sabía detalle alguno sobre su vida fuera de las paredes del seminario. Todos suponían que no la tenía.

— No pierdas tu tiempo — me advirtió Baéz una vez que me sorprendió contemplándola desde el escritorio —, debe ser tan fría como las vitrinas que ella misma monta. Todo lo que ha estudiado le mató el espíritu. Es una pena, porque todavía le quedan sus carnes de buena hembra. (p. 35)

Neste trecho o narrador Martín constata que Fe Verdejo, sua chefe, era insondável, por certamente manter a discrição e não levar assuntos pessoais para o ambiente de trabalho. Esta atitude, a mais adequada, inclusive, é, no entanto, avaliada negativamente pelos colegas. Como apresentado no texto *Confesiones de una mujer lúcía*, se a mulher não se encaixa no estereótipo da intelectual esquelética e de aparência doentia é tachada de superficial, se sai na noite para beber, se fuma e dança rumba é tachada de banal e apolítica e se não aceita as

investidas dos colegas – que talvez aspirem seu cargo e veem na relação sexual uma forma de subjugar-la – é considerada bruta, frígida, chegam a insinuar que não tem vida (pessoal, sexual) para além do trabalho, da vida acadêmica.

É notável, com isso, que a mulher, em especial a negra, que tradicionalmente é vista como *corpo sem mente*, quando desempenha atividades intelectuais e acadêmicas passa a ser vista como *uma mente sem corpo*. Ou seja, é negada no nível do discurso a possibilidade de essa viver normalmente, como qualquer pessoa, de curtir a noite, de tomar um porre, de falar e rir alto, de se relacionar com quem queira, ou de optar pelo casamento ou pela maternidade, sem deixar de se responsabilizar com as demandas acadêmicas. Em outro artigo intitulado *Sobre cómo hacerse mujer* Santos-Febres afirma:

En la academia también me tope con otro modelo; el de la ‘intelectual feminista’. Los requisitos de género eran otros – sobriedad, inteligencia, elocuencia, competitividad y una sexualidad independiente, controlada y saludable’, como de manual de ejercicios. Si mostrabas demasiado interés por depilarte las piernas, los amantes, por parir, o si te reías demasiado alto, nadie te iba a tomar en serio como ‘profesional’. Esas preocupaciones les tocaban a otras mujeres, a aquella que querían ser madres ejemplares, ‘esposas trofeo’, viudas herederas, trabajadoras clericales o técnicas de belleza, pero jamás a una brillante intelectual. (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 26-27).

Em outros momentos do referido texto, a autora relata que aprendeu a ser delicada, gentil, calada, ou seja, feminina com as freiras no colégio católico que estudava. Com a mãe e tias aprendeu que força era sinônimo de mulher as quais teriam que desenvolver uma capacidade de aguentar dor, trabalho, maltrato (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 25). Mas mesmo a academia que é colocada acima do mundo das pessoas comuns, centro de reflexão e análise crítica da realidade, é dominada por ideias conservadoras, restritivas, preconceituosas, além de também estabelecer modelos fixos de intelectual a ser imitado.

Pelas considerações feitas por Mayra Santos-Febres nota-se que ela própria se deparou no meio acadêmico com padrões que estabeleciam o que era ser uma mulher intelectual. Esta não deveria se ocupar de coisas triviais, reservadas às mulheres comuns, as mães e esposas exemplares, as herdeiras ou outras, que não sejam ou aspirem ser intelectuais brilhantes. Estas últimas deveriam ser sóbrias, inteligentes, eloquentes, competitivas e ter uma sexualidade independente, é como se houvesse uma fórmula, uma receita e como se as intelectuais não pudessem ser tudo isso e igualmente femininas, delicadas ou se preocupasse também com a aparência ou em ser mãe dedicada. Pensando pelo lado das mulheres que não desenvolvem atividades intelectuais notamos também que, por esse discurso, elas não pudessem ser

competitivas, racionais, cobrias etc. Essas coisas são apresentadas como excludentes, o que não é necessariamente uma regra.

Obviamente, o trabalho intelectual exige muito das mulheres, o caso das mulheres negras é mais emblemático por razões históricas, sobre isso discute a já citada bell hooks no texto *Intelectuais negras* (2005):

Concentrando-me particularmente em negras que concluíram cursos universitários, mas o interromperam no estágio de escrever a tese final, descobri que eram as mais enredadas em sentimentos contraditórios sobre o valor acadêmico e/ou trabalho intelectual e que esses sentimentos bloqueavam psicologicamente sua capacidade de concluir essa exigência final. Ocorreu-me que escrever a tese e o momento de nosso trabalho de graduação em que mais diretamente enfrentamos o que significa mergulhar no pensamento e na escrita solitários. Para a maioria das alunas é essa experiência universitária que mais bem exemplifica o caráter individualista do pensamento e do trabalho intelectual (hooks, 2005, p. 471).

Esse trecho do texto de bell hooks apresenta sua leitura sobre a situação de algumas mulheres negras que precisam lidar com sentimentos contraditórios em relação a atividade intelectual. Muitas universitárias em fase de conclusão de curso acabam tendo dificuldade para finalizar o processo uma vez implica *mergulhar no pensamento e na escrita*, uma experiência que via de regra é solitária. A dificuldade residiria justamente nesse caráter dito *individualista do pensamento e do trabalho intelectual*, para muitas mulheres negras isso se torna um problema pois, segundo hooks, foram condicionadas a se sentirem culpadas pelo tempo passado longe da família, especialmente as negras que são mães. Outro caso é das mulheres negras que têm que lidar com “obstáculos materiais” (hooks, 2005, p. 471) e por conseguinte, teriam dificuldade para se concentrar em atividades intelectuais. São muitos os dilemas da mulher que é negra e intelectual. hooks, além desses problemas de isolamento e envolvimento com a comunidade, menciona a pressão por adotar um estilo de escrita acadêmica tradicional e o temor de não ter o nosso trabalho levado a sério por um público maior, segundo hooks “esses temores inibem a produção intelectual” (hooks, 1995, p. 472).

Tanto Mayra Santos-Febres, a intelectual da *vida real* quanto a personagem Fe Verdejo, a intelectual do romance *Fe en disfraz* visam romper com o imaginário que focaliza a mulher negra a partir biológico, com ênfase na dimensão sexual. As negras são apresentadas como histéricas sexuais, promíscuas, lascivas, no caso, das escravizadas de que fala o romance *Fe en disfraz*, acrescenta-se a ideia de que deitavam-se com os senhores de escravos por livre e espontânea vontade e por apresentarem as características citadas.

No capítulo 5 (cinco) do *Fe en disfraz*, é narrada a história das escravizadas Petrona e María violentadas sexualmente por vários soldados, o relato passa a dizer:

El primer día — cuenta Petrona — tres gendarmes entraron en María, uno por delante y otro por detrás, mientras otro le ponía su vergüenza en la boca hasta casi ahogarla. A mí me sujetaron dos y me hicieron mirar lo que hacían. Uno me tenía de las greñas y me forzaba a tomarlo con mi boca. Los otros dos tomaban turnos para entrar en mis naturas.

“Los siguientes días nos usaron para sosegarse, mientras competían entre sí, midiendo sus virilidades y haciendo luchas a cuerpo desnudo entre ellos. Estaban como poseídos. No paraban de aullar ni de montársenos encima”. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 39-40)

As imagens acima retratam os abusos sexuais sofridos pelas duas escravizadas em uma ilha na Costa Rica na qual desembarcaram de navios ingleses. Imaginamos a tortura física e mental a qual foram submetidas essas mulheres. Brutalmente violentadas, sendo estupradas por três homens ao mesmo tempo. Conforme ficou expresso no trecho inicial “tres gendarmes entraron en María, uno por delante y otro por detrás, mientras otro le ponía su vergüenza en la boca hasta casi ahogarla”. Esta violência injustificada e sobre-humana é uma mostra de quão perversos e pervertidos eram aqueles que levavam a cabo o processo de escravização. A máxima de que as escravizadas eram histéricas sexuais que precisavam ser controladas foi utilizada para justificar os estupro praticados pelos homens brancos.

Mayra em seu romance não apenas focaliza os danos que a escravidão e os escravocratas causaram nas/os negras/os, mas também expôs a psicopatologia do branco. Maria Aparecida Bento, no texto *Branqueamento e Branquitude no Brasil* (2003), cita como um dos aspectos da branquitude o silêncio em torno do papel do branco no processo de escravização e a consequente omissão do legado material e simbólico deste processo que beneficiou os herdeiros da casa grande. Na oportunidade a autora faz uma crítica a Florestan Fernandes, que se dedicou a denunciar o racismo e a violência da escravização, mas ainda assim, não conseguiu avançar no que se refere à abordagem da “deformação que a escravidão provocou na personalidade do branco”, como afirma ainda a autora, a própria “decisão de escravizar ou a omissão frente ao sistema escravocrata já carrega em si indiscutíveis sinais de deformidade moral e ética”. (BENTO, 2003, p. 21). A política do branqueamento é sempre pensada como um problema do negro que insatisfeito consigo busca assimilar os ideais do branco, no entanto, o que se tem é um histórico processo de degradação da identidade, dignidade e autoestima de todo aquele que fosse não branco. No entanto, esse processo é/foi completamente silenciado, devido aos pactos de branquitude, e focaliza-se a situação do negro como resultado de um processo no qual os brancos não tiveram participação.

As cenas da escravização, que Mayra apresenta, demonstram essa deformidade moral e ética daqueles sujeitos que se sentiam no direito de violar das mais diversas formas o outro, apenas porque não eram iguais a eles. Por não terem nenhum compromisso moral com as escravizadas, homens e mulheres brancos as viam como peças, passíveis de todas as atrocidades que o relato literário de Santos expõe. A exclusão moral¹¹, como afirma Bento, é uma manifestação de processos psicossociais (BENTO, 2003, p. 05) e ao visibilizar as perversões escravocratas o texto de Santos-Febres contribui para desvelar que a formação moral desses sujeitos apresentava certo nível de anormalidade. Difícil é imaginar que este tipo de comportamento era considerado a norma.

Atentemos ainda para a história de Ana María, outra personagens de *Fe en disfraz*, uma garota de apenas doze anos:

Ana María, mulata de doce años, se presentó ante el gobernador del Valle, bañada en sangre, que provenía de varias heridas, que —dice— le hizo en la cabeza don Manuel Joseph García, sobrino de Manuela Sancho (su ama), por orden de esta, sin haberle dado motivo para ello. Vino a acogerse al amparo real.

“García me dio un pescozón por el rezongo que traía. Por este motivo, le contesté que les pegase a sus criados y a sus esclavos, pero que yo no era su esclava. García me volvió a golpear, pero esta vez, tomó un zapato de mujer y, con el tacón, me dio muchos golpes en la cabeza y me hirió en varias partes, mientras mi ama, doña Manuela, miraba y se reía”, aseguró la niña.

El gobernador del Valle le preguntó a Ana María si era cierto que se retrasaba a propósito. Ana María le contestó que la causa de su lentitud se debía a que la noche anterior el sobrino de su ama había cohabitado con ella en las escaleras traseras de la hacienda, forzándola por medios varios. Que le había tocado los pechos, las entrepiernas, de espaldas a la escalera, y que, luego, entró en ella teniéndola parada y sin poder moverse. Que, luego que vio que le bajaba sangre, la hizo virar de frente, y que por allí dispuso de ella hasta que terminó su faena. Ana María le enseñó al gobernador sus carnes llenas de astillas y de raspaduras.

Doña Manuela Sancho dijo que la declaración de la esclavilla Ana María era pura calumnia y que su sobrino, siendo novicio de la orden jesuita de Cartagena, era incapaz de tal acción. Que ya haría ella decir la verdad a su esclava. Tomando un chirrión en la mano, dijo: “este lo he de empapelar para pelar a esa perra zamba [...]”.

El gobernador del Valle acogió a la esclavilla en amparo real hasta que encontrara nuevo amo. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 49-50).

¹¹ Sobre isto, Maria Aparecida Bento (2003) afirma: “O primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados. [...] Pelos processos psicossociais de exclusão moral, os que estão fora do nosso universo moral são julgados com mais dureza e suas falhas justificam o utilitarismo, a exploração, o descaso, a desumanidade com que são tratados” (p. 05).

Essa é a história de Ana María: uma menina, que não foi poupada de nenhuma violência imposta pela madre fera, escravidão, mas, sobretudo, imposta por aqueles que dela tiram benefícios. A garota foi violentamente agredida por um rapazinho filho da casa grande que inclusive era protegido e aplaudido pelos seus atos. Além da violência física Ana María relata a violência sexual que sofrera. Seu depoimento representa muitos outros textos históricos de meninas e jovens negras que variados lugares foram brutalmente violentadas.

Angela Davis afirma que “como fêmeas, as mulheres escravas estavam inerentemente vulneráveis a todas as formas de coação sexual. Se a mais violenta punição dos homens consistia nos castigos e mutilações, as mulheres eram castigadas e mutiladas, bem como violadas” (DAVIS, 2013, p. 12). A autora dá ênfase ao fato de que havia algumas formas de violência ajustadas às mulheres. A brutalidade com que era tratada a jovem Ana María indica que, ao contrário do discurso em voga, a pervertida no caso não ela, mas o menino branco que a estuprou tão violentamente a ponto de deixá-la banhada de sangue. Mesmo diante dos fatos a tia do jovem “novicio de la orden jesuita de Cartagena”, como esperado, insistia em afirmar que o tal rapaz seria “incapaz de tal acción”.

A violência em sua ampla acepção é inerente ao sistema colonial, à escravização, além de um importante sustentáculo inclusive da ideologia racista, haja vista que os escravizados eram considerados peças, bens móveis. As mulheres vistas como unidades rentáveis para o trabalho assim como os homens, do mesmo modo, as crianças compunham enormes proporções de força de trabalho. Não só se exigia produção do escravizado, como também castigava-se quando julgavam ineficiente o serviço. Angela Davis, no texto *O legado da escravatura: bases para uma nova natureza feminina* (2003), registra:

Neste sentido, a opressão para as mulheres [e crianças] era idêntica à opressão para os homens. Mas as mulheres também sofreram de maneiras diferentes porque eram vítimas do abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres (DAVIS, 2013, p. 11).

Mesmo sendo praticamente uma criança, Ana María era tratada, explorada e castigada de um modo que não era cabível a nenhum adulto, tão pouco a uma criança, indicando que a perversa opressão que os senhores exerciam sobre os escravizados não levava em conta gênero, tão pouco faixa etária. Pelo que aponta o trecho em destaque do romance *Fe en*

disfraz, esta lógica perversa era passada de geração em geração, pois ao que tudo indica García era um jovem rapaz, no entanto, já apresentava a mesma visão dos mais velhos: de que o corpo da mulher negra estava à disposição dos seus prazeres, anseios e perversões. Sem dúvida a violência física é uma forte marca do processo escravocrata, no entanto, existe um legado simbólico da escravização que não pode ser desprezado, haja vista que a violência simbólica propicia um dano irreparável à psique do sujeito. Por isso esse tipo de violência foi também bastante utilizada pela sociedade escravocrata e seus herdeiros:

Considerando (ou quiça inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre, e por fim, justifica as desigualdades raciais (Bento, 2003, p. 25-26).

Maria Aparecida Bento apresenta como parte do projeto político do branqueamento a focalização branco como “modelo universal” a ser seguido, para que este projeto tivesse a inegável eficácia foi produzida toda uma iconografia que fortalecesse a autoestima dos brancos e legitimasse sua supremacia e que ainda, por outro lado, criasse um “imaginário extremamente negativo” acerca da identidade dos negros, sempre lidos pelo signo do primitivismo, da inferioridade. Segundo Bento, entender essa projeção do branco sobre o negro é uma boa maneira de compreender a branquitude e o processo de branqueamento¹².

Disto decorre a atitude do jovem branco de fazer da mulher alvo da sua violência e perversão sexual: a crença na sua suposta superioridade. Pois, ao longo de seu processo formativo ele certamente “fez uma apropriação simbólica” que lhe dava base para tratar negras e negros como seres de segunda categoria e que, portanto, poderiam ser expostos a tal perversidade. Esse pensamento ainda está em voga nos nossos dias e é reiterado pela mídia e pelos mais variados setores da sociedade, por isso faz-se necessária à produção – pelo grupo que foi colonizado – de discursos que visem deslocá-los.

¹² Sobre branquitude, ver também: SOVIK, Liv. *A Branquitude e o Estudo da Mídia Brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos*. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação**. p. 363-386, 2002; WARE, Vron. (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004; RAMOS, Alberto Guerreiro. “Patologia social do ‘branco’ brasileiro”. In: _____. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995; MOREIRA, Camila. **Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco**. 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85lise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>>. Acessado em: 17/10/2016; CARDOSO, L. **O branco ‘invisível’: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil [Período: 1957-2007]**. Dissertação (Mestrado em Estudos Sociais), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008. _____. **Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv.*, p. 607-630, 2010.

Não existe nenhuma linguagem, sintaxe ou léxico que possa ser enunciada fora de um legado deixado pela tradição ocidental, no entanto, é possível buscar neste próprio legado as ferramentas necessárias para sua desconstrução, ou nas palavras de Derrida:

Não tem sentido algum abandonar os conceitos da metafísica; não dispomos de nenhuma linguagem — de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico — que seja estranha a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar (DERRIDA, 2001, p. 27).

Se por um lado não podemos falar fora da metafísica ocidental, por outro, nós podemos, ou não, repetir os discursos por ela estabelecidos e reiterados. O que vai determinar essa escolha são os compromissos éticos, políticos e ideológicos do sujeito. Nesse sentido acredito que Santos-Febres age *estrategicamente* ao nos colocar diante de um tema sobre o qual circula a ideia de que tudo já foi dito e que precisa ser superado: a crítica à temática da escravização. Todavia, a autora revisita essa temática e nela inscreve uma rasura¹³ no discurso acerca da escravização e escravizados/as.

No contexto da narrativa literária, a intelectual Fe Verdejo segue divulgando essas histórias-memórias, mostrando uma face da escravização um tanto escondida e um agenciamento das escravizadas que não eram divulgadas:

Comí, mientras escuchaba a Fe que me contaba cómo su conferencia había sido todo un éxito. Cómo rompió el molde de expectativas, presentando la otra cara de la esclavitud, la que muestran los relatos de sus esclavas que, sin dejar de ser las víctimas azotadas por los amos, se convierten en algo más.

—Tu trabajo ayudó muchísimo, Martín. Lo usé para presentar mi punto y abrir la discusión. Pude exponer esa pelearuda que se dio entre esclava y amo, que se da todavía entre nosotros y ellos; entre el mundo de la “razón” y este otro mundo que algunos todavía habitamos. Llamémosle el mundo de los cuerpos. Creo que hice un buen trabajo. Además, me parece que funcionamos bien como equipo. Te lo quiero reconocer y agradecer. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 73-75).

Este trecho recorta uma cena em que Martín almoça com Fe Verdejo, nesta ocasião, ela lhe conta sobre as conferências que vinha realizando para divulgar as pesquisas sobre as escravas mamunisas. Destaco nessa passagem a leitura feita pela personagem acerca dos arquivos com os quais trabalham: segundo Fe eles mostram que as escravizadas deixam de ser apenas vítimas açoitadas, violentadas pelos senhores de engenho, eles se transformam em

¹³ Segundo o Glossário de Derrida “instaura uma economia vocabular” sendo também uma modalidade de estratégia, o que implica desconstrução, deslocamento do discurso que está posto.

algo mais, são agentes na luta para por fim ao sofrimento que lhes era imposto, isso contradiz toda uma lógica discursiva estabelecida, na qual a passividade era um traço do/a escravizado/a, mas como observamos a personagem do romance em sua atividade acadêmica buscou desconstruir essa imagem.

Diante desta disto, fica nítido que a identidade negra, em muitas situações é representada de modo redutor e estereotipado. Assim, com o intento de também desconstruir essa imagem, a intelectual Mayra Santos-Febres, em sua produção ensaística, discute sobre a ideia de raça, com foco na identidade negra e pensando no seu lugar de fala, o contexto de Porto Rico. Para tanto a autora analisa como as concepções de raça foram trabalhadas a partir do discurso abolicionista, bem como do discurso acerca da negritude e do que ela chama de “discurso de análise crítica das construções raciais”¹⁴, como se vê no excerto abaixo:

Para hablar de raza en Porto Rico se ha echado de mano a tres discursos fundamentales que la definen: el discurso abolicionista, el de la negritud y de la crítica y análisis de la formación de lo racial. Mediante el primero, los negros y negras fuimos descritos como inocentes víctimas del inhumano sistema de exploración laboral, psicológica y sexual que fue la esclavitud. Muchos de sus anunciadores fueron abolicionistas blancos; pero también hubo negros que a través de sus testimonios y autobiografías contaban experiencias que daban fe de lo injusto del sistema esclavista y que le hacía a toda sociedad. Juan Manzano, el esclavo manumiso cubano, autor de la autobiografía *Treinta años* es uno de los ejemplos hispánicos mas notables del discurso abolicionista (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 64).

Neste primeiro trecho a autora destaca como o discurso abolicionista apresentou os negros/as: como vítimas da escravidão. Mas sabemos que todo sistema de opressão traz em si a revolta, negros e negras não ficaram esperando uma força suprema os livrar dos seus algozes, ao contrário, eles agiram nas macro e micro estruturas, se rebelaram, fugiram, formaram quilombos, ou mesmo, deram prejuízos aos senhores, provocavam envenenamento, em alguns casos até tiravam a própria vida para não continuar na condição de cativos. No caso das personagens escravizadas de *Fe en disfraz*, as vítimas de violência física e sexual buscavam as instâncias superiores para denunciar os senhores. Por isso que Santos-Febres assim como Fe Verdejo – a personagem que ela cria – se ocupam em divulgar os relatos dos/as próprias/os escravizados. Neste trecho que acabamos de ver, além do discurso abolicionista, a autora chama a atenção para o relato do escravizado Juan Manzano que deixou um importante relato do sistema perverso que tanto mal legou para a sociedade como um todo.

¹⁴ A ideia aqui não é analisar os referidos discursos, e sim avaliar as propostas de interpretação que a autora oferece e os modos como ela discute, dialoga, desloca, suplementa as noções de raça trabalhada a partir dessas linhas discursivas.

Como dito, alguns discursos abolicionistas não deram conta de pensar a identidade negra por um viés que não fosse problemático, redutor e estereotipado. Assim a autora passa a analisar o discurso da Negritude¹⁵:

Para la Negritud ser negro era ser fuerte, sensual, exótico, bello, ágil, libre de las presiones ‘racionalistas’ de la modernidad. También la Negritud fue palestra para denunciar el racismo. Recordemos que racismo no es sino es transposición de los sistemas valorativos de la esclavitud a la sociedad post-esclavista, una manera de mantener a las margen de la sociedad sin la evidencia legal y económica de dicha marginalización. Este fenómeno social se alimenta de los discursos racializados que ‘justificaban’ la esclavitud. Luego de la abolición dichos discursos adoptaron otro uso. La ‘Negritud’ se los apropió para ‘resignificar el insulto’ y así combatir o racismo que los crió.

[...]

Sin embargo, la valoración racial positiva que ofrece la Negritud resulta problemática. Parte de un estrecho estereotipo. Implica que todos los negros y las negras, por obra y gracia del color de piel, nacemos fuertes, sensuales, fiesteros, violentos, primitivos... Como si la concentración de melanina determinara un tipo de comportamiento. Y peor aún, como si ser negro fuese lo único que somos. Pone demasiada atención en un sólo aspecto de nuestra experiencia, que es mucho más compleja que de la raza. Porque además de andar por ahí con este hermoso color de piel, tan lleno de historias, de viajes y significados, también somos portorriqueños, dominicanos, jamaicanos, curazoleños, jóvenes y viejos, hombres y mujeres, homo, hetero, amantes, hermanos, trabajadores, profesionales, artistas, escritores, madres, padres, policías, criminales, reverendos, políticos, humanos (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 65-66).

Alguns aspectos desta leitura merecem destaque, primeiro a autora aponta que esse discurso se apropriou de uma série de imagens, para atribuir-lhes novos significados, positivos. Deste modo, força, sensualidade, exotismo, beleza, agilidade e liberdade passam a ser apresentados a partir de uma potência salutar. No entanto, a autora chama atenção para possibilidade dessa proposta estar afinada com certa tendência a homogeneizar a identidade negra.

A própria ideia de identidade negra é uma ficção, o que é existe são identidades negras, e modos diferenciados de expressá-las. As características atribuídas ao negro pela negritude (mas não apenas por ela), não podem ser pensadas como dados que o definem naturalmente, pois, como Santos-Febres chama atenção, a cor da pele não determina um tipo de comportamento. Além do mais a identidade se constitui a partir de vários elementos,tais

¹⁵ Movimento fundado por martiniquês Aimé Césaire, criador da palavra negritude, o guianense Leon Damas e senegalês Léopold Senghor, dentre outros, que visando à compreensão e afirmação da identidade negra; bem como a luta contra o sistema colonial opressivo; e também repúdio ao ódio e a procura do diálogo com outros povos. Para saber mais, vide Munanga (2012).

como: gênero, faixa etária, orientação sexual, profissão, formação política, dentre outros, o que significa que vai muito além do componente racial.

Sobre o último discurso acerca da ideia de raça Santos-Febres faz a seguinte avaliação:

Un tercer discurso sobre la raza [...] es el discurso del análisis crítico de las construcciones raciales. Porque la raza no existe. Es un invento nuevo social. La crítica de esta ‘construcción’ estudia las maneras en que ‘lo negro’ cambia de significado según pasa el tiempo. Durante el siglo pasado cualquier persona ‘con sangre negra’ era considerado como tal. [...] En este, sólo es negro quien evidentemente, inescapablemente se ‘vea’ negro. Todo lo demás pasa a ser más o menos blanco. Lo más interesante de este discurso es que, además de estudiar de la ‘construcción’ de lo negro, tiene por fuerza que mirar la ‘construcción’ de lo blanco. Si señores, esa blancura que siempre nos pareció ‘natural’ y ‘normativa’ resulta que también es un invento, una manipulación social que oculta sus costuras, sobretudo en el Caribe (SANTOS-FEBRES, 2005, p. 66).

Pareceu-me que este foi o discurso com o qual a autora mais se identifica. Neste caso, a raça é entendida como uma invenção em permanente mudança. O interessante disto, como chama atenção a autora, é o fato de que não focaliza apenas o processo de construção do negro, mas também do branco, sempre apresentado como a norma, o padrão, mas é uma invenção assim como qualquer outra categoria etnicorracial.

Santos-Febres desenvolve discussões tanto em seus textos literários quanto teóricos que visem desnaturalizar certos paradigmas. Esse intento é válido considerando que, em especial no caso das mulheres negras, muitas representações foram criadas no seio da sociedade colonial, mas continuam a ser reproduzido e como sinaliza hooks: “as representações globais das negras nos meios de comunicação de massa contemporâneos continuam a nos identificar como mais sexuais, como aberrações primitivas descontroladas” (1995, p. 469).

Se por um lado as representações hegemônicas seguem reproduzindo os estereótipos negativos acerca das mulheres, os textos de Santos-Febres examinados, seguem na contracorrente, divulgando outras imagens¹⁶. Seja por colocar negras como protagonistas de suas histórias e em papéis fora dos espaços de subalternidade, a personagem Fe Verdejo é uma intelectual, como já mencionado. Ou também por não apresentar as personagens escravizadas em sua narrativa como promiscuas, tão pouco passivas, mas como agentes na luta para por fim ao sofrimento que lhes era imposto e também para exigir seus direitos (a herança, por exemplo). No âmbito dos textos críticos e ensaísticos a autora também

¹⁶ O foco deste trabalho são alguns textos da escritora Mayra Santos-Febres, focalizando-se o modo como a autora subverte certos paradigmas dominantes, no tocante a história e memória de mulheres negras. No entanto, este não é um movimento exclusivo de Santos-Febres. Existe um movimento de mulheres e homens negros que produzem textos teóricos e literários com objetivos muito próximos.

desconstrói essas imagens, bem como a ideia de que ser mulher e ser uma intelectual indica seguir um determinado padrão, assim como propõe que não há como pensar a identidade (seja ela negra ou outra) a partir de esquemas fixos, prontos e acabados, como se fossem dados naturais.

As discussões que Mayra Santos-Febres faz tanto no texto ensaístico como no literário se atravessam e se suplementam mutuamente. Por isso, acredito que ela não faça distinção entre a criação e a teoria, entre a arte e a política, entre o literário e o histórico, as fronteiras entre estes domínios são completamente borradas, abrindo espaço para múltiplos saberes, olhares, tão caros ao artista e teórico contemporâneos. Florentina Souza, no texto *História e Literatura: saberes em dialogo* (2015) afirma:

Ultrapassar fronteiras e limites, propor outras sintaxes, abrir espaço para outros atores e para outros saberes são as missões de uma prática intelectual multi e intercultural como sói ser a prática do intelectual crítico na contemporaneidade. Os nossos ancestrais fizeram de suas vidas esse espaço de preservação e reconfiguração da memória que o sistema escravagista tentara apagar. Em lugar de ‘esquecer’ nomes e hábitos, eles reconfiguraram nomes e tradições e cravaram as marcas culturais de modo indelével em suas e em outras memórias (SOUZA, 2015, p. 25).

Assim, acredito que ao ultrapassar fronteiras entre teoria e ficção Santos-Febres contribuiu para reconfigurar histórias e discursos em memória daqueles que cujos corpos, cujas vidas eram o único capital simbólico, mas que foram capazes, ainda assim, de manter acesas suas marcas culturais.

1. 3 A INSURGÊNCIA INTELECTUAL

Segundo o dicionário, insurgência é (1) o caráter ou condição do que é insurgente; (2) ato ou efeito de insurgir-se. Ou seja, sublevar em insurreição; revoltar-se; reagir contra. Tendo em mente esse sentido, o que seria insurgência intelectual? Entendo como a capacidade, ou melhor, disponibilidade que alguns intelectuais possuem de rebelar-se contra um sistema epistemológico que tradicionalmente reiterou, respaldou “cientificamente” uma série de estigmas sociais em benefício de um determinado grupo. No que se refere à questão dos/as negros/as, a psicanalista e intelectual brasileira Neusa Santos Souza afirma que cabe aos/às negros/as a vanguarda na luta contra os mitos construídos acerca da identidade negra; do mesmo modo a intelectual, professora e antropóloga Lélia Gonzalez afirma que temos sido falados, infantilizados e que portanto devemos assumir o ato de fala e certamente porpor um

outro olhar sobre nós mesmos e sobre nossos irmãos de cor. Também a intelectual e feminista estadunidense, bell hooks, afirma que a intelectual negra precisa descolonizar a mente, ou seja, livrar-se de um sistema de verdade imposto pelos colonizadores, visando garantir sua supremacia em detrimento dos demais. A escritora e intelectual Conceição Evaristo ao propor a noção de escrevivência, deixa claro que essa escrita a partir de uma vivência negra incomoda os sonos injustos da casa grande.

Todas essas mulheres e intelectuais negras, só pelo fato de serem acadêmicas, já podem ser consideradas insurgentes, pois a mulher negra foi historicamente vista como um corpo desprovido de capacidades intelectuais. A presença do corpo negro nas universidades em si configura-se como uma insurreição ao discurso de que negros/as apresentam uma capacidade “natural” para desenvolver trabalhos braçais. Mas, para além disso, essas mulheres se insurgem em suas práticas acadêmicas, teorizando, discutindo, propondo novos modos de analisar as questões pertinentes a cultura e identidade negras.

Nessa esteira, Santos-Febres assumiu uma responsabilidade na luta pela desestabilização de discursos estereotipantes e os estigmas sociais que perduram na literatura, como o “mito negro”:

Incrustado em nossa formação social, [...] o mito negro, na plenitude de sua contingência, se impõe como desafio a todo negro que recusa o destino da submissão. Interpelado num tom e numa linguagem que o dilacera inteiro, o negro se vê diante do desafio múltiplo de conhecê-lo e eliminá-lo. Como Édipo, se encontra frente a frente à Esfinge e seu estigma: é vital apoderar-se do conhecimento, desvendar a resposta e assim destruir o inimigo para seguir livre. Obviamente, cabe a negros e não-negros a consecução desse intento [...] entretanto, **enquanto objeto da opressão cabe ao negro a vanguarda desta luta**, assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação (SOUZA, 1983, p. 26).

É um fato que ainda hoje vivemos sob influência de um “mito negro” de qual fala Neusa Santos. No entanto, encará-lo, mais ainda, buscar estratégias para desestruturá-lo, é, segundo Santos, um desafio que se apresenta a todas/os as/os negras/os que recusam a submissão. A nós negras/os “cabe a vanguarda desta luta”! E Mayra Santos-Febres, como tantas outras escritoras negras, assumiu a responsabilidade de não endossar esse mito negro.

Michel Foucault, em *Os intelectuais e o poder*, afirma:

Para nós, o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede. (2013, p. 130)

De acordo com este pensamento de Foucault, os intelectuais deixam de ter o papel de representante, de porta-voz de uma minoria política ou de um grupo dito subalterno. Em certo sentido, isso é um fato, considerando que “as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”. Destarte, não caberia ao intelectual, *falar por* ou *falar em nome de*, mas criar estratégias para que as massas, as minorias políticas, os grupos subalternizados pudessem ser ouvidos, pois “existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber” (FOUCAULT, 2013, p. 131).

Gayatri Spivak, no texto *Pode o subalterno falar*, aponta um aspecto interessante no debate acerca do papel do intelectual: “[...] não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação” (2014, p. 78). Considerando o contexto indiano e a situação das mulheres face às leis hindu e ao antigo ritual Sati, a autora chama atenção para o fato de que em alguns contextos o subalterno não pode falar, assim sendo, o intelectual não deve se abster de intervir nessa realidade, não para *falar por*, mas para *falar com*. A conclusão de Spivak é que

[o] subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como item respeitoso nas listas de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2014, p. 165).

Se a partir de Foucault concluímos que não cabe mais representar, essas palavras de Spivak sugerem que não existe lugar fora da representação, a *representação não definiu*, os aparelhos ideológicos de representação permanecem em poder de uma minoria socialmente privilegiada, enquanto que as minorias políticas permanecem tendo pouca representatividade e pouco valor atribuído às suas demandas. Desse modo, aqueles que a possibilidade de se apoderar dos sistemas de representação e representar a si e seu grupo não devem/deveriam deixar de propor novos esquemas, ler a história a contrapelo, traçar uma “nova” história.

“Relatar, ou melhor ainda, participar do trabalho antissexista entre as mulheres de cor ou as mulheres sob opressão de classe no Primeiro ou Terceiro mundo está inegavelmente na ordem do dia” (2014, SPIVAK, p. 111). Nesse sentido, toda sociedade deveria estar empenhada na luta contra essas formas de opressão, sobretudo os intelectuais. Mayra Santos-Febres, tanto no romance *Fe en disfraz*, quanto nos ensaios de *Sobre piel y papel*, denuncia o caráter sexista e racista da sociedade e como intelectual propõe reflexões acerca de diversos

temas, sobretudo àqueles referentes à história das mulheres e dos/as negros/as, de modo divulgar outras interpretações relativas a esse assunto.

Henry A. Giroux e Peter L. McLaren em *Por uma pedagogia crítica da representação* (1995), destacam que “[a]s representações são sempre produzidas dentro de limites culturais e fronteiras teóricas e, como tal, estão necessariamente implicadas em economias particulares de verdade, valor e poder” (p. 45). Assim fica evidente que toda produção discursiva possui atravessamentos culturais, teóricos e está implicada com determinados regimes de verdade, bem como atendem a interesses sociais, políticos, ideológicos e éticos bastante específicos. Enquanto mulher, negra e latino-americana, porto-riquenha, para ser mais exata, Santos-Febres demonstra o interesse em dialogar com seus pares por abordar temas que dizem respeito e afetam esses grupos dos quais faz parte.

Os já citados Henry A. Giroux e Peter L. McLaren apontam que diante de determinados esquemas de representação devemos indagar:

A quais interesses servem as representações em questão? Dentro de um dado conjunto de representações, quem fala, para quem fala, e sob que condições? Onde podemos situar essas representações, ética e politicamente, com respeito a questões de justiça social e liberdade humana? Que princípios morais, éticos e ideológicos estruturam reações a essas representações? (1995, p. 45)

É sabido por todos que o lugar de fala é incontornável e observando as produções da autora verifico que essa mirada diferenciada, esse olhar de dentro, possibilita que ela repense inclusive sua identidade, para bell hooks, este é papel da intelectual que se insurge contra a supremacia patriarcal branca:

Num contexto social capitalista de supremacia patriarcal branca como esta cultura, nenhuma negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente. Mulheres negras podem se tornar acadêmicas bem sucedidas sem passar por esse processo e na verdade a manutenção da mente colonizada pode habilitá-las a vencer na vida acadêmica, mas isso não intensifica o processo intelectual. (hooks, 1995, p. 474)

Talvez tivesse sido fácil para Mayra ignorar esta discussão e permanecer com mente colonizada; que segundo hooks é a condição *sine qua non* para uma negra poder se tornar uma intelectual. Por ser intelectual comprometida, Mayra se envolve e visa deslocar os mitos criados e reiterados pela tradição. Por isso, acredito que Mayra Santos-Febres é um exemplo de intelectual insurgente e engajada, como Cornel West acredita que devem ser os intelectuais negros.

No texto *O dilema do intelectual negro* (1999), o autor afirma:

A maior prioridade dos intelectuais negros de ser a criação ou reativação das redes institucionais que promovam hábitos críticos de alta qualidade para propósitos, primeiramente, de insurgência negra. Uma intelligentsia sem uma consciência crítica é vazia. A tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes. Isso pode ser feito somente por um trabalho intelectual intenso e por uma prática insurgente e engajada (WEST, 1999, p. 13).

Tendo isso em mente, arrisco afirmar que o trabalho de Mayra Santos-Febres conduz a uma “insurgência negra”, pois esta intelectual desvela de tal modo os mecanismos racistas que sustentam a supremacia dos brancos e a suposta inferioridade de negras/os, assim como as mais variadas formas de discriminação e exclusão que atingem estes últimos.

Se, como afirma West (1999), “a tarefa central dos intelectuais negros pós-modernos é estimular, acelerar e possibilitar percepções e práticas alternativas, desalojando discursos e poderes predominantes”, tal tarefa é levada até as últimas consequências por Santos-Febres, como já tivemos a oportunidade de discutir aqui.

A crítica que se faz a este autor se refere ao fato de ele ignorar completamente a participação das mulheres negras neste processo de insurgência intelectual. Como resposta, bell hooks, no texto *Intelectuais negras*, menciona esse fato, discorrendo sobre alguns fatores preponderantes que contribuem para que a mulher negra continue a ser vista como “um corpo sem mente”, inclusive pelos intelectuais negros que, muitas vezes, devido a sua condição de gênero, minoram as potencialidades das mulheres negras. hooks aponta a insistente repetição do discurso colonial que para justificar a supremacia masculina branca representou a mulher negra sempre como histórica sexual, lasciva, promíscua, novamente, enfim, como “um corpo sem mente” que poderia ser explorado, abusado, violentado, como já discutido.

Pensando junto com bell hooks, acredito que é possível ler o romance *Fe en disfraz* como um trabalho que “não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento como nos faz sofrer”. Ao tocar em algumas questões ainda traumáticas para a sociedade brasileira, Mayra através de suas representações nos expõe a uma ferida que está longe de cicatrizar, a ferida do racismo, provocada por um cruel processo de escravização de corpos e colonização de mentes. No entanto, seu potencial de denúncia, a possibilidade de servir como “catalizador para a transformação”, a “preocupação com a mudança” enaltece enormemente este trabalho. Para bell hooks:

Muitas vezes o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos, sobretudo, das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento como nos faz sofrer. Andar em

meio a esse sofrimento para trabalhar com ideias que possam servir de catalisador para a transformação de nossa consciência e nossas vidas e de outras e um processo prazeroso e exato. Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas nos põe numa solidariedade e comunidade maiores enaltece fundamentalmente a vida (1995, p. 477-478).

Enquanto intelectual negra insurgente, Mayra nos forneceu modelos outros de interpretação acerca da memória da escravidão, díspares daqueles que historicamente nos apresentaram a mulher negra como naturalmente inferiores, bárbaros, incapazes de desenvolver reflexões intelectuais; discursos que sempre nos focalizou a partir de critérios biológicos, negando a história e o fato de que a identidade de nenhum ser pode ser vista como um dado a priori estabelecido. Esse outro olhar acerca da identidade da mulher negra além de desvelar o caráter de construto de toda produção discursiva e expor interesses subjacentes à superfície dos textos, nos impele a repensar nossas próprias identidades e nos insere numa rede de solidariedade tão preciosa para aquelas e aqueles cujas subjetividades foram insistentemente negadas, enfraquecidas, distorcidas.

2 FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS EM NARRATIVAS LITERÁRIAS DE MAYRA SANTOS-FEBRES

Antes de passar a uma análise mais detalhada do romance, comentarei sobre alguns aspectos importantes sobre o país de origem de Mayra Santos-Febres, que também se constitui como um dos cenários da narrativa, cuja inserção na chamada América Latina, nos aponta a necessidade de refletir mais detidamente sobre esse contexto. Ademais, farei alguns comentários sobre outros dois romances da autoras no sentido de demonstrar seu interesse pela temática da memória, recorrente em seus textos.

O país de origem de Mayra Santos-Febres é marcado por uma heterogeneidade muito característica do Caribe e dos países que passaram pelos processos históricos da colonização e escravização, no entanto, apresenta um agente complicador que tornam ainda mais complexas as construções culturais e identitárias do país. O caso de Porto Rico é interessante e sua inserção no que se convencionou chamar de América Latina é bastante complexa, pois foi colônia da Espanha até 1898 e desde então apresenta uma relação de dependência com EUA, sendo categorizado como Estado Livre Associado. A própria expressão possui uma contradição de base, haja vista que o dito Estado Livre, por estar “associado” a uma grande potência mundial, é administrado por governantes locais, mas segundo a legislação dos EUA. Inclusive a moeda do país é o dólar e o inglês é uma das línguas oficiais.

Devido a esses complicadores, mas sem perder de vista, elementos históricos fundamentais, proponho pensar esse cenário a partir da lógica do grande Caribe. Isso porque existe uma linha muito tênue entre o que define o espaço da América Latina e do Caribe. Sobre isso discute Eurídice Figueiredo n’*O Grande Caribe: mestiçagem e barroco, memória e história* texto no qual propõe que “esse grande Caribe não tem fronteiras nacionais rígidas porque há imbricações e superposições” (FIGUEIREDO, 2011, p.179). Caribe tradicionalmente indica os espaços banhados pelo mar de mesmo nome, contemplando países como Colômbia, Venezuela e México, bem como países insulares como o próprio Porto Rico e também Haiti, Jamaica, República Dominicana, dentre outros. Esse componente geográfico é importante, mas não é muito preciso, tão pouco definitivo, pensando no exemplo da Colômbia, o que se tem é certa região banhada pelo mar do Caribe e outra não. Acrescente-se a essa imprecisão geográfica outro componente, a já citada Eurídice Figueiredo afirma inclusive que “a característica principal do Caribe é a herança do sistema de plantações, há ilhas que não tiveram plantações escravistas enquanto grandes regiões do Brasil e dos Estados

Unidos compartilham, nesse sentido, uma história semelhante à do Caribe” (2011, p. 180). Isso sugere que não é possível ignorar a história compartilhada entre os povos nos quais atuaram a empresa colonial, independentemente de limites impostos pelos mapas. Sobretudo, por que as fronteiras históricas, geográficas e culturais não são fixas, ao contrário, são fluídas.

Voltando à situação da sociedade porto-riquenha, todos esses atravessamentos, essas fronteiras movediças, bem como o legado colonial e os encontros entre hispânicos, africanos e posteriormente emigrantes de outros países da Europa, apresentam impactos significativos na produção literária, artística e cultural do país. No que se refere ao campo literário, focalizando-se a situação da mulher, temos que a literatura feminina está na base do que se convencionou chamar literatura porto-riquenha. As contribuições de mulheres são notadas desde os tempos pré-coloniais, quando eram elas as responsáveis pela difusão da literatura oral¹⁷. O advento da colonização transformou completamente o papel da mulher nesta sociedade, além de tudo (genocídio de populações autóctones, expropriação de suas riquezas, escravização de africanos/as) este cruel processo foi letal para as mulheres, sobretudo, para indígenas e negras:

Luego de redefinir los roles de la mujer indígena en la isla, los colonizadores comienzan a subyugarlas en todos los ámbitos. No solo se les obliga a tomar una postura pasiva ante la nueva política patriarcal sino que se les obliga a renunciar a sus creencias religiosas. También eran tomadas por los españoles como compañeras sexuales, muchas veces en contra de su voluntad. De tal manera la mujer taína pierde su esencia y su valor ante la sociedad. Después de las taínas llegaron mujeres negras a la isla para trabajar como esclavas. Estas fueron victimizadas de la manera más inhumana a manos de los españoles. No solo eran esclavizadas si no que también eran forzadas a sostener relaciones sexuales con los españoles (2016?, s. p.).

A citação acima, do texto *Del advenimiento del feminismo y la voz femenina en la literatura puertorriqueña*, trata dos abusos sofridos pelas mulheres indígenas e, posteriormente, negras, abusos das mais diversas ordens, sexuais, físicos, de inferiorização do seu papel social, dentre outros; mesmo as mulheres brancas, apesar de ocuparem uma posição privilegiada em função de sua condição étnica, não deixaram de ser atingidas pelo machismo dos colonizadores, estas foram também subjugadas e silenciadas. Diante de tamanha violência com que eram tratadas as mulheres, principalmente, as não-brancas, diante dos incontáveis

¹⁷ Mais informações sobre o tema podem ser encontradas no texto “Del advenimiento del feminismo y la voz femenina en la literatura puertorriqueña”. Disponível em: <<http://andres.myweb.uga.edu/trasfondopr.htm>>. Acesso: 29/03/16.

ataques à humanidade e dignidade dessas mulheres não seria de se estranhar que suas vozes fossem completamente invisibilizadas e silenciadas, ou seja, suas produções passaram a ser interditas com a emergência do sistema colonial, e ainda hoje muitas permanecem subterrâneas aos discursos oficiais.

Em finais do século XIX, voltamos a ter notícia de produções literárias de autoria feminina em Porto Rico. A primeira mulher a ser reconhecida pelo público pelos seus poemas nesse país é María Bibiana Benitez (1783-1873), sua sobrinha Alejandrina Benitez (1819-1876) também segue a carreira literária. As duas pertencem a um restrito universo de mulheres que escrevem naquela época na sociedade porto-riquenha. No início do século XX, porém, as mulheres começam a se organizar politicamente e garantir direitos civis. No âmbito literário, uma geração conhecida como Geração de Setenta ou Setentistas marca a literatura porto-riquenha, na qual a participação de mulheres foi fortíssima, apesar de não ser única. Como precursora desta fase temos Rosario Ferré:

Aunque es Ferré la precursora de esta nueva ola literaria, la acompañan grandes escritoras como Ana Lydia Vega, Carmen Lugo Filippi, Magali García Ramis, Olga Nolla y Mayra Montero entre otras. Dentro de la literatura que producen estas mujeres hay tres elementos unificadores: el personaje femenino como eje principal de la historia, la conciencia feminista y el interés por elementos históricos. Sin embargo estas mujeres manejan la historia de manera diferente. Deconstruyen la historia para mostrarnos lo que fue y no debió ser o recrear una historia que pudo haber sido y no fue a manera de hacerle justicia histórica a la mujer. (2016?, s. p.).

Um dado marcante desta fase consiste na proposta dessas mulheres em lutar pela alteração dos esquemas de representação hegemônicos. Neste momento, as mulheres porto-riquenhas já constituem um segmento muito importante para a ilha, deste modo, a produção dos anos setenta do século XX esteve muito afinada com as demandas sociais e políticas das mulheres na época. Além disso, pode-se dizer que esta produção impactou de modo substancial a produção contemporânea de Porto Rico. A literatura de Mayra Santos-Febres é exemplo de produção cuja centralidade reside na trajetória de mulheres, sobretudo negras, além de se voltar para fatos históricos, de modo a reler, revisar, dentre outros elementos, a participação feminina no curso da história.

2. 1 MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS: INVISIBILIDADE E OCULTAÇÃO DA DIFERENÇA NA AMÉRICA LATINA

Hugo Achugar inicia o texto *Direitos de memória, sobre independências e estados-nação na América Latina* (2006) com uma série de questionamentos em relação à recorrência de investigações que visam entender a construção das identidades e das histórias memórias dos estados-nação, que significa também “recordar ou recuperar o que foi feito, dito ou escrito”, movimento observado desde os finais do século XVIII, estabelecendo-se no início do século XX. Porém, quase em finais da segunda década do século XXI, acredito que ainda não se possa afirmar que seja essa uma discussão superada. Focalizando-se o contexto literário, pode-se dizer que muitos autores contemporâneos continuam “remexendo em um passado que se entende como obsoleto e cujo fechamento foi decretado” (ACHUGAR, 2006, p. 221). Apesar desse entendimento de alguns sobre o passado, escritores e intelectuais contemporâneos continuam este trabalho de escavar o que já foi em função da sua reverberação no presente. Por exemplo, a situação de exclusão e marginalização de negras/os em vários espaços onde houve escravização, decorre desse processo que legou aos negros uma situação de desvantagem em relação à apropriação de bens materiais e simbólicos, em função dos mais de três séculos de exploração. Algumas questões ainda carecem de melhor explanação e a partir da visão do explorado – cuja voz sempre foi silenciada.

Um exemplo é o próprio romance *Fe en disfraz* no qual a personagem principal, a historiadora e museóloga Fe Verdejo, mesmo em um contexto acadêmico desfavorável, e fazendo parte de um setor que aparentemente desprezava a revisão dos estudos coloniais não desistiu e, ao contrário, trabalhou no sentido de dar visibilidade às questões que julgava importantes:

Fe Verdejo, sola, se dio a la tarea de lograr lo imposible. Decidió salvar el seminario. Comenzó a catalogar documentos, a digitalizar los que ya estaban deshaciéndose en el papel y a ponderar la posibilidad de montar una vistosa exposición histórica (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 20-21).

Foi nesse processo que Fe encontrou os raros relatos de escravizadas os quais possibilitaram à pesquisadora apresentar para comunidade acadêmica uma face da escravização que estava silenciada. Face manchada de sangue, o sangue das negras violentadas nos mais variados sentidos. Os relatos apresentavam conteúdo sexual particularmente violento, ou seja, no romance a autora aborda a temática da escravização articulando com a sexualidade, já que essa experiência tem a ver também com os abusos e a

exploração pelo homem branco do corpo da mulher negra. É, inegavelmente, esta violência que marca o “nascimento” das sociedades ocidentalizadas, notadamente mestiças.

O romance em estudo é ambientado em quase sua totalidade em espaços da América Latina, isto é, em regiões antes dominadas por lusitanos e hispânicos, Porto Rico, Venezuela, Costa Rica, Brasil dentre outros. Não se pode, porém, falar em América Latina sem remissão a uma série de processos sociais e históricos que marcaram este espaço, tais como a colonização europeia, o genocídio de populações autóctones e de suas culturas, a escravização de negros africanos. Inclusive, o sociólogo peruano Anibal Quijano, no texto *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, fala sobre a América enquanto “primeiro espaço” no qual se operou um “novo padrão de poder”, fundamentado na ideia de raça. Esta, por sua vez, teria uma dupla função – opor colonizadores e colonizados, além de basear as (novas) formas de trabalhos:

Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo [a América] e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça [...]. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. (QUIJANO, 2005, p. 01).

Essa discussão de Quijano expõe o fato de que não é possível pensar em América, mais especificamente em América Latina, sem remissão a determinadas experiências históricas, no caso, a colonização e a escravização. Estes processos estiveram ancorados na necessidade de expansão do território e do capital, mas no cerne dos mesmos está a “ideia de raça”. Isso porque, a partir deste critério foram criadas as hierarquias de base racial, que sustentam ainda hoje as sociedades ocidentais/ocidentalizadas e com base nas quais, as populações foram separadas entre os que dominariam e os que seriam dominados. Tudo isso está na base do que hoje se chama América a qual não pode ser pensada fora de todo um contexto histórico que estrutura ainda hoje os países que a compõem. Neste processo, foram forjados inúmeros discursos cujo objetivo foi invisibilizar a história e cultura de ameríndios, negros, orientais, dentre outros.

Questões como identidade, cultura, por exemplo, em contexto de diáspora, não podem ser pensadas de outra forma, a este respeito Stuart Hall, tratando da cena caribenha, afirma:

[...] entre nós, a identidade é irrevogavelmente histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são

únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertenciam, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi ‘violada’ – não vazia, mas ‘esvaziada’. Todos os que aqui pertenciam originalmente pertenciam a outro lugar. Longe de construir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história é marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa ‘associação civil’ foi formada por um ato de vontade imperial (HALL, 2013, p, 33).

Como já dito, o autor se refere ao contexto do Caribe, que inclui Porto Rico, no entanto, essas mesmas considerações podem ser utilizadas para refletir sobre outros espaços da América com experiências parecidas, sem desconsiderar as diferenças socioculturais, políticas e econômicas. O pensamento de Hall reforça o fato de que tudo quanto foi produzido “na fornalha da sociedade colonial” é formado e marcado por este histórico. Os que aqui estavam foram dizimados e os que chegaram às Américas tiveram que reordenar suas trajetórias com vistas à sobrevivência no sistema que foi imposto o qual foi responsável pelas “rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas” que marcam a formação do Novo Mundo. Sem dúvida, as estratégias de sobrevivência neste processo, como enfatiza Hall, não resultou de um “pacto de associação civil”, mas de “uma vontade imperial”.

Em outro momento no mesmo texto, Hall menciona que o legado do período da escravização dos negros é sempre escamoteado, lançado ao esquecimento:

Os traços negros, ‘africanos’, escravizados e colonizados, dos quais havia muitos, sempre foram não ditos, subterrâneos e subversivos, governados por uma ‘lógica’ diferente, sempre posicionadas em termos de subordinação e marginalização. As identidades formadas no interior dos significados coloniais foram construídos de tal forma a barrar e rejeitar o engajamento com as histórias reais de nossa sociedade ou de suas ‘rotas’ culturais. Os enormes esforços em empreendidos, através dos anos, não apenas por estudiosos da academia, mas pelos próprios praticantes da cultura, de juntar ao presente essas “rotas fragmentárias”, frequentemente ilegais, e reconstruir suas genealogias não ditas, constituem a preparação do terreno no histórico de que precisamos para conferir sentido à matriz interpretativa e às autoimagens de nossa cultura, para tornar o invisível visível (HALL, 2013, p. 44).

As identidades forjadas no seio da sociedade escravocrata, ou seja, fortemente marcadas pelo signo da violência e cujos traços “foram sempre não ditos, subterrâneos e subversivos”, conforme Hall, implicou em sistemáticas formas de apagamento destes traços, barrados e rejeitados por longo período na sociedade ocidental. Não obstante, uma série de iniciativas dentro e fora da academia tem buscado tirar da obscuridade as “genealogias não ditas”, de modo a “tornar o invisível visível”.

No texto *As (re)escritas da memória da escravidão: questões teórica*, Eurídice Figueiredo sinaliza

Além das obras publicadas na área de ciências humanas, a literatura contemporânea tem também produzido textos que exploram a memória da escravidão, trazendo à tona questões traumáticas que ainda hoje repercutem no imaginário ou inconsciente coletivo. A literatura usa os elementos da história, mas os reelabora de forma imaginária a fim de tentar recriar um espaço-tempo habitado por personagens que viveram e sofreram no passado (FIGUEIREDO, 2010, p. 169).

Cito Eurídice Figueiredo para reiterar o fato de que tem havido uma preocupação em preencher determinadas lacunas que envolvem “questões traumáticas” da história dos negros escravizados; movimento percebido, inclusive, na Literatura¹⁸. Esta, por sua vez, como sinaliza Figueiredo, reinventa, rele, reelabora de forma imaginária e criativa acontecimentos históricos. Este movimento tem bastante relevância se levarmos em consideração o fato de que a revisão (literária) da história contribui para a desestabilização de inúmeros estereótipos produzidos no seio das sociedades coloniais que ainda hoje são reiterados nos diversos espaços da América Latina.

Em *A ordem do discurso* (1996), Michel Foucault diz nitidamente que o discurso é ordenado, peremptório e fechado. Não era saudável ao discurso que sustentava a escravização europeia divulgar as revoltas, pequenas revoltas, boicotes ou quaisquer outras formas de resistência à escravização. Michel Foucault declara:

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por papel exorcizar-lhe os poderes, os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.8).

Foucault não trata de colonização e escravização, mas me utilizo de suas proposições para pensar estes dois cruéis processos que marcaram as sociedades ocidentalizadas. Levando em consideração este pensamento de que os discursos produzidos são sempre regulados pelas instituições sociais, que os controla e restringe, atento a hipótese de que apesar de toda violência da escravidão, muitos discursos foram utilizados pela empresa colonial no sentido de atenuar a crueldade praticada e “disfarçar a sua pesada, temível materialidade”, de modo que, as memórias da escravização e colonização foram sempre “não ditos”.

¹⁸ Na literatura brasileira posso citar dois exemplos clássicos de revisão histórica *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro e publicado em 1984 e o romance mais recente *Um defeito de cor* (2013) de Ana Maria Gonçalves.

N'A *arqueologia do saber* (2012), Foucault evidencia a necessidade de questionar “sínteses acabadas” e certos agrupamentos discursivos “aceitos antes de qualquer exame”, cuja veracidade “é reconhecida desde o início” (p. 26). Estas palavras, do capítulo intitulado *As unidades do discurso*, o autor utiliza para se referir a algumas noções atreladas a ideia de continuidade, como tradição, originalidade, semelhança e repetição, influência, evolução. Para Foucault, qualquer análise histórica demanda olhar com desconfiança para essas noções uma vez que corroboram com um discurso já instituído e divulgado com um dado incontestável. É justamente esse olhar de desconfiança com os discursos oficiais referentes à colonização e escravização que notamos no romance *Fe en disfraz*.

No caso do romance em estudo, o movimento representado é justamente de descortinar a história, ler a contrapelo, desvelando suas contradições, os não-ditos, assim como por em cheque sua continuidade e causalidade. Ao criar uma personagem que assume o papel de arqueóloga em busca da construção de um outro saber acerca da escravizadas. O trabalho investigativo da personagem Fe Verdejo culminou na descoberta de documentos que forneceram instrumental para que ela mostrasse uma faceta da escravização que “el mundo historiográfico suponía inexistente”, como vemos no trecho abaixo:

Entonces, y como por arte de magia, en un seminario de la Universidad de Chicago aparecen documentos que el mundo historiográfico suponía inexistentes. Fe recordó los nombres de varias fundaciones que apoyarían su proyecto. Gracias a aquellos documentos, podría presentar una propuesta de investigación que tendiera puentes entre instancias interesadas en estudios de raza e identidad, en estudios de género, y en la defensa de los derechos civiles. Pidió una beca investigativa; se la otorgaron (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 26).

O achado de Fe respaldou sua proposta de investigação histórica que previa uma articulação crítica com as noções de raça, gênero e identidade, estando atrelada em especial a luta pelos direitos civis. A bolsa para pesquisa com a qual Fe foi contemplada permitiu que ela realizasse uma investigação de campo em alguns países onde houve escravização, no contexto da narrativa, um dos locais mais significativos foi o arraial de Tijuco em Minas Gerais, atual município de Diamantina, onde a estudiosa concentrou parte de seu trabalho:

La doctora Verdejo decidió concentrarse en la región brasileña de Minas Gerais, en Tejuco, propiamente, y en su región de explotación de diamantes. De allí procedían los documentos más dramáticos y numerosos. Después, cubriría otros territorios. Preparó su viaje y partió. Logró dar con otros manuscritos de esclavas, libros de cuentas, actas de bautizo de los hijos que las negras les parieron a sus amos; todos blancos, todos ricos y poderosos. Consiguió permisos para transportar esos pliegos, además de otros artefactos: misales de nácar, mantillas, joyas hechas con los diamantes de

Minas. Hasta pudo agenciarse algunas fotos de los descendientes de estas mujeres (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 23-24).

Como se vê, a partir das pesquisas, Fe Verdejo pôde reunir uma série de elementos – relatos de escravizadas, livros de contas, roupas, joias, fotos etc. – que lhe possibilitou compor um novo quadro de um período sobre o qual se pensa não haver nada mais a ser dito. Santos-Febres, ao criar essa personagem, propõe ela própria um novo modo de ver a história, a memória, a ficção, uma vez que além que questionar saberes instituídos, repensa a distinção entre esses discursos e demonstra sua inquietude frente aos *já ditos* da histórias. A narrativa de Santos-Febres o tempo todo nos faz deslizar entre a ficção e a teoria, ao fantasiar, a autora teoriza, e deste movimento também vem a força de sua narrativa. Afinal, como diz Foucault,

[é] preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares. É possível admitir, tais como são, a distinção dos grandes tipos de discurso, ou a das formas ou dos gêneros que opõem, umas às outras, ciência, literatura, filosofia, religião, história, ficção etc., e que as tornam espécies de grandes individualidades históricas? Nós próprios não estamos seguros do uso dessas distinções no nosso mundo de discursos, [...] De qualquer maneira, esses recortes - quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos dos discursos estudados - são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis (FOUCAULT, 2012, p. 26-27).

Foucault nos conduz a repensar os limites entre grandes tipos de discursos, afinal não estamos seguros das distinções que estão estabelecidas, como diz o autor esses recortes são *categorias reflexivas*, não possuindo *caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis*, são, desse modo, construções que merecem ser analisadas em conjunto levando em conta sua complexidade. Essa discussão nos permite pensar, por exemplo, a história como ficção e a ficção como história. A partir desta chave que lemos o romance *Fe en disfraz*: uma ficção que é também história e memória e teoria.

2. 2 MAYRA SANTOS-FEBRES: VISIBILIZANDO MEMÓRIAS NEGRAS

A temática da memória é recorrente nas obras de Mayra Santos-Febres, sobretudo, as memórias de sujeitos subalternizados, silenciados após anos e que permanecem às margens da sociedade. Tendo em vista esse processo de ocultação da diferença a autora sempre em seus

textos busca visibilizar certos atores sociais que não figuram nos espaços e discursos hegemônicos. Esse movimento de extrema importância considerando o contexto de discriminação e exclusão identificado na América Latina.

Florentina Souza (2006), também discute sobre a “invisibilidade social do afro-brasileiro” a qual:

[...] manifesta-se, ainda, na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinado pela sociedade. Em determinados papéis, a presença do afrodescendente é ‘naturalizada’; na maioria das cidades brasileiras vê-se como ‘normal’, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobres o exercício de tais funções, situações em que quase não são notadas como pessoas, fazem parte do cenário – são invisíveis. (SOUZA, 2006, p. 35)

A autora menciona a incapacidade de muitos em enxergar os afrodescendentes fora dos papéis de subalternidade, ao passo que vem como ‘normal’ sua presença nos subempregos, nas favelas, na mendicância ou em outras situações nas quais *não são notados como pessoas, são invisíveis*. Em muitos países latino-americanos, mas não apenas, “os afrodescendentes constituem os segmentos mais pobres do país e apresentam sérios problemas de saúde, educação, marginalização, e são as principais vítimas da violência” (DIJK, 2008, p. 159). Isso significa que efetivamente estão em desvantagem seja no acesso aos bens materiais ou simbólicos.

O escritor Teun Adrianus Van Dijk organizou uma coletânea de artigos publicada em 2008, cujos textos em geral discutem sobre racismo e discurso na América Latina. Dou destaque ao ensaio *Colômbia: invisibilidade e exclusão*, de Sandra Castilho e Neila Abril que fala sobre a invisibilidade do negro no contexto colombiano. A “ocultação dos atores sociais” negros, no entanto, não é restrita a esse espaço, ocorre muito comumente também no Brasil, podendo ser intensificada caso o indivíduo decida enfatizar suas raízes identitárias. Sobre o caso brasileiro, o escritor e intelectual Cuti (Luis Silva), em sua biografia sobre Lima Barreto, afirma:

No Brasil, vários fatos e figuras históricas ficaram congelados por longo tempo. E, quando o degelo próprio das contradições sociais ocorreu, a manipulação entrou em ação. [...] O método da omissão ou, em outros termos, da invisibilização atingiu vultos históricos negros, como Zumbi dos Palmares (1655-1695) e João Cândido (1880-1969). [...] O processo a que Zumbi e João Cândido foram submetidos também acometeu escritores que criticaram o racismo e expuseram com vigor a sua trajetória e o sentido profundo de sua existência. Eles ficaram congelados no tempo e, em seguida foram apresentados de forma depreciativa. Isso ocorreu com Luiz Gama, Cruz e Sousa, Lima Barreto e outros. (CUTI, 2011, p. 16-17).

Este trecho além de ratificar o processo de invisibilização dos “vultos históricos negros”, devido à ação dos difusores de ideologias racistas, aponta os efeitos negativos deste cruel processo: retira a importância destes sujeitos que muito lutaram pelo direito dos afrodescendentes; impede que determinados indivíduos se identifiquem com a trajetória deles e projetem sua própria trajetória a partir destes referenciais; e ainda, impede que estas “figuras históricas” sejam reconhecidas pelo trabalho desenvolvido.

Essa discussão se fez necessária para salientar a importância de alguns textos literários de Santos-Febres que acabam por tirar da invisibilidade de determinados atores sociais, como mulheres, negros/as, gays, trans, dentre outros, a exemplo dos romances a que tive acesso, a saber *Sirena Selena vestida de pena* (2000), *Nuestra señora de la noche* (2006) e do próprio romance *Fe en disfraz*. O primeiro conta a história da personagem Sirena Selena, um adolescente gay que não tem família e vive na rua, mas tem um dom que pode lhe render fama e sucesso: uma voz doce que encanta a muitos. Dentre os que são atraídos pela voz de Sirena Selena está a travesti Martha Divine, proprietária de um bar antigo em Porto Rico. Na história pode ser vista a luta que Martha Divine trava para galgar novas oportunidades para sua protegida Sirena Selena. Este livro representa uma outra perspectiva da sociedade caribenha, expondo – através uma linguagem marcante, crua e cômica – o mundo das travestis e drags queens negras de uma parte da América Latina que buscam ascensão socioeconômica através da música. Como ferramenta para a criação da narrativa, a autora se vale da técnica do flashback, passeando entre momentos passados e presentes. A narrativa tem uma linguagem densa e tensa, com toque de humor, além de um erotismo marcante que imprescindivelmente traz à tona uma realidade de marginalidade, preconceito, violência e prostituição vivenciada por gays, travestis e drags negros.

Já no romance *Nuestra Señora de la Noche*, Santos-Febres apresenta como protagonista uma personalidade histórica da sociedade de Porto Rico: Isabel Luberza Oppenheimer uma das mulheres mais poderosas, respeitadas e temidas de sua cidade, cuja trajetória de ascensão social é marcada por muitas lutas – abandono, trabalho infantil, discriminação racial e social, falta de moradia, prostituição como uma das poucas vias de conseguir o sustento, impossibilidade de criar o próprio filho etc. – o que é comum nas histórias de mulheres negras nos mais variados espaços da diáspora. Este foi o terceiro romance da autora, publicado em 2006, finalista do Prêmio Primavera e vencedora o Prêmio Nacional de Literatura de Porto Rico no mesmo ano. Neste livro, ao narrar a trajetória da

figura histórica que foi Isabel Luberza Oppenheimer¹⁹, Santos-Febres discute sobre representações da negritude, sobre a independência da mulher, sobretudo, as negras, e as dificuldades que enfrentam para ascender socialmente; o romance tematiza ainda as desigualdades sociais marcantes na sociedade porto-riquenha da época, questões relacionadas à sexualidade, dentre outros temas.

Respondendo sobre o porquê reescrever a história de Isabel Luberza, Santos Febres responde: “Yo creo que la razón es obvia. Isabel era una mujer boricua, negra, y poderosa cuando era prácticamente imposible serlo. Um mito tutela. Para mí era imposible soslayar su historia” (2008, p. 352). Fica evidente nesta afirmação o interesse da autora de visibilizar mulheres negras que se destacaram, mas que foram ignoradas, esta é uma atitude política já que historicamente as mulheres não têm tido vez nem voz na sociedade como um todo. Esta é uma narrativa marcada por abandonos (renúncias), amores desfeitos, superações; além de apresentar um panorama sociopolítico da sociedade porto-riquenha, mostrando o crescimento, as contradições e desigualdades, as lutas – sobretudo das mulheres que desejavam galgar espaços melhores.

El Cadillac del licenciado del licenciado Canggiano paró em la rotonda del Casino. Um botones abrió la mano para ayudar a la elegante dama que de seguro se bajaría de aquel carruaje lujoso. No se esperaba la mano enguantada que en su muñeca llevaba un semanario de oro macizo al que le colgaba una medallita de la Virgen de la Caridad. Tampoco se esperaba que aquel guante dejara ver, a la altura del codo, un brazo duro, negro, que brillaba contra la ncohecerrada. Uma gargantilla de brillantes adornaba el cuello de la Dama, también negro. Uma cascada de bucles caía a ras de aquel cuello. Los ojos del botones se pasaron en el mentón y em la cara. Del Cadillac se bajo Isabel Luberza Oppenheimer. La Negra Luberza. La Madama de Maragüez. El botones no pudo hacer otra cosa sino tragar (SANTOS-FEBRES, 2008, p. 01).

Estas são as palavras iniciais do romance e anunciam a grande dama que é Isabel Luberza Oppenheimer. A personagem chega a um grande evento em um luxuoso carro. Como fica evidente no trecho, esperava-se que uma grande dama descesse do carro, o que não se esperava era que esta grande dama fosse uma mulher negra. Para contrariar ainda mais as expectativas dos atentos observadores deste episódio, *la Negra* usava joias de ouro e brilhante, aumentando a surpresa e fascínio daqueles que a viam chegar ao Casino. A primeira parte do romance, *Revelación*, dedica-se, basicamente, a relatar o que se passou neste evento com La

¹⁹ “Fue una mujer negra poderosa, temida y propietaria del notorio prostíbulo Elizabeth Dancing Club fundado en el 1932 en el barrio Maragüez, en Ponce. Su éxito económico provocó que Isabel se Convirtiera en una figura social importante en Ponce y en todo Puerto Rico. La historia de Isabel “La Madama de Ponce”, es la historia de una lucha descarnada por ascender socialmente, sobreponerse a la desgracia y obtener el respeto de los suyos, la independencia y libertad”. Disponível em: < <http://afropuertorico.blogspot.com.br/2012/06/afropuertorriquenos-isabel-la-negra.html> >. Acesso em: 14/02/17.

Negra Luberza. Após ganhar dinheiro e fama, o temor e o respeito de toda uma sociedade, após tornar-se um verdadeiro mito na sociedade porto-riquenha, aparece na alta sociedade para desfrutar de seu prestígio. Como bem dito por Santos-Febres, a história de Isabel Luberza Oppenheimer não poderia ser ignorada haja vista que ela – mesmo em um contexto de extrema adversidade – conseguiu se tornar uma figura muito importante em um período em que as mulheres ainda lutavam por direitos civis e mais espaço na sociedade e se pensarmos no caso particular das mulheres negras a situação se agrava, pois esta em geral lutavam mesmo pela própria sobrevivência.

No romance *Fe en disfraz*, Santos-Febres também cria personagens que rompem com expectativas sociais, nesse sentido, notamos um amplo investimento por parte da autora na desconstrução alguns estereótipos acerca da mulher, principalmente a negra, dos gays, trans e outros atores sociais historicamente marginalizados. Ou seja, há um interesse por essas histórias-memórias a partir de uma outra perspectiva que aponta dentre outras coisas a capacidade desses sujeitos de gerir um grande negócio, de ascender socialmente, reagir aos abusos, desenvolver atividades artísticas e intelectuais, bem como ganhar reconhecimento e respeito por isso. A partir de então vou me deter a discussão sobre o romance *Fe en disfraz*, foco principal deste trabalho.

2. 3 FE EN DISFRAZ: UMA NARRATIVA SOBRE LA HERIDA QUE ES RECORDAR

Narrado pelo personagem Martín Tirado – homem branco, historiador e ilustrador – em linguagem simples e elegante, o romance *Fe en disfraz* conta a trajetória da historiadora, museóloga e intelectual negra Fe Verdejo que desenvolve pesquisas sobre relatos de escravizadas no período colonial. A narrativa se divide em 24 (vinte e quatro) capítulos, parcialmente independentes, intercalando histórias passadas (século XVI e XVII) e eventos contemporâneos (século XX). O presente da narrativa remete à rotina de trabalho de Fe Verdejo, que envolve sua atividade de pesquisadora: visitação de arquivos, pesquisas de campo, viagens, participa o em congressos etc. Há uma detida aten o   rotina de trabalho do narrador Martín Tirado, haja vista que ele é responsável por organizar, digitalizar os documentos levantados por Fe Verdejo, sua chefe. Assim como não há uma linearidade, unicidade temporal no romance, o espaço também   múltiplo. As a o es desenvolvem-se em Chicago onde se localiza a universidade em que os personagens Fe Verdejo e Martín trabalham, na Venezuela onde nasceu Fe, em Porto Rico onde nasceu Martín e também na

Costa Rica, no Brasil, em Cartagena, onde se passam as histórias das escravizadas alvo das pesquisas da intelectual Fe Verdejo. Apesar de as histórias se passarem em diversos espaços, há uma rasura nessas fronteiras geográficas, uma vez que o foco me parece ser o que essas histórias têm em comum independente dos limites que as separam.

Em alguns momentos ao longo da narrativa são apresentados dados da relação de Martín com sua noiva, a linguista Agnes. Devido à distância, essa relação vai se desgastando. Martín vive em Chicago e a Agnes permanece em Porto Rico em função do curso de doutorado; além disso, a narrativa sugere que ela passa a ter um envolvimento com seu orientador de doutorado, por outro lado, Martín também começa a desenvolver um sentimento especial por Fe com quem passa a se relacionar afetivamente.

Em conjunto, Fe e Martín trabalham para tentar preencher as lacunas das histórias das mulheres escravizadas e sempre que o passado emerge nas páginas do livro é justamente para apresentar esses relatos, daí novas personagens passam ser delineadas para os leitores: no capítulo III, passamos a conhecer as dificuldades e sofrimentos enfrentados pela ex-escravizada Diamantina, muitas vezes agredida pela senhora, por manter um relacionamento e ter filhos com o marido dela; o capítulo V apresenta um terrível relato sobre os abusos físicos e sexuais aos quais foram submetidas as escravizadas Petrona e María por parte de marinheiros ao atracarem num porto na Costa Rica; no capítulo VI apresenta a história de uma menina de treze anos (que não é nomeada) e também é abusada sexualmente, por um senhor que diz estar sofrendo de algum problema mental; além disso, no mesmo capítulo, há uma introdução à história de Chica da Silva; no capítulo VIII, mais um caso de violência física e sexual, desta vez a vítima chama-se Ana María, mais uma menina de doze anos; já no capítulo XII, há um relato um pouco diferente dos demais, é o caso Pascuala, uma escravizada que usa de seus conhecimentos com ervas para seduzir e ganhar algumas vantagens de seu senhor; no capítulo XV há um aprofundamento na história da ex-escravizada brasileira Chica da Silva.

As histórias das escravizadas são contadas na medida em que o narrador tem acesso a arquivos, documentos e comentários disponibilizados pela protagonista Fe Verdejo e nós leitores passamos a conhecer a história destas negras mulheres quase que ao mesmo tempo em que o narrador:

Esa noche, tan pronto llegué a casa, encendí la computadora y leí lo que me enviaba la historiadora Fe Verdejo. Sabía que mi jefa era diligente, que no me haría esperar. No me equivoqué. Llevé el cursor hasta el botón de *download*. Lentamente, varios archivos electrónicos aparecieron en mi pantalla. Abrí el primero. Leí; sentí un leve cosquilleo. Los recuentos narrados se colaron por mis ojos hasta encandilarme. Sin darme cuenta, una

de mis manos se deslizó y terminó por posarse encima de un muslo, cerca del cierre del pantalón. Pasé a un segundo documento. Más vibraciones sobre el cuerpo. Me detuve en el tercero.

El archivo decía: “Nacida en 1731 ó 1735, no se conoce la fecha exacta. Hija de María da Costa, negra esclava, y Caetano de Sá, português [...], esclava del médico del Arraial de Tejuco, don

Manuel de Pires, quien la tomó como amante siendo ella apenas una niña de once años”.

[...]

Acabé de leer el documento. Mi piel se encandiló entera. Traté de aplacarla tocándome como siempre. Fue, entonces, que descubrí el documento adjunto. Aparecía al final en PDF. Abrí la imagen. Era una fotografía en detalle del disfraz de Fe; es decir, del traje de Xica, el reencontrado (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 41-42).

Este trecho destaca que a personagem Martín recebia os documentos e imagens frutos da pesquisa de sua chefe Fe Verdejo por *email* e a partir desses arquivos ele produzia um material sistematizado, uma narrativa que desse coesão aquele conjunto aparentemente disperso. Quando essas histórias vêm a público (durante as apresentações em congressos e outros eventos acadêmicos realizadas pela personagem Fe Verdejo), elas já passaram pela manipulação de Martín que certamente fez interferências de ordem subjetiva. Podemos dizer, portanto, que ele figura como coautor das narrativas de histórias-memórias que são divulgadas acerca das escravizadas, assim como, Fe Verdejo, que, apesar de ser a protagonista da história, não é a narradora, mas é participe ativa no processo de construção da narrativa. Ela conhece as histórias a serem narradas antes mesmo do narrador, que a partir das pistas deixadas por Fe acessa os relatos para então produzir o que aparece para os interlocutores no contexto da narrativa e para nós leitores.

Estes comentários acerca de aspectos da construção narrativa apontam que no romance *Fe en disfraz* essa figura do narrador não segue os padrões tradicionais estabelecidos para este gênero, tendência muito própria deste momento que vivenciamos. O narrador contemporâneo destoa quase sempre daquele narrador clássico e também moderno cujas produções, em geral, estão pautadas numa lógica de linearidade e causalidade que nem sempre funciona para nosso contexto. Apesar de ser muito interessante esse movimento de rever a forma de construção narrativa e propor novos formatos, não é uma proposta nova.

Em *O narrador pós-moderno* (2000), Silviano Santiago parte dos contos de Edilberto Coutinho²⁰ para discutir algumas características do narrador contemporâneo. Logo no início do texto o autor indaga “se quem narra uma história é que a experimenta, ou quem a vê?” (p. 44), estando o primeiro caso relacionado a uma vivência e o outro a uma informação que é passada a partir da observação. Essa discussão vai cair na noção de autenticidade, novamente, o autor suscita o seguinte questionamento: “Só é autêntico o que eu narro a partir do que experimento, ou pode ser autêntico o que eu narro e conheço por ter observado?” (p. 44). A partir dessas reflexões o autor vai propor algumas hipóteses acerca do que chama de narrador pós-moderno, deixando claro que essa categoria analítica foi proposta a partir da leitura de um conjunto de contos de Edilberto Coutinho, cuja obra apresenta uma quantidade bem maior de narradores do que a que se propõe a analisar. Santiago, então, lança algumas hipóteses para pensar a condição do narrador pós-moderno: a primeira hipótese é esta:

O narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante (SANTIAGO, 2000, p. 45).

Analisando o conjunto de textos já citados, Silviano Santiago levanta a hipótese de que o narrador pós-moderno tem uma atitude de espectador e do seu lugar de visão narra um evento tentando *extrair a si da ação narrada*. Essa hipótese contempla a nossa personagem Martín, que como narrador do romance, da frente de seu computador, conta a ação enquanto espetáculo a que assiste, no caso, não literalmente, toma conhecimento do conteúdo a ser narrado através dos documentos recebidos via *internet*, como comentado acima. Talvez nesse sentido ele não seja atuante, como propõe Silviano, pois não há nenhuma ação do narrador que implique em algo no curso da narrativa, ele não mas não tem completo domínio do fato contado, ele constrói sua narrativa a partir dos rastros, das pistas, deixadas pela personagem Fe Verdejo.

Referindo-se ao momento em que a personagem Fe Verdejo saiu pelas ruas de Chicago trajando um vestido que na narrativa pertenceu a Chica da Silva, Martín declara: “Aquel fue el primer día de su rito. Aquel fue el primer día de esta história que terminará inscrita aquí, en el pergamino de esta pantalla electrónica, de esta mi pálida piel” (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 46). Nesse sentido, reafirmo a aproximação com a proposta de Santiago, fazendo os devidos distanciamentos, o que termina na tela do computador de Martín resulta

²⁰ Falar sobre

do que assiste, vê e lê tanto sobre Fe Verdejo quanto sobre as mulheres sobre as quais estudam e buscam reescrever suas histórias-memórias. Nesse ínterim eis que temos o contexto apropriado para apresentar a segunda hipótese de Santiago. No processo de escritura dessas histórias-memórias, Martín transmite um saber e produz autoconhecimento a partir da experiência de outrem, conferindo *autenticidade* ao relato por sua lógica interna, isso é o que exatamente ocorre de acordo com Santiago:

O narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrente da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem (SANTIAGO, 2000, p. 46)

A segunda hipótese de Santiago é de que o narrador é um ficcionista, haja vista que conta um evento a partir de uma experiência inexistente, uma experiência que é de outra pessoa. No caso de Martín, a vivência é de pessoas, mulheres, que viveram há séculos a trás, com as quais, aparentemente não possui nenhuma conexão, cujas histórias passa a conhecer a partir de documentos e imagens até então desconhecidas, ou seja, a partir de fragmentos que precisam ser organizados de modo que demonstrem possuir uma organicidade.

As sociedades ocidentais são fortemente marcadas pelo machismo e sexismo. Aos homens são reservados todo direito e prestígio, os melhores cargos e funções, os maiores salários²¹, dentre outros privilégios. Às mulheres são designados os trabalhos domésticos, pouco valorizados, desmerecidos. O direito de falar de si, de conhecer e narrar suas próprias histórias foi tradicionalmente negado às mulheres, em especial às negras. Assim, é interessante atentarmos para algumas nuances da construção narrativa de *Fe en disfraz*, haja vista que propõe uma outra ordem discursiva. O narrador-personagem, Martín Tiralo, apesar de falar sobre a trajetória Fe e de outras mulheres negras, não apresenta domínio completo da história, como de costume na narrativa tradicional²². Martín trabalha conjuntamente com a

²¹ Pesquisas recentes realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre revelam que o mercado de trabalho ainda reflete preconceitos contra a mulher e contra negros/as. De acordo com os dados divulgados, em 2014 as mulheres recebiam cerca de 74,2% da renda dos homens. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/01/mercado-ainda-reflete-preconceitos-contras-mulheres-pretos-e-pardos-revelam-dados-do-ibge>>. Acesso em: 12/10/2016.

²²Em seu *Conceitos fundamentais da poética* (1977), Emil Staiger falando da epopeia clássica evidencia que o narrador rememora os conteúdos de sua narração, mantendo a estabilidade em relação ao estado de ânimo justamente por conta do distanciamento espacial e temporal. O passado retorna, mas retorna para ser analisado, dissecado, exposto, o importante no caso é esclarecer, mostrar, tornar plástico. Essa característica foi por muito tempo preservada pelas narrativas hegemonicamente produzidas e tradicionais no ocidente.

protagonista Fe Verdejo para reescrever a história de mulheres negras escravizadas. Eis a descrição de Martín sobre seu próprio trabalho:

Yo me ocuparía de diseñar los nuevos enlaces electrónicos, levantar materiales audiovisuales que contextualizaran el archivo, redactar los bajantes de página que especificaran enlaces y contenidos. Es decir, que fungía de monje ilustrador, archivador y copista (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 31-32).

Este trecho nos ajuda a concluir que atividade de Martín se desenvolve a partir de uma base material já existente – produzida por Verdejo –, como menciona a própria personagem, trata-se um trabalho de ilustrador e copista. Isso reverbera a ideia que temos sobre a produção narrativa. Através do modo como constrói seu texto ficcional, Santos-Febres propõe um nova maneira de conceber a forma narrativa, ou seja, seu texto literário também tem uma força teórica, pois além de suscitar reflexões dessa ordem, poderia ser lido como uma proposta de veio teórico.

Silviano Santiago em trecho mencionado mais acima, menciona que esse narrador pós-moderno enquanto ficcionista *sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem* e mais que isso sabe da importância de seu papel, apesar de não ser atuante, mas um expectador. Martín – falando sobre seu relacionamento erótico-afetivo com sua chefe, declara:

Demás está decir que, en el trabajo, nadie sospechó jamás de nuestra relación. Esto que se ha dado entre nosotros no ha contado con ningún testigo. Sin embargo, toda historia necesita de alguien que narre, al menos, una versión parcial de los hechos.

Avalancha, hecatombe, sacrificio y rito. Me espera Fe Verdejo. Debo dejar este testimonio lo más completo que pueda (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 81).

Neste trecho a personagem salienta a importância do relato, do testemunho, no entanto, destaca que se tratam de versões sempre parciais, ou seja, são construções de linguagem, disto temos que não são, necessariamente, para ser autêntico o objeto narrado precise ser vivência, experimentado, como defende Silviano Santiago, a autenticidade advém de uma coerência interna do texto, nesse sentido, o narrador é responsável por promover essa lógica interna e não necessariamente pelo domínio completo da história, como o narrador tradicional que “com visão e conhecimentos superiores, era dono absoluto do enredo e do destino das personagens” (Dalcastagnè, 2001, s.p.). Assim, temos que

No lugar daquele indivíduo poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por alguém que tem dúvidas, que mente e se deixa enganar. É um narrador suspeito, seja porque tem a

consciência embaçada – pode ser uma criança confusa ou um louco perdido em divagações –, seja porque possui interesses precisos e vai defendê-los. A essa altura, já nem pretendem mais passar a impressão de que são imparciais; estão envolvidos até a alma com a matéria narrada. E seu objetivo é nos envolver também, fazer com que nos comprometamos com seu ponto de vista ou, pelo menos, que percebamos que sempre há um ponto de vista com o qual se comprometer. Por isso se desdobram, se multiplicam, se escondem, exibindo o artifício da construção (Dalcastagnè, 2001, s.p.).

Neste trecho do artigo *Personagens e narradores do romance contemporâneo*²³ no *Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso*, Regina Dalcastagnè menciona que diferente do narrador tradicional, o narrador de hoje é alguém que têm dúvidas, do qual podemos suspeitar. Além disso, é alguém completamente *comprometido com a matéria narrada* e que não tem interesse em ser imparcial. O narrador de *Fe en disfraz* se envolve na narrativa e é por ela afetado. Neste processo ele fala de si, fala de Fe, bem como fala das negras mulheres que são objetos da pesquisa realizada por Fe Verdejo. Mesmo conservando um suposto afastamento temporal e espacial, a história contada por Martín o afeta e desestabiliza bastante, despertando desejos escondidos, mas também fazendo com que ele repense vários dados antes por ele (e por muitos) desconsiderados. Martín apresenta uma narrativa que é lida como superada por “pertencer” ao passado, mas ao fazê-lo aponta para reverberação das formas sobreviventes do passado no presente. Inclusive sua identidade é alterada no curso e por esta narrativa:

Me dividía en dos: uno era el que leía y sentía aquella vergonzosa hambre. Otro Martín, insumiso, se mantenía a raya. Era él quien recordaba datos que había leído antes sin prestarles demasiada atención; historias de mujeres infames, poco conocidas, casi nunca nombradas — Malitzin, la traidora; Saatjee, la Virgen Hottentote; Kittihawa, la india que le parió a Du Sable sus primeros hijos—. Ante los ojos de ese Martín Tirado (quién sabe si yo), aparecían centenares de indias, negras y mulatas paridoras de hipogrifos mestizos, abiertas desde sus carnes más secretas, exponiendo la flor de su tormento. Ese Martín es quien hoy me hace comprender: la Historia está llena de mujeres anónimas que lograron sobrevivir al deseo del amo desplegándose ante su mirada (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 46).

Neste trecho, o narrador Martín apresenta sua reação frente aos arquivos recebidos pela personagem Fe. Ela recolhia os arquivos, interpretava, mas era ele quem transcrevia, mesmo este não sendo um processo passivo, acredito que desestabiliza a ideia de que o narrador é detentor do todo da narrativa. Neste processo ele era tomado por sentimentos e desejos que o

²³ Até então analisei a performance do narrador do romance em estudo como pós-moderno, considerando o diálogo que estava sendo estabelecido com Silviano Santiago. Regina Dalcastagnè, por sua vez, utiliza a denominação narrador contemporâneo. O fluxo da teoria literária não para e as terminologias se multiplicam conforme a teoria pluraliza, no entanto, não estou aqui preocupada com a terminologia, mas com o que de proveito posso tirar das proposições dos teóricos, estarei utilizando os termos como um utensílio que me ajude a entender o processo em curso na narrativa em análise.

levara a concluir que um outro Martín habitava seu corpo e esse outro ser o fazia atentar para dados por ele antes desprezados, no caso, para detalhes nas histórias das mulheres escravizadas que não eram contados, como as incontáveis insurgências contra a opressão escravagista. Esse outro Martín que surgia diante desse passado que parecia longínquo faz com que o Martín responsável por transcrever este relato não se mantenha inflexível, não se permita repetir os esquemas tradicionais que, em geral, reafirmam estereótipos redutores.

A partir de então o meu objetivo foi focalizar o romance *Fe en disfraz* articulando a uma mostra da produção teórica da escritora e intelectual Mayra Santos-Febres, de modo a demonstrar que a *performance* de Mayra Santos-Febres permite inseri-la dentro de um grupo de intelectuais insurgentes, por se comprometer em fazer uma leitura a contrastiva das histórias-memórias do povo negro, especialmente, das mulheres negras. Mayra produz e ressignifica o presente, no contexto da narrativa, mas, sobretudo, fora dele, borrando os supostos limites entre o político e o literário.

[...] cada noche, en mi apartamento de investigador, los acogía. Los fui leyendo poco a poco. Incluyo aquí un resumen de los archivos completos de Fe Verdejo. Ahora que reviso estos apuntes, me doy cuenta de que los escribí con la esperanza de que nombraran su rabia y su soledad (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 86).

Martín revisa, sistematiza, apresenta resumos para as histórias das mulheres escravizadas, a partir do que lhe disponibilizado. Interessante notar o comentário que o narrador faz acerca das notas de Fe Verdej. Ele acredita que ela os escreveu com a esperança de que nomeassem suas enfermidades e solidão. Assim como são importantes as características da personagem principal, não podemos ignorar o lugar de fala do narrador: homem e branco. Esses lugar é incontornável e inclusive explica algumas limitações que a personagem Martín apresenta na compreensão de alguns fatos vivenciados por mulheres negras, seja passados ou no presente narrativo. Levando em consideração o que acabei de mencionar, algumas perguntas surgiram: Que nexos pode apresentar o comentário de Martín? Como histórias “pessoais”, a maioria trágica, de escravizadas poderiam dar nome e sentido a enfermidades e solidão de uma intelectual bem sucedida? Mas adiante talvez possa arriscar algumas respostas, que apontam para as reminiscências de um passado histórico que permanecem vívidas nos corpos, nas mentes e nas relações sociais e interpessoais.

3 FE EN DISFRAZ: MEMÓRIAS DA ESCRAVIZAÇÃO

A busca das memórias africanas e afrodescendentes possibilita o estabelecimento de uma série de fatos, personalidades e estratégias que sirvam como exemplos motivadores para a formação de genealogias que viabilizem a intervenção dos ‘saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de uma ciência que seria produzida por alguns (Florentina Souza).

Florentina Souza publica o texto *Solano Trindade e a Produção Literária Afro-Brasileira* no volume 31 da revista *Afro-Ásia* (2004), do qual foi extraída a citação supracitada. Nesta oportunidade, a autora evidencia o fato de que faz parte do projeto de muitas/os escritoras/es e intelectuais negras/os o desejo de rearrumar “as fichas do arquivo histórico” de modo a visibilizar fatos e figuras históricas que ficaram no limbo das historiografias oficiais, “nesse sentido, se forjam genealogias caracterizadas pelo esforço de revisar e reescrever a história e a cultura do negro no Brasil” (SOUZA, 2004, p. 293). Essa busca das referências, das histórias-memórias do povo negro e sua visibilização possibilita reconstituir genealogias não ditas e alterar os modelos de representação que excluía/excluem de seu escopo o contributo da população negra.

No referido texto, a autora analisa alguns poemas de Solano Trindade²⁴ cuja produção, segundo ela, “reconfigurou a história e a memória dos afro-brasileiros” (2004, p. 282). Através das análises propostas, a pesquisadora vê na figura de Solano Trindade

[...] um exemplo de mediador cultural que forja lugares de diálogo através de sua história pessoal, através dos textos que produz e das atividades culturais que organiza — interfere, assim, nos modos de pensar da sociedade e intervém nos sistemas de produção de valores e nos padrões de gosto da cultura brasileira (SOUZA, 2004, p. 282).

Os textos analisados pela autora possibilitam inserir Trindade em um conjunto de personalidades negras que buscaram/buscam interferir nos sistemas de representação e produção cultural e favorecer a inserção de nomes e feitos de negras/os. Em seu livro *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU* (2006), Souza analisa um conjunto maior de textos de dois periódicos, exemplares da coletânea poética *Cadernos Negros* e dos jornais do *Movimento Negro Unificado*, cujos escritores, dentre os quais se inclui o próprio Solano Trindade, “organizaram-se com o objetivo de tornarem audíveis suas vozes de crítica e

²⁴ Solano Trindade foi poeta, escritor, teatrólogo, ator, pintor e pesquisador de tradições populares, nascido em 24 de julho de 1908, no Recife, e falecido em 19 de fevereiro de 1974, no Rio de Janeiro.

de protesto, contra os modelos de representação e tessitura das relações raciais no Brasil” (2006, p. 11).

Não perdendo de vista que Florentina Souza trata do contexto brasileiro, mas por entender que o Brasil compartilha com os demais países da América Latina uma história de opressão imposta pela colonização e escravização de negros e indígenas, me aproprio de suas reflexões para afirmar que tanto a escritora e intelectual Mayra Santos-Febres pode ser vista também como exemplo de mediadora cultural – que em muitas de suas atividades *intervém nos sistemas de produção de valores* – como também o romance *Fe en disfraz* pode ser lido como um espaço de memória e de recriação da história de negros/as.

Fe en disfraz “contribui para a ordenação de uma história e de uma memória dos empreendimentos desenvolvidos por um grupo minoritário nas relações de poder”, com o objetivo de “alterar as políticas de representação e de organização de poder” (SOUZA, 2006, p. 15). O passado é revisitado em *Fe en disfraz*, mas não de um modo nostálgico e/ou romantizado, mas com vistas a preencher determinadas lacunas acerca das histórias-memórias das mulheres negras escravizadas, invisibilizadas e/ou representadas sempre por um viés estereotípico. Assim, a revisitação do passado neste romance aparece:

[...] como senha para a busca daqueles recônditos ocultos nos discursos estabelecidos; esforço de compreensão da dinâmica histórica desde os começos até as heranças vivas no presente, em sua concretude material, social e, também, subjetiva; olhar indagador sobre aquele continente emudecido pelo tempo em busca de seus porquês, na pista dos porquês de agora (DUARTE, 2015).

Dialogando também com o que propõe Eduardo Assis Duarte no texto: *Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira* (2015), torno a reafirmar minha leitura de que o intento do romance ora focalizado consiste em trazer à cena literária as memórias subterrâneas, recalçadas, marginalizadas pelos discursos oficiais, compreender as dinâmicas históricas que baseiam as estruturas e relações sociais na atualidade e avaliar os motivos do emudecimento das vozes negras, no caso.

3. 1 O CORPO COMO SUPERFÍCIE DE INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA

Em *Fe en disfraz*, a imagem fantasma é materializada na corporeidade, ou seja, a leitura que produzo dessa narrativa me conduz à conclusão de que o corpo é apresentado como superfície carregada de fantasmas. Uma expressão muito forte e que é chave desta minha leitura é a seguinte: “Mi piel era el mapa de mis ancestros” (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 89). Estou tomando piel, como metonímia para corpo e ancestrais como herança, reminiscência, sobrevivências, isto é, estou deliberadamente aproximando o conceito de ancestralidade à ideia de imagem fantasma de Warburg, aqui apresentada via Didi-Huberman. Assumo todos os riscos desta aproximação, mas creio que não seja tão desconexa. Digo isso, pensando na proposta de interpretação para ancestralidade identificável no romance:

Los ancestros son la duplicidad y la contradicción. Los ancestros (y el acopio de sus saberes) son lo que nos fija en el tiempo. Esas largas **genealogías de muertos** intentan trazar una línea que, atravesando una masa informe de cuerpos, se desplazapor el espacio infinito. **Eso es la Historia, una tenue línea que va uniendo en el aire a los ancestros** —a esos pobres animales sacrificados en la pira del tiempo—.

Por eso ocurre el misterio que es Fe. Por eso ella es el enigma que jamás uno logra comprender del todo, pero que llama, erizando cada vello de la piel. **Por eso todas las mujeres derramadas se materializan en las telas de su traje y en su carne** (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 92, grifos nossos).

A partir do que está dito neste excerto e considerando o contexto mais geral da narrativa, reforço minha hipótese de que é possível relacionar uma noção de ancestralidade à ideia de imagem fantasma até então discutida. O que se propõe neste trecho é que *los ancestros* – que aqui estou chamando de ancestralidade – são *largas genealogías de muertos*. Já apresentei a leitura de imagem fantasma como àquela que remete a coisas mortas há muito, que materializam ‘sobrevivências’, remanecências, reaparições de formas do passado. O trecho em destaque aponta ainda que *todas las mujeres derramadas se materializan en las telas de su traje y en su carne*, isto quer dizer que as histórias-memórias das mulheres negras escravizadas que a intelectual negra Fe Verdejo – personagem principal do romance em estudo – visa publicizar, tirar de baixo do tapete da história se materializam, se presentificam, dentre outras coisas, em sua carne, em seu corpo. Sobre este assunto, Michel Foucault afirma:

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2013, p. 65).

Esta afirmação de Foucault fornece um dado importante para a lógica que desejo propor: a articulação histórica e corpo. Para ele, *o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo*. Disso depreendo que nossos corpos apresentam reminiscências, vestígios, sobrevivências, fantasmas legados da história da humanidade. Acho interessante a imagem: *a história arruinando o corpo*. Não leio arruinando neste caso no sentido de destruir, desmantelar. Interpreto essa expressão como deixar ruínas, restos, rastros.

Voltando ao caso da nossa personagem Fe Verdejo, não é difícil de imaginar que ela teve que conviver com todas as implicações de ser mulher, negra, latino-americana, oriunda de um país que é uma espécie de colônia moderna. Por isso, torno a repetir o trecho da narrativa que diz: *todas las mujeres derramadas se materializan en las telas de su traje y en su carne*. As histórias das mulheres negras escravizadas se encontram arruinando o corpo de Fe, aparecem como fantasmas materializados em seu corpo.

É interessante salientar, como aponta Stuart Hall, que a cultura negra na diáspora, em suas mais variadas manifestações, literatura, música, dança, artes visuais, tem apresentado o corpo como um importante capital cultural e simbólico, mas ainda como *tela de representação* (Hall, 2013, p. 380-381). Essa ideia casa muito bem como o romance *Fe en disfraz* e não deixa de salientar a importância do corpo na exposição de experiências históricas e memórias que foram obliteradas pelas narrativas hegemônicas na tradição ocidental.

Uma história que já podemos dizer *fantasmal*, no sentido de que nela o arquivo é considerado um vestígio material do rumor dos mortos: Warburg escreveu que, para ele, com os ‘documentos de arquivos decifrados’, tratava-se de ‘resgatar o timbre dessas vozes inaudíveis’ – vozes dos desaparecidos, mais vozes deitadas, ainda redobradas na grafia simples ou nas construções particulares [...]

Fantasmas cujos traços mal visíveis, porém se disseminam por toda parte: num horóscopo da data de nascimento, numa carta comercial, numa guirlanda de flores (justamente daquela que Ghirlandaio tirou seu apelido), no detalhe de uma moda de vestuário, uma fivela de cinto, uma circunvolução particular de um coque feminino (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 35).

Neste trecho, Didi-Huberman demonstra que uma *história fantasmal* é constituída a partir de um *vestígio material do rumor dos mortos*. A história de negras e negros da diáspora pode ser assim considerada, porque esse passado histórico continua reverberando no presente, por um lado, temos o legado de exploração e marginalização, a dificuldade de acesso aos bens materiais e também simbólicos que afetam e desestabilizam muitos negros/as, por outro,

temos uma força ancestral que nos capacita para ir a luta e nos reinventar, mesmo em contexto adverso.

No texto *Os paradoxos da memória*, Ulpiano Bezerra, apresenta como um dos paradoxos a questão do tempo natural da memória, sobre isso afirma:

[..] sem dúvida, **o tempo da memória é o presente**, mas ela necessita do passado. O tempo da memória é o presente porque é no presente que se constrói a memória – a memória não se constrói no passado, se constrói no presente. Em segundo lugar, porque **são às necessidades do presente que a memória responde**, não às necessidades do passado nem às do futuro, embora muitas vezes, retoricamente, seja apresentado assim. Finalmente, **os usos todos da memória são usos no presente** – tradição só existe no presente das sociedades. [...] Mas é claro, então, que o conteúdo da memória envolve, sim, implica o passado, porque a inteligibilidade das transformações da vida precisa do passado para ser identificada e entendida (Bezerra, 2007, s.p.).

Bezerra afirma tacitamente que o tempo da memória é o presente, pois são às necessidades do presente que ela responde, apesar de precisar do passado. O retorno dos fantasmas acontece via memória.

Um outro aspecto da memória que se pode identificar neste romance diz respeito aos seus usos. Bezerra afirma: *os usos todos da memória são usos no presente – tradição só existe no presente das sociedades*.

3. 2 O SOPRO DAS ANCESTRAIS

Mucho distamos Fe y yo de ser paganos. Pero veneramos el tiempo y sus transcurros: las inscripciones que la Historia deja en folios, en las pieles de cuerpos hechos polvo y agua. Acaso esto sea “estudiar”. Detenerse en la huella, en un “corte” en el tiempo. (Mayra Santos-Febres)

A presente seção propõe uma leitura dos romances *Fe en disfraz* (2009), com vistas à interpretação dos modos como a escritora opera com *as coisas mortas há muito tempo*, mas que sobrevivem e se presentificam na vida da protagonista Fe Verdejo. Dito de outro modo, interessa-me compreender se e como Santos-Febres faz uso de imagens fantasmas, as quais podem ser entendidas como *sobrevivências, latências e aparições*, que via memória atingem, afetam os sujeitos que com elas têm contato, no caso do romance em análise, focarei nos impactos dessas memórias a personagem principal – Fe Verdejo.

Chama atenção nessa narrativa o fato de referenciar um período terrível para a história da humanidade: a escravização. Na leitura proposta por Walter Benjamin, constitui-se como um documento de barbárie:

Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie. E, assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. Por isso, o materialismo histórico se desvia desse processo, na medida do possível. Ele considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012, p. 245).

Mayra Santos-Febres, como amplamente comentado neste trabalho, traz à tona os fantasmas²⁵ deste período no romance *Fe en disfraz*, sempre em diferença ao modo como foi tratado hegemonicamente. Não de modo nostálgico, idealizado, mas de um modo crítico. O que importa na narrativa é *escovar a história a contrapelo*, apresentar narrativas outras, trazer à superfície memórias subterrâneas que foram recalçadas – seja para mostrar que algumas escravizadas conheceram o que é luxo, como o caso de Chica da Silva, para apontar o fato de que muitas escravizadas lutaram para por fim ao sofrimento que lhes era imposto, ou mesmo para indicar que muitas delas foram implicadas na manutenção da herança cultural e identitária de seu povo, para assegurar sua continuidade.

Na minha leitura, os fantasmas existem em *Fe en disfraz* e foi preciso que a personagem os encarasse. Os resquícios do passado, suas ruínas, suas reminiscências, suas sobrevivências, seus fantasmas existem em quaisquer situações, seja na arte, na história, na sociedade (para o bem e para o mal). É preciso, se for o caso, exorcizá-los, mas, é preciso também, valorizá-los quando úteis.

Partirei de algumas proposições do estudioso George Didi-Huberman que retoma a dita história da arte para ler por um viés anacrônico a questão das imagens. No texto a partir do qual produzi minhas leituras, a saber *A imagem fantasma: sobrevivência das formas e impureza do tempo* (2013), Didi-Huberman apresenta o processo de Warburg de desconstrução da cronologia temporal da história da arte e a consequente substituição do “modelo ideal das ‘renascenças’, das ‘boas imitações’ e das ‘serenas belezas’ antigas por um modelo fantasmal da história, no qual os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimem por obsessões ‘sobrevivências’, remanências, reaparições das formas” (Didi-Huberman, 2013, p. 25). Ao propor isso, o autor desvela as *impurezas do*

²⁵ O conceito de fantasmas aqui utilizado é tomado de empréstimo de George Didi-Huberman que, a partir de Aby Warburg, define como uma espécie de espectro, algo que sobrevive a tudo, inclusive a passagem do tempo.

tempo, haja vista os rastros de um suposto passado podem retornar sob a forma de imagens fantasmas.

As proposições de Didi-Huberman, como já sinalizei, referem-se à questão da história da arte, entretanto, me aproprio de sua discussão para demonstrar que o tempo da narrativa em foco pode ser lido como uma construção elaborada a partir de uma lógica fantasmática, ou seja, o presente é fortemente atravessado por rastros do passado, o futuro do mesmo modo se constitui a partir das sobrevivências de formas passadas, de imagens fantasmas. Nesta oportunidade analisarei uma cena de *Fe en disfraz* na qual é possível demonstrar essas relações.

Vários elementos na narrativa de Santos-Febres demonstram que a autora parte de um conteúdo da história, no caso, a escravização do povo negro em vários cenários da América Latina, para assim propor criar teias literárias que recontam histórias-memórias passadas cujos impactos reverberam no “presente” da narrativa. O tempo deste romance não segue parâmetros tradicionais de linearidade e causalidade, sendo a personagem Fe Verdejo, assim como Martín, afetados pelas histórias-memórias de mulheres escravizadas que, no contexto da narrativa, retornam como fantasmas revelando às personagens citadas as reminiscências deste passado traumático. Assim, em *Fe en disfraz*, é possível notar o diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado.

Na cena abaixo transcrita, é descrito o momento em que a personagem Fe Verdejo confere os últimos detalhes da exposição que lhe daria fama e projeção acadêmica:

La famosa exposición ‘Esclavas manumisas de Latinoamérica’ abrió sus puertas la primera semana de noviembre. Pero, en la Víspera de Todos los Santos, mientras afuera el gentío se disfrazaba para ir a celebrar la fiesta que nos legaron los paganos, Fe se quedó supervisando los últimos detalles del montaje. Ya todos se habían ido, me contó aún tirada en el suelo. **Comenzó a revisar el maniquí que exponía el traje de la esclava. No se pudo contener. Se desnudó, allí, a solas, en las asépticas salas del museo del seminario. Desvistió el monigote. Se deslizó dentro de las telas. Se calzó las medias caladas y las ligas. Le quedaron exactas. El arnés de correas y varillas descansó punzante sobre su piel.** Lo más difícil fue ajustarse el pasacintas de seda que tejía su prisión sobre el vientre, pero lo logró. Entonces, bajo aquel disfraz, la museógrafa Fe Verdejo se tiró a la calle y no regresó al seminario hasta la madrugada, con la piel hecha un rasguño y un ardor.

Aquel fue el primer día de su rito. Aquel fue el primer día de esta historia que terminará inscrita aquí, en el pergamino de esta pantalla electrónica, de esta mi pálida piel (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 26, grifos nossos).

Um elemento relevante no trabalho da nossa “estrela acadêmica” é o vestido de Chica da Silva, ex-escravizada brasileira que em seu tempo casou-se com o rico contratador de

diamantes João Fernandes de Oliveira e atingiu uma posição de destaque na sociedade, numa época em que o peso da escravidão era terrivelmente grande. Esta relação resultou em um escândalo, haja vista que para a época seria inconcebível pensar uma relação senhor/escravizada, homem branco/mulher negra fora do esquema da dominação e exploração sexual.

Leio aqui para efeito de análise este traje de Chica da Silva, como um *arquivo do mal*. Acredito que seja muito boa uma definição que o próprio Derrida apresenta em seu livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*:

Com Freud, sem Freud, às vezes, contra Freud, ***Mal de Arquivo evoca sem dúvida um sintoma, um sofrimento, uma paixão: o arquivo do mal***; mas também aquilo que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio do arquivo, a saber, o mal radical. Levanta-se então infinita, fora de proporção, sempre em curso, ‘em mal de arquivo’, a espera sem horizonte acessível, a impaciência absoluta de um **desejo de memória** (DERRIDA, 2001, p. 09, grifos nossos).

Neste trecho, Derrida joga com as expressões *mal de arquivo* e *arquivo do mal*, este último estando relacionado àqueles arquivos que foram recalcados, lançados deliberadamente ao esquecimento, por remeterem a um trauma insuperável, a um sofrimento intransponível. De acordo com este pensamento derridiano, todo arquivo pressupõe inscrições, marcas, impressões, assim como pressupõe, também, um lugar de consignação — um lugar de reunião dos signos — e uma técnica de repetição. Assim sendo, e voltando a citação do romance em destaque, leio o traje de Chica da Silva como um *arquivo do mal*, pois este é uma sobrevivência de um passado traumático, sobretudo, para o povo negro. Este arquivo da escravidão faz emergir uma série marcas, feridas e fantasmas do período ao qual pertence.

Diante de um *arquivo do mal* da escravidão, diante de uma série de significações que o mesmo trazia a cena, não é difícil imaginar que Fe se deixaria invadir por esses fantasmas e pelas imagens que produziam. Ao se desnudar, vestir o traje e sair pelas ruas *disfarçada* de Chica da Silva na comemoração de Sam Hain – como é tratado na narrativa – tradicionalmente conhecida como véspera da festa de todos os santos, *halloween* (dia das bruxas), festividades que terminariam com o dia de finados (ou festas dos mortos) no segundo dia do mês de novembro. Esses detalhes são interessantes na medida explicam que foi um contexto propício para a personagem Fe Verdejo não apenas expor um *arquivo do mal* e todo o seu peso, mas também, e principalmente, revela um *desejo de memória*. Sem dúvidas, ao fantasiar-se de Chica da Silva, ainda que com um traje que, no contexto da história, pertenceu de fato a ex-escravizada famosa, há um afastamento temporal

Ficamos diante de uma imagem como *diante de um tempo complexo*, o tempo provisoriamente configurado, dinâmico, desses próprios movimentos. A consequência – ou desafio – de um ‘alargamento metódico das fronteiras’ não é outro senão uma desterritorialização da imagem e do tempo que exprime sua historicidade. Isso significa, claramente, que *o tempo da imagem não é o tempo da história em geral* [...] (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 34, grifos do autor).

É necessário levar em conta o que Aby Warburg, lido por Didi-Huberman, chama de *tempo complexo*, não se pode, de fato, perder de vista que *o tempo da imagem não é o tempo da história*. Assim, creio que é possível a partir deles afirmar que a imagem de Fe trajada de Chica não necessariamente remeteria a um período e evento histórico específico, o fantasma da escravização veio de seu tempo e foi incorporado a uma cena, por assim dizer, contemporânea e a ele foram acrescidas inúmeras outras significações. Seria, portanto, um ato performático. Luciene Azevedo no texto *Representação e Performance na Literatura Contemporânea* (2007), afirma que

A condição de existência da performance é a relação ambígua que mantém com esse lastro que a constitui. Considerando-se a apropriação dessa “herança” como a força mesma do impulso performático, sua realização depende do jogo entre mostrar e dissimular suas fontes autorizantes, da relação afirmativa ou de negação que mantém com os sistemas convencionais (AZEVEDO, 2007, p. 80).

Ao encenar, performar ser Chica da Silva, a personagem Fe traz a cena um determinado evento histórico com o qual mantém uma relação ambígua, para, como sugere a narrativa, negar todo um sistema discursivo que criou e naturalizou uma imagem acerca das escravizadas. O interessante da performance é justamente sua capacidade de desestabilizar certas construções tidas como naturais. A consideração acima não deixa de estar em consonância com a leitura da cena de Fe trajada de Chica como retorno de fantasmas, pois “[a]s próprias imagens, nessa óptica de retorno de fantasmas, viriam a ser consideradas como aquilo que sobrevive de uma dinâmica e uma sedimentação antropológicas tornadas parciais, virtuais, por terem sido, em larga medida, destruídas pelo tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 34). Isto significa que nenhum arquivo, nenhum resquício, nenhuma sobrevivência do passado pode ser entendido como pertencente originalmente a um dado tempo, como possibilidade de expressão de uma *essência exata da coisa*, implicando que essas imagens não podem ser lidas como algo com fronteiras nitidamente marcadas, pois elas emergem a partir de movimentos sedimentados e cristalizados sobre elas.

Toda e qualquer busca por uma origem exata das coisas, por uma verdade essencial a cerca de algo é completamente inviável e infrutífera, haja vista que:

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. [...] O que se encontra no início histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate (FOUCAULT, 2013, p. 53-59).

Foucault, nesta citação, a partir de Nietzsche, ratifica a ideia de que não existe uma essência ou uma identidade primeira, uma origem, no *início histórico das coisas* o que existe é a discórdia, o disparate. Assim, avento a hipótese de que as imagens criadas por Mayra Santos-Febres, assim como as elaborações, os disfarces da personagem Fe Verdejo não passam de construções que em nada se aproximam de uma origem, acredito inclusive que em nenhum dos dois casos exista esse intento. O traje de Chica da Silva é usado por Fe Verdejo, numa festa de rua, como uma alegoria do período da escravização. Ainda assim, na minha leitura, a imagem que se produz implica um *retorno de fantasmas*, que mesmo parcial, mesmo submetido à ação do tempo não deixa de afetar o presente dos sujeitos que constatarem a sobrevivência de coisas mortas há muito tempo.

3. 3 FE EN DISFRAZ E A PROBLEMÁTICA DO LUGAR: MEMÓRIA COMO PRODUÇÃO

Pierre Nora (1993), no texto *Entre história e memória: a problemática dos lugares*, defende que este momento da nossa história é marcado por uma obsessão pelo arquivo, implicando uma preservação quase que integral de todo o presente, bem como de tudo que reporte ao passado (p. 14). É sabido que não são todas as culturas que são escolhidas a compor os discursos da historiografia oficial, os contributos de grupos marginalizados não aparecem nos arquivos oficiais. No texto *Memória e esquecimento* (2009), Benedict Anderson deixa entrever que no processo de constituição da “história” de uma Nação, por exemplo, algumas memórias são escolhidas para serem lembradas e outras para serem esquecidas, assim, podemos dizer que não existe memória sem esquecimento, ou seja, um processo não acontece sem a participação do outro. Isto implica dizer também que toda construção discursiva está fincada nesta lógica de seleção/exclusão e, nessa esteira, as minorias políticas e sociais acabam sendo jogadas no limbo da história. Contemporaneamente, porém, estes sujeitos tem tido mais oportunidade e melhores condições para propor uma revisão desta historiografia e produzir arquivo, mas é um novo arquivamento que se propõe visibilizar e dar

conta das demandas desses grupos tradicionalmente ignorados pela história. Esse sopro de liberdade possibilita que

Essa memória "proibida" e portanto "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades (POLLAK, 1989, s.p).

Esta citação, extraída do texto *Memória, esquecimento, silêncio*, além de apontar a existência de uma memória e uma história oficiais que salvaguardam as ideologias dos setores dominantes, bem como de memórias subterrâneas que passam a ocupar a cena cultural, desde a cultura de massa até os setores artísticos mais valorizados, perpassando pelo mercado editorial. No caso das memórias subterrâneas, elas vêm denunciar as contradições de uma “história” que se quer universal, muito embora se limite a reproduzir os valores de um setor muito específico da sociedade, ao mesmo tempo que silencia completamente as histórias-memórias dos que estão à margem. Provavelmente, por evidenciar este aspecto, estas memórias subterrâneas foram insistentemente barradas, rejeitadas, proibidas, as suas reivindicações trazem a tona demandas das “diferentes nacionalidades”, como afirma Pollak, ou ainda, de outros grupos étnicorraciais, de mulheres, de homossexuais, de lésbicas e outros ainda subalternizados.

É certo que o autor, no texto em questão, dá ênfase à experiência dos sobreviventes dos campos de concentração alemães – uma dos poucos eventos que podem ser comparados à tragédia da escravidão, apesar do abismo em relação ao número de vítimas e tempo de duração que os separam – porém a discussão de Pollak, como tenho feito, pode ser apropriada para indicar esse movimento que visa trazer à superfície memórias por muito tempo soterradas e silenciadas pelos discursos oficiais, movimento este que indica inclusive que as memórias precisam ser disputadas, como sugere Pollak, e também produzidas como desejo aqui defender.

Nesse contexto, ganha corpo o que Nora chama de lugares de memória:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardadas nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de

memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria (NORA, 1993, p. 13).

Destaco alguns pontos deste trecho, primeiro o fato de não haver, segundo a lógica de Nora, memória espontânea; em seguida, como já exposto, o destaque de que a história pode tirar de seu escopo determinadas memórias; ainda é mencionado que as minorias defendem certa memória refugiada sobre focos privilegiados. Ora, se não existe memória espontânea, ou, eu diria, se a memória não é apenas espontânea, a memória pode ser produzida. Mas quem então teria esse “direito” a produzir memórias? Os historiadores e os grupos que detêm o poder sobre os sistemas de representação (histórica e literária)? As minorias sociais e políticas? Podemos imaginar qual opção se aproxima mais da tendência geral. Os lugares de memória, portanto, garantiriam algo muito importante, pela leitura aqui proposta: que as minorias políticas pudessem garantir que determinados elementos de sua memória cultural não fossem varridas pela história.

Certamente, precisamos ampliar um pouco essa noção de lugar de memória proposta por Nora. Na citação acima transcrita ele aponta alguns elementos entendidos como tal, como aniversários, elogios fúnebres, atas, em outros momentos do texto ele cita também tratados, monumentos, santuários, museus (p. 13). Estes artifícios asseguram a *vigilância comemorativa* e garantem que eventos, mitos, personalidades, acordos não sejam esquecidos. Acredito, porém, que a própria literatura pode ser entendida como um lugar de memória, haja vista que das páginas de um livro também emergem memórias de um povo, de uma cultura, de personalidades importantes para determinado grupo. Reforça este meu pensamento o fato de a literatura contemporânea estar dialogando bastante com o passado com vistas a produção de uma memória a partir das reminiscências, dos resíduos, das coisas passadas. O próprio Nora afirma que “os lugares de memória são antes de tudo restos” (p. 12), assim, por se apropriar de uma memória esfacelada, fragmentada, incompleta com vistas a preencher as lacunas e oferecer uma versão alternativa aos discursos da história oficial (seja ela literária ou não).

Mayra Santos-Febres, em entrevista²⁶ concedida ao programa *ConversanDos*, uma iniciativa do Centro Virtual Isaacs da Faculdade de Humanidades da Universidad del Valle (Colômbia), responde questões abordando o tema *O criolismo na literatura porto-riquenha*, na oportunidade a autora fala também sobre as inquietações de que culminaram na escrita do romance *Fe en disfraz*. Em uma pesquisa histórica que Mayra realizou sobre escravização

²⁶ Esta entrevista encontra-se disponível no canal do programa no site youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=43y-rJPgLao>>. Acesso em: 16/10/2016.

constatou que há um grave problema nos textos que tratam deste período: poucos abordam como foi a escravização no Brasil e nos demais países da América Latina, ou seja, em espanhol e em português há poucas narrativas de escravizados, poucas declarações. Em inglês e francês, ao contrário, há uma extensa documentação, nos EUA inclusive há uma intelectualidade negra muito forte que começou a se formar no século XIX.

Para a autora, a consequência negativa do referido processo é que somos representados como um povo sem história, os negros e afrodescendentes latino-americanos, no caso. Não temos uma história sistematicamente organizada acessível para quem queira conhecê-la; os interessados têm que buscar as fontes primárias ou ler estudos que citem algum relato de escravizados/as. No estudo realizado pela autora ela diz que pode recompilar não mais que 11 relatos de escravizados. Por outro lado, aponta Mayra, existe a possibilidade de preencher essas lacunas deixadas pela historiografia oficial, de reconstruir esses fragmentos da memória da escravização, este é o intento de seu *Fe en disfraz*: mostrar como se constrói uma história-memória via imaginação.

No contexto da narrativa, a protagonista ao encontrar, durante suas pesquisas, documentos nos quais haviam relatos das escravizadas latino-americanas, sabe da raridade do achado pelo motivo já comentado: o fato de, em língua espanhola, não haver notícia de relatos de escravizados, tão pouco de mulheres escravizadas:

Algunos de aquellos papeles narraban cómo esclavas manumisas de diversas regiones del Imperio lusitano y del español lograron convertirse en dueñas de hacienda. Otros tan solo recogían testimonios de “abusos”, en los cuales las esclavas pedían amparo real. Encontró, además, documentos de condena por el Santo Oficio, declaraciones de tormentos y castigos. Mariana Di Moraes, Diamantina, la mulata Pascuala, los testimonios se sucedían uno tras otro. Relataban estupros y forzamientos con lujo de detalles. Su contenido sexual era particularmente violento.

[...] A la historiadora y museógrafa se le abrieron las puertas del cielo. Si de algo estaba segura Fe era de que en ningún otro lugar del mundo se hallaba una colección semejante. En inglés, existen miles de declaraciones de esclavos que dan su testimonio en contra de la esclavitud. Mujeres educadas que formaban parte de sociedades abolicionistas les enseñaban a leer y a escribir, recogían sus palabras y, luego, financiaban la publicación de esos testimonios para que el público conociera los terrores de la trata. Oludah Equiano, Harriet Jacobs, Mary Prince, Frederick Douglass, esclavos con nombres y apellidos, contaron el infierno de sus vidas bajo el yugo de la esclavitud.

En español, por el contrario, fuera de las memorias del cubano Juan Manzano o del testimonio *Cimarrón* de Miguel Barnet, no existe ninguna narrativa de esclavos; menos aún, de esclavas (SANTOS-FEBRES, p. 22-23).

Este trecho, como comentado, aponta a carência de relatos da escravização pela própria boca, ou melhor, pelo próprio punho dos escravizados em língua espanhola, e também portuguesa. Chama atenção ainda, os conteúdos dos relatos: alguns apresentavam denúncias dos abusos sofridos por aquelas mulheres, isto é, elas denunciavam os terrores da escravização e a truculência, a perversidade e a perversão dos brancos, outros, porém, apontavam escravizadas como donas de fazenda e até mesmo integrantes da alta sociedade, como é o caso do relato sobre Chica da Silva. Em inglês esses relatos descritos como mais comuns, muitos escravizados aprendiam a ler e escrever com mulheres que formavam as sociedades abolicionistas e passavam a dar testemunho contra a escravidão, essas irmandades costumavam recolher esses relatos e financiar a publicação para dar a conhecer ao público os terrores da escravização. A personagem cita apenas dois exemplos de relatos de escravizados em espanhol; as memórias do cubano Juan Manzano e o testemunho *Cimarrón* de Miguel Barnet.

Uma rápida comparação entre as histórias das personagens Fe Verdejo e Chica da Silva aponta algumas aproximações e distanciamentos que cabe destacar. Ambas são mulheres negras que se destacaram em sua época. Chica da Silva, ex-escravizada, casou-se com um rico fazendeiro e tornou-se uma mulher de bastante influência na sociedade da época. Àquela altura era inconcebível uma negra ocupar a posição social e econômica como a dela; os escravizados, de modo geral, eram considerados peças, que serviam apenas para o eito, no caso, específico das mulheres, para satisfazer os instintos luxuriosos dos homens brancos, jamais para constituir uma família e exercer a maternidade. No caso de Fe Verdejo, que figura no tempo presente da narrativa, uma história mais contemporânea, o sucesso da personagem advém de sua performance enquanto pesquisadora, assim como Chica, Fe desestabiliza toda uma visão social instituída acerca da mulher negra; no caso dela, a ideia de que a mulher negra é, nas palavras de bell hooks, um *corpo sem mente*, ou seja, não podendo desempenhar atividades intelectuais. No romance é inclusive destacado o fato de haver poucas intelectuais que como Fe Verdejo sejam negras.

Além da fama e poder, essas duas mulheres têm em comum o fato de se relacionarem com um homem branco. É interessante notar que a narrativa sugere que o casamento – oficializado no caso de Chica da Silva – e no caso de outras mulheres a relação erótico-afetiva mesmo não oficial, possibilitou a essas mulheres barganhar algo numa sociedade completamente restritiva e avessa a integração social dos/as negros/as. No passado, umas das poucas possibilidades da mulher negra conseguir negociar com a sociedade escravocrata branca era essa, mas contemporaneamente, a cena muda de figura e a personagem Fe Verdejo

se torna uma pessoa de renome, não porque conseguiu “um bom casamento”, mas em função de sua atividade profissional. Acredito que foi uma grande sacada da autora propor essas duas representações, uma vez que aponta a capacidade de negociação das mulheres negras, mesmo em situações mais restritivas.

Sem querer sugerir que a escravização foi melhor ou pior em um ou outro contexto, acredito que pelo fato das possibilidades de alfabetização dos escravizados em espaços da América Latina terem sido aparentemente bem mais limitadas que na parte norte da América, diminuíram as chances de produção de relatos sobre este período nefasto da história da humanidade. No Texto *Literatura Afro-brasileira: Algumas Reflexões*, Florentina Sousa afirma: “aos negros, africanos ou afrodescendentes, de acordo com a legislação vigente em todo período colonial e extensiva ao século XIX, não caberia escrever, publicar ou mesmo falar de si ou de seu grupo” (p. 65). Isto significa que havia uma legislação específica²⁷ que estabelecia a proibição do ensino para negros, os quais não apenas não tinham condições estruturais para tal, como eram terminantemente impedidos de fazê-lo.

No mesmo texto, no entanto, a autora cita o exemplo de uma carta assinada por Henrique Dias na qual denuncia ao rei de Portugal o desrespeito com que é tratado por alguns de seus comandantes, além de mencionar a existência de tratados escritos por escravizados em levante, bem como dos textos produzidos pelos participantes da revolta dos búzios e de irmandades negras, dentre outros. Tudo isso como indicativo de que negras/os, aproveitando algumas brechas no sistema escravocrata, atuaram como sujeitos e fizeram uso da escrita para falar de si, de suas demandas e de seu grupo.

Santos-Febres realizou os dois movimentos, partindo de uma mesma questão, as memórias da escravização. A autora desenvolveu pesquisas acadêmicas nesse sentido, mas extrapolou os muros da academia levando o tema e os conhecimentos correspondentes para suas narrativas literárias. No romance objeto desta dissertação, inclusive, há uma problematização do fato de que alguns assuntos são tidos como desinteressantes por alguns setores da academia, sobretudo os que se referem aos negros e afrodescendentes, como se lê:

Me cuenta Fe que durante los años anteriores a la afamada exposición sobre esclavas manumisas que le ganó prestigio y fama, el seminario estuvo a punto de cerrarse. No gozaba de suficiente presupuesto. El Departamento de Estudios Latinoamericanos — y su batallón de especialistas en Antropología Social — tenía otras prioridades que no incluían la investigación histórica em tiempos coloniales. Sin embargo, presionaba a los investigadores para que le dieran algo que presentar a posibles auspiciadores, ex alumnos ricos

²⁷ Um Lei complementar à Constituição de 1824 determina que os negros não podiam frequentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas, vide. *O Negro no Brasil* (1986), de Julio J. Chiavenato.

que quisieran donar algún dinero para sustentar la oscura misión de preparar profesionales latinos y, de paso, mantener activa aquella oscura instancia de la Universidad (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 21).

Neste trecho, a personagem Martin afirma que antes da famosa exposição armada por Fe Verdejo a qual renderia a historiadora fama e prestígio o Departamento de Estudos Latino-americanos de uma universidade em Chicago, na qual trabalhava, não demonstrava tanto interesse por pesquisas que envolveram o período colonial. Falar de colonização é também falar de escravização e dos negros escravizados. O referido departamento pressionava os pesquisadores a desenvolverem trabalhos que estivessem em consonância com os interesses dos ex-alunos ricos, que poderiam bancar as investigações e o respectivo setor. Como acadêmica que percorreu várias universidades, inclusive estadunidenses, Mayra conhece bem essa realidade e as ideologias e interesses políticos que subjazem tais práticas. Historicamente, interessou à academia, incluindo, claro, à sociedade mais geral, ocultar os traços negros e também as histórias-memórias da violência da colonização e escravização.

Na entrevista já citada, Santos-Febres lembra que nossos países nasceram desta relação de exploração e dominação, a nossa mestiçagem vem daí também, da violência imposta às mulheres negras e índias. Somos mestiços por conta desta experiência, porém nos recusamos a falar dela, da experiência histórica, das violações, mas também da história da criação de alianças, de amores, de afetos entre pessoas de cores diferentes. Na narrativa, é possível notar esse desconforto com o tema na personagem Martín ao se deparar com os documentos que Fe envia para ele:

Me observo pálido, más pálido que nunca. De mi piel ha desaparecido todo indicio e color. Distantes sol del Caribe. Me encuentro de una blancura vulnerable, como de animal a punto de ser degollado. No me queda más que esa blancura que es mi herida. Fe me lo ha hecho ver, la herida que habita en mi piel. (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 20).

Os arquivos traziam à tona as dores e as tormentas da escravidão. Os arquivos mostravam homens brancos, como Martín, sendo verdadeiros algozes para as mulheres negras. Os arquivos certamente causaram desconforto, angústia, quem sabe sentimento de culpa neste homem que, distante temporalmente do período, talvez nunca tivesse pensado nos papéis do branco neste cruel processo. Fe Verdejo e estes *archivos do mal* fizeram com que Martín passasse a ver a ferida que habita em sua pele. A pele aí como metonímia para corpo é vista como esse repositório de memória, nossos corpos também guardam as memórias da escravidão. No caso de Martín, sua própria existência, de certo modo, era a memória do que os seus antepassados provocaram nas mulheres negras naquele momento.

O romance, portanto, segue o fluxo das narrativas que visam preencher as lacunas da história, visibilizando conteúdos referentes a histórias-memórias das/os negras/os e rasurando discursos estereotípicos. Não se pode perder de vista, porém, o fato de que, como sinaliza Figueiredo, a literatura reinventa, reler, reelabora de forma imaginária e criativa os fatos históricos. No que se refere à narrativa de Mayra, a própria autora afirma:

Fe en disfraz es muchas cosas, pero, también, es una novela acerca de la memoria, de la herida que es recordar. Está montada sobre documentos falsos, falsificados, reescritos con retazos de declaraciones de esclavos que recogí de múltiples fuentes primarias y secundarias; que recombiné, traduje o que, francamente, inventé (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 117).

Este é um trecho da nota da autora que encerra o romance *Fe en disfraz*. Fica evidente a proposta de diálogo com a história, mas sem perder de vista o texto como criação. É interessante também a relação que a autora faz entre memória, recordação e ferida. Recordar, rememorar, relembra aparece como uma ferida justamente por se tratar de um processo que provocou tantas dores ao povo negro.

É importante ter em mente que – como afirma Nora – “história e memória não são meros sinônimos”. O caráter de construto da história que é, segundo o autor, “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (p. 09). Por se tratar de uma “operação intelectual” que visa recontar fatos já se passaram, precisa necessariamente selecionar aquilo que acredita merecer registro, aquilo que une os grupos e não separe. Por esta forte tendência à universalização, muitos fatos podem ser lançados ao esquecimento pela história, como já comentado.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. **A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual**, um ele vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. [...] **A história, porque operação intelectual** e laicizante, demanda análise e discurso crítico. [...] A memória emerge de um grupo que ela une [...] A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá vocação para o universal [...] (NORA, 1993, p. 9, grifos meus).

Por essa lógica, o trabalho de Mayra Santos-Febres enquanto pesquisadora e da personagem Fe Verdejo se aproximaria da história, pois ambas visam reconstruir o passado, preenchendo suas lacunas, a partir dos vestígios memorialistas. Este processo, porém, se dá a partir do que a memória fornece, por isso tenho insistido em não tratar essas duas categorias de forma dicotômica, apesar entender que não são sinônimas. Nora, apesar de tocar os pontos-

chave, constrói seu argumento a partir de um paradigma muito rígido, na minha visão, estabelecendo fronteiras muito bem definidas entre história e memória.

No romance de Santos-Febres a personagem principal recolhe as memórias da escravização através de entrevistas, coleta de dados nos locais nos quais se passaram as histórias que buscava recontar etc. Através do recolhimento de relatos de pessoais, memórias vivas, essa realiza uma *operación intelectual visando* reconstruir memórias e transformá-las em história, contudo uma outra história diferente da que circulava nos discursos hegemônicos, tanto do próprio contexto ficcional, quanto fora dele. No trecho abaixo, é narrado um diálogo da personagem Fe Verdejo com uma freira que aparentemente se encontrava em leito de morte e cuja contribuição foi decisiva para as pesquisas de Fe acerca da trajetória pessoal de Chica de Silva, a visita feita anteriormente a este mosteiro lhe rendeu uma das principais peças da sua exposição, um luxuoso traje da ex-escravizada. O relato passa a dizer:

Creí que lo habían quemado. Con ese traje fueron presentadas en sociedad mi abuela y la abuela de mi abuela. Pecado de soberbia, pecado de la carne. Es bonito, ¿verdad?

» — Hermoso — le contesté.

» —Te recomiendo que nunca te lo pongas. — me dijo la monja, sin saber que su advertencia era tardía—. Ese traje está habitado. Los arneses y la tela han bebido demasiado sudor y demasiadas penas. Dicen que es el que usó la misma Xica Da Silva cuando la presentó Fernández de Oliveira por primera vez en sociedad.

De Oliveira quería que Xica respirara lujo, que aquel traje espantara todo recuerdo de esclavitud del cuerpo de su amante. Ella se prestó. Hizo lo que pudo para aprender a llevarlo con el garbo de una señora. Confió en que el traje le bastaría. Pero la mona, aunque la vistan de seda...»

—La monja intentó reírse, pero se ahogó en su propio aire. Pasó un largo rato antes de que pudiera continuar su confesión. «—Xica era su mujer verdadera. Pero el Estado de aquella época no permitía casamientos entre blancos y negras.

Ella le parió a de Oliveira todos los hijos que pudo aguantar en el vientre. Él se llevó a sus cuatro hijos varones y les compró títulos de nobleza, allá en Portugal. Xica se quedó atrás con todas las hijas; todas mulatas, como ella. A todas las quiso hacer monjas.

Salvarlas. Las metía en un convento. Las ponía en ruta. Pero, entonces, pasados algunos años, no podía resistir el impulso de presentarlas en sociedad. Quizás los tiempos que cambiaban harían que algún criollo se casara con sus hijas. Así ellas lograrían insertarse en una sociedad que a ella nunca la quiso. Eran más claras de tez, de pelos más lisos. Más perfiladas. Sabían leer, escribir. Habían sido educadas por monjas. Así que, organizaba la gran fiesta. Desempolvaba el traje más lujoso que jamás se había visto en Tejuco, un traje incomparable, más rico que el de muchas dueñas de títulos;

el mayor tesoro que le legara João Fernádes de Oliveira» (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 77-78).

Este trecho apresenta alguns elementos que sugerem que a freira é descendente de mulheres que foram escravizadas, mas que também participaram da vida da alta sociedade, mais especificamente, da linhagem de Chica da Silva, uma vez que o vestido ao qual se refere pertenceu a essa grande figura da cidadezinha mineira de Diamantina, àquela altura conhecida como arraial do Tijuco. Isso pode ser confirmado se atentamos para a afirmação: *Con ese traje fueron presentadas en sociedad mi abuela y la abuela de mi abuela*. Quer dizer, se no romance o vestido pertenceu a Chica da Silva e a avó e bisavó da freira foram apresentadas à alta sociedade com o mesmo traje, alguma parentesco com ela a religiosa possuía, ainda que não esteja claramente marcado no texto. Outro que reforça esta ideia é que ao se referir diretamente às filhas de Chica da Silva, a monja diz que a então mulher do contratador João Fernandes de Oliveira tinha o costume de colocar as filhas em um convento, mas que sempre as apresentava à sociedade com luxuosos trajes, no intento de conseguir um bom casamento para as filhas, bem como ostentar a riqueza herdada do marido. Este comentário muito se relaciona com a experiência pessoal e familiar da freira, reforçando minha tese de leitura que aponta um provável parentesco entre a freira e a ilustre Chica da Silva.

Neste trecho há ainda a imagem do luxuoso vestido de Chica da Silva como um lugar de memória, um arquivo de um período da escravização brasileira, mas também da vida de uma mulher que encarou junto com seu marido o peso do racismo e a dificuldade de aceitação de um relacionamento inter-racial, entre um homem branco, rico e uma ex-escravizada, e ainda a memória de que muitas mulheres negras além de desfrutar de muito luxo, tiveram a possibilidade de aprender a ler, escrever, burlar as barreiras que lhes eram impostas. A freira acreditava que o traje era habitado, habitado por todas essas negras mulheres cujas histórias-memórias contribuíram para deslocar a imagem homogeneizante que se criou acerca das escravizadas, sempre lidas a partir de estereótipos redutores e negativos.

Apesar de gozarem de bens materiais, riqueza, o trecho em destaque, retirado do romance, é enfático ao sugerir que apesar disso, mulheres como Chica da Silva e sua descendência, continuavam a vistas desde uma lógica estereotipante, como afirma a freira: *De Oliveira quería que Chica respirara lujo, que aquel traje espantara todo recuerdo de esclavitud del cuerpo de su amante*, completando em seguida *Pero la mona, aunque la vistan de seda...* A fala reticente da freira pode indicar que a questão social, o luxo, o dinheiro, assim como a formação intelectual, religiosa e também o casamento com um homem conhecido não foram suficientes para livrá-la de ser alvo do racismo e sua ideologia. Assim como não

livraria ela própria que, após ser chamada de irmã por outra freira, declarou a Fe Verdejo: “— Yo no tengo hermanas —respondió—. La gente como yo jamás goza de ese privilegio. Ni aquí adentro, ni allá afuera. Afuera están los dientes, los depredadores. Acá, la absoluta soledad” (SANTOS-FEBRES, 2009, p. 78). Isso é indicativo de que mesmo no contexto do convento, em um espaço que se pretende defensor das qualidades cristãs (católicas), o racismo é evidente, a ponto de uma freira declarar que por ser negra não pode se considerar verdadeiramente irmã das demais, considerando isso inclusive um privilégio e apontando que embora protegida dos predadores de fora, estava sujeita a solidão dentro do convento, universo do qual fazia parte, mas não completamente, haja vista que pureza, castidade não são qualidades tradicionalmente atribuídas às mulheres negras. O romance apresenta, portanto, a extensão do Racismo – que não tem limites.

Desta conversa Fe Verdejo, além de colher mais algumas informações sobre a estrela da sua pesquisa, a ex-escravizada Chica da Silva, soube “exactamente qué rabia habitaba a la monja, cuál era su dolor” (p. 79), que se convertera de informante a sujeito de sua pesquisa. Talvez as conversas com Fe tenham sido um dos poucos momentos nos quais a religiosa tenha tido a oportunidade de falar de si, da sua família e das glórias e dores de ser o que se é. O completo silêncio em relação a este passado e estas histórias-memórias pode ter razões bastante complexas e diversas, dentre as quais podemos apontar/relacionar com o que nos diz Pollak: “Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (p.). Muito provavelmente esta mulher nunca encontrou alguém que a escutasse, alguém interessado em ouvi-la e registrar a memória referente a um período o qual a sociedade deseja passar uma borracha e agir como se nada tivesse acontecido. No entanto, “no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento”, afirma Pollak. As implicações para o presente são diversas, o que demanda o movimento realizado por Fe – de ir em busca, escavar, ler criticamente, interpretar e divulgar as memórias subterrâneas daqueles cujo direito de fala foi sempre negado. Sendo assim, podemos estabelecer uma aproximação entre a personagem Fe e a freira: o desejo de memória. Ambas, a primeira através do relato e a segunda através da sistematização e registro, visam preservar uma memória ancestral, a memória de mulheres negras que sofreram bastante sob o jugo da escravização, mas aproveitaram as brechas do sistema para denunciar e conseguir barganhar algo.

Logo, no sentido aqui proposto, o romance *Fe en disfraz* aponta um duplo movimento de produção de memória, primeiramente, no próprio contexto da narrativa, tendo em vista que a personagem principal é uma historiadora cuja pesquisa objetiva recolher depoimentos,

documentos com vistas a reinterpretar e difundir memórias relegadas ao esquecimento acerca de mulheres que viveram sob o jugo da escravização. Além disso, a narrativa tem um efeito de real, pois possibilita aos leitores repensar um assunto dado como encerrado, mas que ainda possui muitas lacunas a serem preenchidas.

Assim, a memória apresenta um outro sentido para além daquele associado à lembrança, de rememoração, aquilo que chamamos *anamnesis*, geralmente individual. Em *Fe en disfraz*, a memória não é individual, mas coletiva, assim como não é espontânea, mas produzida, em função de questões como o dever de memória e a política da memória, como aponta Paul Ricoeur, em *A memória, a história e o esquecimento* (2014). Esse deslocamento possibilita que o autor apresente a memória de maneira não linear, mas cíclica, que se desdobra na análise em duas frentes: “antes de mais como matriz da história, se nos colocarmos no ponto de vista da escrita da história, depois como canal da reapropriação do passado histórico tal como nos é narrado pelos relatos históricos”. Em ambos os casos o diálogo com a história é inevitável, e trazendo para a discussão aqui proposta, pensar a memória como matriz da história, quando está em questão a escrita desta última, nos dá base para reafirmar a ideia de memória como produção, e essa produção implica na escrita de uma (nova) história, o que ocorre no romance em questão.

As discussões feitas até então evidenciam que o romance revisita a memória da escravidão por meio de tradução e releitura de documentos históricos, tudo isso permeado pelo crivo da imaginação do escritor. Este faz um trabalho semelhante ao de um arqueólogo, como diz Figueiredo, apoiada nas proposições de Jacques Derrida:

[...] o arqueólogo (o escritor) deve escavar em busca de restos ou rastros do passado. Como se trata de uma história rasurada, a recuperação do passado pela escrita (literária ou mesmo historiográfica) vai juntar e rearrumar os dados do passado. Pode-se conceber esta sobreimpressão de elementos como um palimpsesto a ser decifrado, a ser recomposto, ressignificado. (FIGUEIREDO, 2010, p. 163)

Este trecho situa o escritor num contexto de busca pela recuperação e ressignificação do passado, operação que se dá por meio da escrita criativa. Esta rememoração, para ser significativa, deve repercutir no presente. Certamente, *Fe en disfraz* é um romance que nos faz refletir sobre uma questão traumática, ainda invisibilizada nos discursos correntes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Los escritores siempre escriben sobre sí, ya sea a través del disfraz de la ficción o a cuero pelado y autobiográfico. Lo que pasa es que vivimos en mundo donde algunos tiene acceso a 'la abstracción', 'el pensamiento', 'la imaginación' y otros no. A algunos les queda la pura experiencia como única fuente de conocimiento y la supervivencia como único saber. A unos les toca ser 'exóticos' y otros 'normales'. El problema es que cada vez habemos más híbridos, los que a través del esfuerzo, el sacrificio y la dedicación hemos podido transcender el reino para ganar acceso al mundo de la posibilidad. El camino está minado, hay muchas trampas por salvar. Pero por suerte tenemos la literatura para contar de dónde venimos e imaginar hacia dónde podemos llegar (Mayra Santos-Febres).

Estas palavras de Mayra Santos-Febres mencionadas no texto *Mi vida es una novela* que integra a coletânea de ensaios *Sobre piel y papel* (2005) constituem uma ótima via de entrada para minhas considerações finais, mas não minhas últimas palavras sobre a leitura aqui proposta. Ao longo dessa minha brevíssima trajetória acadêmica, pude aprender que esta tão desejada palavra derradeira não passa de uma utopia. A palavra é desdobrável. Escorregadia. Volátil. Carece de constantes reinterpretações, possibilitando que – felizmente – o saber continue circulando.

Voltando à epígrafe, ela é muito significativa, pois sintetiza algumas ideias aqui discutidas: i) a literatura é espaço de (auto) representação muito potente; ii) determinados sujeitos têm acesso privilegiado aos sistemas de representação; iii) determinados sujeitos têm feito empenhos para apropriar-se dos aparelhos hegemônicos de representação que historicamente lhes foram negados; iv) através da literatura é possível (re)inventar histórias-memórias e criar novas formas de perceber a si e o mundo.

A colonização e escravização, processos históricos muito referenciados neste trabalho, legaram aos/às negros/as além da intensa pobreza e preconceitos, a marginalização nos projetos de identitários das mais variadas comunidades imaginadas latino-americanas; quando apareciam, figuravam apenas como força de trabalho. O processo de construção de uma identidade nacional para essas sociedades dado o contexto mencionado – e apesar dos processos sócio-históricos que as particularizam – foi pensado na dialética do lembrar e do esquecer. Benedict Anderson, no livro *Comunidades Imaginadas* (2009) em discussão sobre memória e esquecimento, deixa entrever que no processo de constituição da “história” de uma nação, algumas memórias são escolhidas para serem lembradas e outras para serem

esquecidas, e um processo não acontece sem a participação do outro, ou seja, não existe memória sem esquecimento.

Focalizando-se o caso específico da construção da nacionalidade brasileira, como afirma Maria Nazareth Soares Fonseca (2000), só pode ser construída “com o esquecimento da violência que viabiliza a unidade” almejada por esse projeto, “violência contra os índios, contra os negros e contra o povo de modo geral”, ao lado disso, nota-se a tentativa de encobrir “o alijamento dessas minorias dos pactos sociais legitimados como direito do povo brasileiro” (p. 91). Essas considerações da autora só vêm ratificar a ocultação da diferença (principalmente dos diferentes) e de todas as violações à humanidade, à dignidade e aos direitos destes sujeitos que historicamente foram objetificados, coisificados, explorados na sociedade brasileira. Situação que, sabemos, não é exclusiva do Brasil.

Nesse processo, é inegável que a elaboração de um cânone literário também está fincada nesta lógica de seleção e exclusão, no caso, as minorias políticas e sociais, a saber, negros/as, mulheres, índios, homossexuais, lésbicas e outros, acabam sendo excluídas, ou seja, são eleitas para ser lançadas em total esquecimento. Reproduzindo, assim, na cena literária, a mesma lógica discriminatória que já inviabilizava a integração social desse contingente da população. Quando apareciam nas produções literárias, ou em outros artefatos culturais, era de forma depreciada, estereotipada, desumanizada, para ratificar um aspecto negativo que era atribuído a essa identidade a fim de assegurar a supremacia do grupo hegemônico. Tendo em mente essas ponderações, saliento a potencialidade da literatura enquanto espaço de construção, validação e divulgação de representações sociais, o qual tem sido historicamente utilizado pelos setores mais elevados da população para garantir seu *status quo* e manter os demais na marginalidade.

Por terem acesso privilegiado aos sistemas de representação, às formas canônicas de escrita, aos meios de produção e divulgação de comunicação, além de se deter o poder socioeconômico, político e ideológico, as elites brancas dos mais variados espaços da América Latina e demais locais onde agiu a empresa colonial – resguardando-se as experiências particulares – se estabeleceram enquanto também em função da possibilidade de construir uma imagem positiva de si em detrimento dos demais. A dominação colonial foi principalmente ideológica. Tanto é que ainda hoje esse discurso continua reverberando no imaginário coletivo e nas práticas cotidianas. Focalizando-se o contexto literário, isso fica evidente ao observar que o cânone literário ocidental é constituído hegemonicamente de homens, brancos, cristão (católicos), heterossexuais. O que mais assusta não é este fato em si. O que mais assusta é estes discursos são assimilados pelas pessoas como se fossem naturais –

que em hipótese alguma questionam as representações produzidas por essas “grandiosas” figuras.

Toda forma de opressão traz em si a resistência, isso significa, que mesmo nas condições mais adversas, os oprimidos têm a capacidade de reagir contra o sistema que lhe subjuga. No caso das/os negras/os e no que se refere à produção escrita, literária, sempre que puderam se utilizaram desse expediente para falar de si, de suas dores, angústias, para exigir direitos e respeito, isso desde as épocas mais remotas, onde as brechas no sistema eram poucas, até os dias atuais, em que a cena encontra-se mais favorável, e não mais – embora tentem – como calar nossa voz.

Em discussão sobre a produção literária de escritoras negras baianas, Ana Rita Santiago (2012) afirma:

[...] a produção literária de escritoras negras contemporâneas pode minar processos e coisificação, a que foram reduzidas personagens negras femininas na literatura brasileira, pois vozes se erguem, perspicaz e agudamente, contra estereótipos, estigmas, discriminações e visões exóticas, colonialistas que ainda passeiam em trânsito literários. Para tanto, conciliam e opõem igualmente quando necessário, o passado histórico e o presente, bem como pontos culturais africanos tradicionais como aqueles ressignificados no Brasil (SANTIAGO, 2012, p. 22)

A partir dessas considerações da autora, saliento um ponto muito importante da produção de escritoras e intelectuais negras da contemporaneidade: a insurgência contra imagens redutoras e estereotipantes produzidas e reiteradas historicamente pela literatura acerca das mulheres negras. Nesse processo, muitas vezes faz-se necessário recorrer à história e a memória ancestral seja para torná-las conhecidas seja para ressignificá-las. Na tradição dos povos Akan, originários da África Ocidental, esse movimento é traduzido pelo provérbio “Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi” que pode ser traduzido como: não seria errado voltar para trás e recuperar o que você perdeu. O sankofa, símbolo referido neste provérbio, seria um pássaro que está voltado para frente, mas com o olhar voltado para trás; assim, muito bem representa o retorno ao passado, além de chamar nossa atenção para o fato de que temos muito a aprender com ele.

Aprender com o passado nos ajuda a entender o presente e projetar melhorias para o futuro, daí a importância das produções que se dedicam a revisitar o passado e lançar um novo olhar sobre ele. Leio muito o romance aqui analisado por esse viés uma vez que, como discutido, apresenta uma proposta de interpretação das histórias-memórias das mulheres negras escravizadas por um viés diferenciado. Indicando, assim, que diferente do que muitos

consideram este passado não está esgotado, tão pouco superado, ao contrário, continua reverberando no presente e por isso deve ser revisitado de um modo crítico.

Em *Fe en disfraz*, a personagem principal desempenha um trabalho de pesquisa que visa recontar as histórias-memórias de negras mulheres que viveram sob o jugo da escravização, evidenciando a força, a coragem e a capacidade de se reinventarem mesmo num contexto tão opressor e violento. A representação forjada no romance em questão é muito diferente daquelas tradicionalmente encontradas na literatura hegemônica. Além de visibilizar sob um ótica diferenciada essas histórias, o romance dialoga bastante com a lógica do sankofa apresentada acima, pois uma vez que a personagem principal – mulher, negra, latino-americana, descendente de mulheres que foram barbaramente escravizadas – é colocada como agente no processo de reler e divulgar uma outra mirada acerca dessas histórias-memórias ela é conduzida a reler sua própria história, enfrentar seus fantasmas particulares e enfrentar também as imagens fantasmas que continuam assombrando as mulheres negras: os estereótipos cristalizados no imaginário coletivo desde a colonização.

Logo abaixo, apresento alguns recortes da cena que narra o último encontro de Fe Verdejo (e todas as mulheres que lhe habitam) e Martín Tiralo (e todos os homens que lhe habitam). Os dois vivenciam ao longo do romance uma relação em que dor e prazer estão lado a lado, sugerindo que a autora objetiva retomar, no presente da narrativa, as dores a que eram submetidas às mulheres negras em suas relações na maioria das vezes forçadas com os homens brancos. Esse modo de se relacionar foi estabelecido pela personagem Fe, e Martín acatou sem demora e nos encontros amorosos era comum eles utilizarem objetos cortantes para fazer fissuras no corpo um do outro, assim, sangue, dor, prazer e memória se misturavam. Assim a personagem Fe Verdejo se conectava com as histórias-memórias das escravizadas, suas ancestrais; talvez sentir um pouco das dores que elas sentiram; talvez transformar seu corpo numa tela das memórias que lhe atormentam, mas das quais não pode escapar: a memória da escravização. Passemos a leitura do relato introduzido pelo narrador Martín:

Me imagino, por ejemplo, cómo veré a Fe mutando ante mis ojos. Se convertirá en cortesana haitiana de los tiempos de Henri Christophe, en la mismísima Xica Da Silva, en todas esas mujeres negras, trasplantadas por un extraño curso del azar (y de la Historia) a ese traje, a esa otra piel. La veré también como Fe Verdejo, la insigne historiadora, esclava de su tormento.

[...]

Me esperará a solas, en ese cuarto desprovisto de otros muebles que no sea el diván de madera. Se mantendrá parada en medio de la estancia como una

reina. Sin embargo, sabré que, bajo el disfraz, su piel rasgada por alambres cuenta una misma historia — la repetida, la inmutable —. Su piel ansía más ardor. Ansía liberarse en el ardor; botar la complejidad de su sangre. Yo, Martín Tirado, me someteré obediente a los avatares de esa historia. Me desnudaré y esperaré mi mandato.

[...]

Haré que mi dueña olvide quién ha sido. Historiadora famosa, aprendiz de monja, niña vejada.

[...]

Me hundiré dentro de ella hasta que gritemos juntos. Hasta que olvidemos juntos quiénes hemos sido. Abandonarse es, a veces, la única manera de comenzar. (SANTOS-FEBRES; p. 114-115).

Destaquemos alguns pontos deste trecho: o corpo como tela (o passado também está materializado em nosso corpo); o traje de Chica da Silva (o arquivo, a reminiscência do passado); cama-divã; relação homem/branco mulher/negra.

Logo no início do texto em questão, o narrador Martín antecipa a imagem que teria de sua amada Fe, imagem esta que remeteria a todas as mulheres cujas histórias conheceu de perto com seus trabalhos de ilustração – Chica da Silva, María e Petrona, Diamantina e outras. Esse comentário do personagem dialoga com nossa proposta de interpretação de que o corpo funciona como tela de representação, bem como receptáculo de memórias. Sabemos pela narrativa que Fe Verdejo é uma intelectual renomada, no entanto, ao imaginário criado acerca das mulheres negras sempre remete ao passado de servidão, à suposta passividade, além da sexualização extremada do corpo e atribuição às mulheres e homens negras de características como lascividade, promiscuidade.

Essas representações perduram ainda hoje a ponto de, no caso das mulheres negras, por exemplo, o corpo, a pele serem utilizados por muitos como elementos decisivos também para definir quem somos, ou seja, nossas características são usados como caracteres definidores da nossa identidade por aqueles que insistem em nos ver dentro dos papéis de subalternidade. Todavia, no romance estudado, o que se observa é o movimento justamente contrário, uma vez que a protagonista quebra uma série de estereótipos criados acerca da mulher negra, além disso, as mulheres escravizadas não são lidas como promiscuas ou passivas, mas como sujeitos ativos na luta pelo fim da opressão escravagista.

Um outro dado interessante no trecho em destaque é a referência à importância do arquivo. Como museóloga a personagem Fe Verdejo tinha interesse especial pelos arquivos, pelos objetos utilizados no passado e que contribuíssem com o entendimento do modo de vida da época estudada. Na perspectiva por mim adotada, o arquivo é uma sobrevivência do

passado e pressupõe a reunião de uma série de signos que remete a esse tempo aparentemente superado. Como já discutido, um desses arquivos referidos no romance é o luxuoso vestido de Chica da Silva que em alguns momentos é vestido pela personagem Fe Verdejo, sempre sendo tratado como disfarce. Nesse trecho em específico é mencionado que debaixo desse disfarce (de Chica da Silva) que a personagem Fe Verdejo usa sua pele conta uma história, de dor e sofrimento, repetida e imutável, ou seja, uma história que se repetiu de modo semelhante com inúmeras mulheres negras escravizadas. Ao vestir o traje, Fe se conecta com essas histórias, no entanto, ansia libertar-se desse sofrimento, e isso ocorre ao final da cena quando ela rasga o vestido em questão. A memória pode trazer em si o sofrimento, mas essa cena demonstra quão importante foi para a personagem enfrentar todos os fantasmas da escravização, quão importante foi voltar-se para o seu passado, a fim de com ele aprender, além de abrir o caminho para uma outra perspectiva de futuro.

REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>. Acesso em: 31/01/2016.
- _____. **Sejamos todas feministas**. Tradução de Cristina Baum. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.
- ANDERSON, Benedict Richard O'Gorman. Memória e esquecimento. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- Azevedo, Luciene. Representação e Performance na Literatura Contemporânea. In: **Aletria: estudos literários**, v. 16, 2007, p. 80-93.
- ACHUGAR, Hugo. Direitos de memória: sobre independências e Estados-nação na América Latina. In: _____. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 221-249.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da Memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e Cultura A importância na formação cultural humana**. São Paulo: SESC SP, 2007.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Miriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 105-128.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CELIS, Nadia V.; RIVERA, Juan Pablo. Itinerario: Mayra Santos Febres, Figura Y Obra. In: _____. **Lección errante: Mayra Santos Febres y el Caribe contemporáneo**. San Juan & Santo Domingo: Isla Negra Editores, 2011, p. 13-23.
- CUTI (Luis Silva). Lima Barreto. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- _____. **Lección errante: Mayra Santos Febres y el Caribe contemporáneo**. San Juan & Santo Domingo: Isla Negra Editores, 2011. Resenha de BIRD-SOTO, Nancy. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v26/birdsoto.htm>>. Acesso em 12/08/2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo**. Disponível em: <<http://gelbcunb.blogspot.com.br/2015/07/a-construcao-do-feminino-no-romance.html>>. Acesso em: 31/01/2016.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe** [livro eletrônico]. Tradução livre, 2013. Disponível em: <<http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/angela-davis.pdf>>. Acesso em: 31/01/2016.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Del advenimiento del feminismo y la voz femenina en la literatura puertorriqueña. Disponível em: <<http://andres.myweb.uga.edu/trasfondopr.htm>>. Acesso: 29/03/16.

DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974. p. 259-271.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem fantasma: sobrevivência das formas e impureza do tempo. In: **A imagem sobrevivente: história da arte dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. As (re)escritas da escravidão: questões teóricas. In: _____. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. 2010. p. 161-170.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.

_____. **História da sexualidade 2: uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. 27. ed. Organização e Revisão Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013. p. 53-86.

Guattari, Félix. Da produção de subjetividade. In: _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 11- 44.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

GIROUX, H.; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (orgs.) Territórios contestados. Petrópolis: Vozes, 1995, p.144-58.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Revista Tempo Brasileiro**, 92/93, 69/82, jan-jun, 1998. 19 a 41.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger; Sayonaram Amaral. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP & A, 2003.

hooks, bell. Intelectuais negras. In: **Estudos Feminista**. v.3, n. 2, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>>. Acesso em: 31/01/2016.

HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno rumo a uma poética. In:_____. **Poéticas do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 19-41.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo**, n.10, p. 7-28, dez.1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em 10 out. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva** – da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões; 20).

MENESES, Ulpiano Bezerra. Os paradoxos da memória. In: **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: SESC SP, 2007. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/23925159-meneses-ulpiano-bezerra-de-os-paradoxos-da-memoria-in-miranda-danilo-santos-de-memoria-e-cultura-a-importancia-na-formacao-cultural-humana-sao-paulo.html>>. Acesso em: 04/03/2016.

PACHECO, Ana Claudia. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador, Edufba, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Fe en disfraz**. Guaynabo. Puerto Rico: Alfaguara, 2009.

_____. **Sobre piel e papel**. Puerto Rico: Ediciones Callejón, 2005.

_____. **Nuestra señora de la noche**. Espanha: Editorial Espasa, 2006.

_____. **Sirena Selena vestida de pena**. Barcelona: Mondadori, 2000.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

_____. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e a guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da Identidade e da diferença. In:_____. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.

SHRIMTON, Margareth. El Caribe fluctuante, una metonimia definitoria? Transgresión y desconstrucción en Sobre piel e papel. In: CELIS, Nadia V.; RIVERA, Juan Pablo. **Lección errante: Mayra Santos Febres y el Caribe contemporáneo**. San Juan & Santo Domingo: Isla Negra Editores, 2011, p. 153-168.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro descendência em Cadernos Negros e Jornais do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. História e Literatura: saberes em diálogo. In: **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v. 4, n.2, dez. 2015, p. 15-28.

_____. Solano Trindade e a Produção Literária Afro-Brasileira. **Afro-Ásia**, v. 31, 2004, p. 277-293.

_____. Literatura Afro-brasileira: Algumas Reflexões. In: **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, v. 01, n. 02, 2003, p. 64-72.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, UFMG, 2014.

VAN DIJK, Teun A. (org). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

WEST, Cornel. "The dilemma of the Black Intellectual". In: **The Cornel West: reader**. Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315. (Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana; Guacira Cavalcante; Marcos Aurélio Souza).